

MULHERES

Para Peter Brook, um dos maiores encenadores e pensadores contemporâneos, em seu livro *A Porta Aberta* (2010), “o teatro não é um acontecimento cultural, mas sim um acontecimento de cultura”. Compreendemos então que quanto mais o ser humano rebusque as suas entranhas, as suas raízes, os seus mitos e ritos, o seu mais profundo sentido e razões de ser, mais verdadeira, menos superficial, mais única e ao mesmo tempo universal será a sua arte. É com este rico sentimento que me debruço sobre a obra dessa matriarca, Lourdes Nunes Ramalho; com o meu mais profundo respeito, carinho e agradecimento.

A tessitura de suas personagens femininas extremamente fortes e livres das amarras sociais, “deve-se muito mais às fortes mulheres com quem conviveu dentro de sua própria família do que a compreensões teóricas quanto à importância de representar o 'feminino' de forma menos apática, mais combativa”. Mesmo nunca tendo feito parte de grupos feministas, a sua obra vem, desde a adolescência e início da sua carreira, quebrando convenções sociais, discutindo valores impostos e, com propositais requintes de despudor, trazendo à tona realidades e tradições do Nordeste brasileiro.

Quem não viveu a singular experiência de entrar na casa de D. Lourdes, sentar à sua gigantesca e pesada mesa de

Teatro [quase completo] de Lourdes Ramalho

Valéria Andrade
Diógenes Maciel
(Orgs.)

Mulheres

Vol. II


ed UFAL

Para além de inventariar a cultura do Nordeste brasileiro, Lourdes Ramalho desenvolve, no conjunto de sua produção dramática, e, de modo muito particular, nos seis textos que compõem o presente volume, um projeto anti-patriarcal e emancipatório que, embora privilegie a questão 'mulher/mulheres', a ela não se restringe. Suas figuras femininas mostram, não por acaso, uma diversidade espantosa, indicando a afinidade da autora com compreensões de gênero mais amplas e menos essencialistas, como também sua percepção do quanto estão imbricadas questões de gênero e questões regionais. Tanto mulheres quanto homens com interesse numa literatura marcada por perspectivas emancipatórias relacionadas às várias tensões que compõem o tecido cultural brasileiro, não limitada por visões binárias de mundo, sentir-se-ão à vontade no universo feminino-feminista-libertário de Lourdes Ramalho.



madeira tosca e maciça? Quem nunca saboreou os seus pratos típicos, os seus bolos e doces caseiros, regados a café e a conversas intermináveis? São histórias de muitas vidas, ancestralidade, a sua dedicação às causas sociais e o sentido da sua existência. Quem nunca teve este prazer não poderá muito compreender a minha emoção ao escrever estas linhas.

Morei em Campina Grande e pude da sua obra viver algumas personagens. Fui o Corruptio (vento dançante, da opereta Infantil *Corruptio e Tangará*) e fui Palmira e Maria Exaurina do espetáculo *Fêmeas* (com texto de Lourdes Ramalho e Átila Almeida). Nunca esqueci a sua sala repleta de fotografias, em cada menor espaço. Ali estão todos os seus remanescentes e atuais familiares; com certeza um rico arsenal para sua memória, laboratório e imaginação criativa.

Com ela revivi também o resgate e compromisso de uma antiga memória familiar de tradição judaica. Aprendi com o Corruptio a leveza do verdadeiro Amor e com Maria Exaurina a força para extrair da dor mais profunda um novo motivo para seguir, no qual o poder já não é externo, mas vem do centro do seu ser.

A esta bela, forte, humilde e altiva, cativante e sábia mulher, a minha reverência e o meu mais sincero Amor.

Eleonora Montenegro
(atriz, dramaturga e professora da
UFPB)

TEATRO [QUASE COMPLETO]

DE LOURDES RAMALHO

V. 2: MULHERES

MARIA DE LOURDES NUNES RAMALHO

**TEATRO [QUASE COMPLETO]
DE LOURDES RAMALHO**

ORGANIZAÇÃO, FIXAÇÃO DOS TEXTOS, ESTUDO INTRODUTÓRIO E NOTAS
DE VALÉRIA ANDRADE E DIÓGENES MACIEL

V. 2: MULHERES


edUFAL
MACEIÓ
2011



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Reitora

Ana Dayse Rezende Dorea

Vice-reitor

Eurico de Barros Lôbo Filho

Diretora da Edufal

Sheila Diab Maluf

Conselho Editorial Edufal

Sheila Diab Maluf (Presidente)
Cícero Péries de Oliveira Carvalho
Elton Casado Fireman
Roberto Sarmento Lima
Iracilda Maria de Moura Lima
Lindemberg Medeiros de Araújo
Leonardo Bittencourt
Eurico Eduardo Pinto de Lemos
Antonio de Pádua Cavalcante
Cristiane Cyrino Estevão Oliveira

Revisão: Valéria Andrade e Diógenes Maciel

Capa: Lucas Marques

Imagem da capa: Foto de Gustavo Moura

Na foto: Eleonora Montenegro

Espectáculo Fêmeas, de Lourdes Ramalho e Átila Almeida; encenação de Moncho Rodriguez; 1989.

Diagramação: Marseille Lessa

Supervisão gráfica: Márcio Roberto Vieira Mélo

Catálogo na fonte

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - BIBLIOTECA CENTRAL

Divisão de Tratamento Técnico

BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL: HELENA CRISTINA PIMENTEL DO VALE

R165t Ramalho, Maria de Lourdes Nunes.
Teatro [quase completo] de Lourdes Ramalho / Maria de Lourdes Nunes Ramalho; organização, fixação dos textos, estudo introdutório e notas de Valéria Andrade, Diógenes Maciel. - Maceió : EDUFAL, 2011.
176p.

Conteúdo: v. 2. Mulheres.

Inclui bibliografia.

1. Teatro brasileiro. 2. Teatro popular. 3. Mulheres. 4. Dramaturgia. I. Título.

CDU: 82-2:398.51

ISBN 978-85-7177-586-2

Direitos desta edição reservados à

Edufal - Editora da Universidade Federal de Alagoas
Campus A. C. Simões, BR 104, Km, 97,6 - Fone/Fax: (82) 3214.1111
Tabuleiro do Martins - CEP: 57.072-970 - Maceió - Alagoas
E-mail: edufal@edufal.ufal.br - Site: www.edufal.ufal.br

Editora afiliada:



SUMÁRIO

Introdução	7
A mulher da viração	29
Fiel espelho meu	67
Guiomar sem rir sem chorar.....	83
Guiomar, a filha da mãe	113
Um homem e uma mulher	139
Uma mulher dama.....	151

INTRODUÇÃO

O TEATRO FEMININO-FEMINISTA-LIBERTÁRIO DE LOURDES RAMALHO

Valéria Andrade

Liane Schneider

Diógenes Maciel

Eu não espero que as mulheres tenham poder sobre os homens, mas sobre si mesmas.

Mary Wollstonecraft

Elza Cunha de Vincenzo, em seu texto “Brasil nos anos difíceis e a dramaturgia da mulher”,¹ chama a atenção para determinado momento do teatro brasileiro contemporâneo: o final da década de 1960. No ano de 1969, público e crítica paulistanos são surpreendidos pelo surgimento de um número

¹ VICENZO, Elza Cunha de. Brasil nos anos difíceis e a dramaturgia da mulher. In: *Um teatro da mulher: dramaturgia feminina no palco brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 3-23.

proporcionalmente grande de dramaturgas, marcando presença no campo autoral do teatro. Esta eclosão de autoras de teatro consolidava um espaço que vinha ganhando força desde fins da década de 1930, com vários nomes, surgidos em diferentes pontos do país, como Maria Jacintha, Clô Prado, Rachel de Queiroz e Edy Lima, dando continuidade ao processo de formação da nossa tradição de autoria feminina, deflagrado na segunda metade do século XIX, no Rio de Janeiro, com a produção de Maria Angélica Ribeiro.² A novidade, destacada pela crítica da época na imprensa, foi a irrupção de um conjunto de dramaturgas, compondo, ao lado de vários dramaturgos também estreados, um movimento que atestava “a maturidade do nosso palco”, segundo palavras de Sábato Magaldi, anotadas por Elza de Vincenzo no texto referido.

Designada pela crítica como *nova dramaturgia*, esta produção ganha visibilidade, em termos de autoria feminina, com os nomes de Leilah Assunção, Consuelo de Castro e Isabel Câmara, num primeiro momento e, em seguida, com os de Renata Pallottini, Hilda Hilst e Maria Adelaide Amaral, esta última a partir de 1978. Tanto quanto seus pares masculinos, estas autoras desenvolvem uma proposta de teatro diferente em vários aspectos daquele que vinha se fazendo no Brasil, notadamente em São Paulo, nos dez anos imediatamente anteriores – o chamado teatro político, praticado principalmente pelo Arena e, com algumas diferenças, inclusive de resultados, pelo Oficina. Iniciado com a encenação

² Em referência ao ineditismo do “aparecimento quase simultâneo” de várias dramaturgas a partir de 1969, a autora de *Um teatro da mulher* argumenta que a dramaturgia brasileira do passado só esporadicamente registra nomes de mulheres, concluindo pela “quase ausência de autoras” anteriores à do período que analisa (p. xvi). No entanto, em pesquisa voltada especificamente para a reconstituição do processo de formação referido, temos o registro não apenas de uma regularidade da escrita de Maria Ribeiro, entre 1855 e 1880, mas também de uma continuidade, a partir daí, de uma produção de autoria feminina, surgida tanto no Sudeste quanto no Sul e no Nordeste do país; cf. [ANDRADE] SOUTO-MAIOR, Valéria. *Entre/linhas e máscaras: a formação da dramaturgia de autoria feminina no Brasil do século XIX*. 2001. Tese. (Doutorado em Letras – Literatura Brasileira) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB. 401 p.

de *Eles não usam black-tie* (1958), de Gianfrancesco Guarnieri, esse teatro político, para além de romper com formas dramáticas tradicionais e experimentar novas estéticas, voltava-se, com ênfase, para a proposta de criar uma dramaturgia sintonizada com certa visão da realidade brasileira, uma dramaturgia que mostrasse, de fato, a “cara” do Brasil, encenando os dramas vividos por grupos sociais marginalizados, com ênfase na representação do proletariado urbano. Desenvolvia-se uma produção sistemática de textos para teatro que ficaria conhecida como dramaturgia nacional-popular.³

A partir da decretação do AI-5, em 1968, com a retração desse teatro político e, na seqüência, com a entrada em cena da *nova dramaturgia*, o que se percebe é o eclodir de uma produção caracterizada “por apresentar em comum o traço da sinceridade, da autenticidade, [...] de uma expressividade individual muito marcada, [...] um tom quase confessional”⁴ – que, por isso mesmo e, num confronto apressado com a produção anterior, ganharia a pecha de “teatro alienado”.

Elza de Vincenzo, entretanto, em sua leitura sobre a dramaturgia de autoria feminina das décadas de 1960-1980, argumenta, com toda propriedade, que essa nova dramaturgia se revela, igualmente, uma dramaturgia de cunho político, embora diferenciado daquele do “teatro político”. Particularmente interessada em examinar a presença e o desempenho das mulheres como autoras desta nova produção dramaturgic, a estudiosa toma como eixo de sua discussão a relação entre o fenômeno de emergência e estabelecimento da dramaturgia de autoria feminina e o ressurgimento dos movimentos feministas no final da década

³ Para um estudo circunstanciado desta proposta e seus desdobramentos no teatro brasileiro, ver MACIEL, Diógenes André Vieira. *Ensaio do nacional-popular no teatro brasileiro moderno*. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2004.

⁴ VINCENZO, op. cit., p. 5.

⁵ Ibidem, p. 18.

de 1960. A dramaturgia feminina deste período tem, nas suas palavras, “um caráter duplamente político: apresenta uma impregnação política que é comum a toda a nova dramaturgia, mas impregna-se paralelamente do sentido de uma outra política: a do feminismo contemporâneo, cujo ar se respira de fins da década de 60 para cá.”⁵ Argumentando em relação a este entrecruzamento de temas explicitamente sociais e políticos com outros de uma vertente política específica – a feminista e feminina –, a pesquisadora chama a atenção para a dificuldade de distingui-los na intrincada rede que formam, sobretudo porque o que está em jogo é a luta contra a opressão e suas conseqüências. Contudo, não deixa de pontuar a especificidade das reivindicações de gênero veiculadas pela produção de autoria feminina:

Mas no caso dos textos femininos o que se coloca simultaneamente e se discute de forma intensa – uma discussão que ultrapassará o período de repressão – é também um outro tipo de questão: a do poder implícito nas relações homem-mulher, no contexto de um novo tempo (em que estão sendo também discutidos os problemas das minorias em geral).⁶

Abrimos aqui um parêntesis para uma breve reflexão em torno da relação entre escrita dramática de autoria feminina e demandas do feminismo. Apontada por Elza de Vincenzo em referência ao contexto brasileiro pós-68, esta relação é também discernível, por exemplo, quase um século antes, momento em que, em meio aos processos de formação de uma nova consciência de gênero e de renovação da cena teatral entre nós, começa a se formar a primeira geração de dramaturgas brasileiras. Maria Ribeiro, ‘matriarca’ desta

geração – única mulher, até onde se sabe, a integrar o grupo de escritores e intelectuais mobilizados pela idéia de criar o teatro nacional –, não se furta a levar ao palco protestos e reivindicações de teor feminista, embora quase sempre os tenha incorporado apenas nas entrelinhas de seus textos, como em *Cancros sociais* (1866, escrita em 1865). De feição abolicionista, este drama ganha contornos específicos por recriar – de uma perspectiva crítica em relação à privação do direito da convivência familiar – a experiência de mulheres negras e mestiças no Brasil escravista relacionada com a exploração sexual pelo homem branco, que resultou, com freqüência espantosa, na comercialização de mães por seus próprios filhos. Por outro lado, a convicção da dramaturga quanto a serem os homens “a causa primordial de todos os erros da mulher”,⁷ é assumida, com todas as letras, pela voz da personagem Matilde, que faz o *raisonneur* do drama, para também condenar o casamento por interesse e defender o divórcio como solução que em nada desonrava a mulher vitimada por este outro *cancro social*.

Uma geração depois, com as idéias sufragistas já batendo às portas do nosso pré-feminismo, a jornalista Josefina Álvares de Azevedo distende os espaços de sua militância pelos direitos eleitorais das mulheres, formalizando-a esteticamente na comédia *O voto feminino* (1890). Uma querela doméstica, gerada pela expectativa em torno da posição do governo sobre a procedência ou não do alistamento eleitoral das mulheres, compõe a ação dramática criada pela ativista para sensibilizar os parlamentares da República recém-instituída quanto ao pleno exercício da cidadania feminina. Contudo, utiliza a ocasião para satirizar a

⁵ RIBEIRO, Maria [Angélica]. *Cancros sociais*. Rio de Janeiro: Eduardo & Laemmert, 1866. p. 16. Esta convicção é reiterada na maior parte da dramaturgia da autora recuperada até o momento, que inclui, além de *Cancros Sociais*, as comédias *Um dia na opulência* e *A ressurreição do Primo Basílio*.

⁶ Ibidem.

resistência masculina frente aos primeiros movimentos da demanda sufragista no Brasil.⁸

Passados outros vinte e cinco anos, em meio à ebulição social gerada por um surto de crimes passionais contra mulheres no Rio de Janeiro,⁹ Júlia Lopes de Almeida e Guilhermina Rocha escrevem, respectivamente, *Quem não perdoa* (1917, escrita em 1912) e *Volúpia* (1914). Para além de problematizar a violência contra mulheres, as duas voltam-se também, cada uma à sua maneira, para as tensões e as contradições vivenciadas pelas brasileiras e também pelos brasileiros daquele momento de mudanças aceleradas em relação aos novos arranjos sociais de gênero.¹⁰

No contexto europeu, num momento histórico bem anterior, o da Revolução Francesa e de gestação dos fundamentos feministas, Olympe de Gouges, que publicou, em 1791, a *Declaração dos direitos das mulheres e da cidadã*, fez barulho também escrevendo textos abolicionistas e feministas para teatro. Como assinala a historiadora e teórica feminista contemporânea Joan Scott, em seu livro *A cidadã paradoxal*,¹¹ a montagem teatral de um destes textos, *Zamore et Mizrah ou L'esclavage des nègres*, em 1789, foi proibida pelas autoridades parisienses, depois de algumas récitas, atendendo

a uma organização de senhores de escravos, receosos de que o espetáculo repercutisse estimulando rebeliões nas colônias.

Em seu artigo “O enigma da igualdade”, Joan Scott também dá novo destaque à militante Olympe de Gouges, que defendia a entrada dos sujeitos femininos no mundo dos direitos, da cidadania. Scott aponta de Gouges como uma pré-feminista do século XVIII, que tinha consciência do risco de ser condenada pelos formadores de opinião de sua época como “uma mulher que teria somente paradoxos a oferecer.”¹² Por volta do final deste mesmo século, outra pensadora e precursora do feminismo, Mary Wollstonecraft, falava, a partir da Inglaterra, sobre a necessidade de se perceber a mulher como ser humano, merecedora dos mesmos direitos de todos os outros seres pelos quais os revolucionários franceses lutaram. Scott reafirma que certo teor paradoxal faz parte do que o feminismo pode trazer a público ainda hoje, sem pretender oferecer soluções fáceis para problemas historicamente construídos. Mais de dois séculos após o ecoar das palavras revolucionárias de Olympe de Gouges, na França, e Mary Wollstonecraft, na Inglaterra, Joan Scott continua afirmando que questões que envolvem igualdade e diferença, direitos individuais e identidades grupais devem ser tratadas em toda sua complexidade dentro do tenso campo do debate teórico feminista no qual, possivelmente, os paradoxos são “o próprio material a partir dos quais políticas são construídas e a história é feita.”¹³ A intenção central do texto de Joan Scott é dar destaque à tensão inevitável que é trazida à tona pela agenda feminista dentro de culturas marcadamente patriarcais.

Voltando à segunda metade do século XX, marcada, em terras brasileiras, pela produção de uma dramaturgia que problematiza definições de gênero, de pertencimento, de organização econômica e social hegemônica, nos debruçamos

⁸ Cf. [ANDRADE] SOUTO-MAIOR, Valéria. *O florescer e a máscara Josefina Álvares de Azevedo, dramaturga do século XIX*. Florianópolis: Mulheres, 1996. Vale mencionar que, neste mesmo fim de século, havia produções sendo trazidas a público por dramaturgas brasileiras, a partir de perspectivas bastante diferentes. Amélia Rodrigues, por exemplo, que se auto-definia feminista “no bom sentido, no sentido cristão”, escreveu a peça *Progresso feminino* (1921), reafirmando sua posição, já veiculada na imprensa, frente aos “pseudo-direitos da mulher moderna, que pretende astutamente invadir o terreno da ação masculina, deixando a erva crescer nos seu. [...]”; cf. RODRIGUES, Amélia. *A Paladina*. Salvador, jan. 1910, n. 1, apud ALVES, Ivya (org.). *Amélia Rodrigues: itinerários percorridos*. Salvador: NCSA, 1998.

⁹ Sobre estes crimes e a mobilização pública desenvolvida no país durante as três primeiras décadas do século XX, ver BESSE, Susan K. Crimes passionais: a campanha contra os assassinatos de mulheres no Brasil: 1910-1940, *Revista Brasileira de História (A mulher no espaço público)*, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 181-197, 1989.

¹⁰ Cf. ANDRADE, Valéria. Irmãs no sangue, rivais (nem sempre) no amor: a solidariedade anunciada em *Os sete gatinhos*. Texto apresentado no Seminário “Literatura em Curso”. Recife/PE, UFPE, 2004. Sobre as autoras das peças citadas, ver SHARPE, Peggy. Júlia Lopes de Almeida. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.) *Escritoras brasileiras do século XIX*. Vol. II. Florianópolis: Mulheres/EDUNISC, 2004. 188-238 e [ANDRADE] SOUTO-MAIOR, Valéria. Guilhermina Rocha. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.) *Escritoras brasileiras do século XIX*. Vol. II. Florianópolis: Mulheres/EDUNISC, 2004. p. 1075-1103.

¹¹ SCOTT, Joan W. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. Trad. Elvino A. Funck; apresent. Miriam P. Grossi; orelhas Simone P. Schmidt. Florianópolis: Mulheres, 2002. p. 65-66.

¹² SCOTT, Joan. O enigma da igualdade. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, n. 13, v. 1, p. 11, 2005.

¹³ *Ibidem*, p.29.

sobre a obra de Lourdes Ramalho, certamente rica em produtivos paradoxos. Dessa forma e nesse espírito, nos aproximaremos agora da produção dessa autora, tendo em mente, ainda, o lugar marginal a que foi relegada no quadro da dramaturgia brasileira da época, inclusive aos olhos da crítica voltada a textos de autoras mulheres. Nomes como Hilda Hilst, Maria Adelaide Amaral, Leilah Assunção e de outras dramaturgas anteriormente citadas nessa Introdução, circulavam Brasil afora, enquanto que o de Lourdes Ramalho – apesar da estrondosa recepção que teve, em 1975, no Paraná, com a primeira montagem do seu texto *As velhas* –, foi parcialmente apagado do cenário nacional, embora continuasse sendo referenciado em seu cenário local – o Nordeste brasileiro. Tenha-se claro que tal apagamento junta-se aos sintomas do esquecimento que tem acometido as histórias do nosso teatro no tocante à tradição dramaturgic de autoria feminina, complementando, na verdade, o grande *handicap* da memória cultural no Brasil em relação à dramaturgia, cujo lugar nos livros de história da literatura brasileira, é, em geral, aquele dedicado às informações tidas como acessórias ou periféricas.

Tendo ultrapassado a faixa dos oitenta anos de vida, mais de sessenta deles comprometidos com o ofício da escrita dramaturgic, Lourdes Ramalho é uma voz na literatura brasileira e nordestina que vem contribuindo, de forma significativa, no tocante às mais variadas situações, momentos e circunstâncias da vida nacional. Desde o início de sua produção, as peças que criava tendiam a surgir como resposta a qualquer tentativa de homogeneização, assumindo o papel de um discurso marcadamente libertário, rebelde, quiçá revolucionário, mesmo em tempos em que isso era coisa rara ou perigosa.

Logo em sua primeira experiência como autora de teatro, ainda em 1939, sua participação nas atividades de final de ano do educandário em que era aluna já indicava o tom crítico e

destemido da autora. A apresentação da peça que escreveu e montou naquele ano em Recife, ainda adolescente, culminou com sua expulsão da instituição. Se Lourdes foi destemida ao trazer ao palco críticas ao sistema educacional do próprio estabelecimento em que estava inserida, ainda na década de 1930, não o foi menos ao desnudar, notadamente a partir da década de 1970, os problemas sociais vivenciados cotidianamente por mulheres e homens de sua região, trazendo à tona, com especial relevo e de forma contundente, o modo como se constroem e se articulam as relações entre os gêneros.

De fato, ao longo das seis peças que compõem o volume que ora se edita – *Uma mulher dama, Guiomar sem rir sem chorar, A mulher da viração, Um homem e uma mulher, Fiel espelho meu e Guiomar filha da mãe* –, como também no conjunto da sua produção, que hoje beira os cem títulos, a autora conseguiu, com enorme sucesso, mostrar uma diversidade impressionante nas suas figuras femininas, fato que indica o quanto esteve, voluntária ou involuntariamente, sintonizada com compreensões mais amplas e menos essencialistas de ‘gênero’. Ler ou ver encenados os textos teatrais de Lourdes Ramalho – seja os do primeiro ciclo de sua produção, desenvolvido ao longo das décadas de 1970 e 1980, seja os da fase posterior, escritos de 1991 em diante¹⁴ – é uma atividade que praticamente nos obriga a observar como essas questões de gênero estão imbricadas com as questões regionais. Conforme já referido em outros estudos,¹⁵ no itinerário que faz sertão adentro, em busca das raízes ibero-judaicas e populares

¹⁴ Para uma descrição destes ciclos da produção da dramaturga, ver ANDRADE, Valéria. Lourdes Ramalho na cena teatral nordestina: sob o signo da tradição reinventada. In: MACIEL, Diógenes e ANDRADE, Valéria (orgs.). *Dramaturgia fora da estante*. João Pessoa: Idéia, 2007. p. 207-222.

¹⁵ ANDRADE, Valéria. “Nosso nome é Guiomar” ou Lourdes Ramalho e a reinvenção de D. Juan. *Graphos*: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, v. 8, n. 1, p. 21-29, jun.-dez. 2005 e ANDRADE, Valéria. A força nas anáguas: matizes de hispanidade na dramaturgia de Lourdes Ramalho. In: MALUF, Sheila D. e AQUINO, Ricardo Bigi de (orgs.). *Reflexões da cena*. Maceió: EDUFAL, 2005. p. 315-331.

da cultura nordestina, a autora passa por entre as muitas veredas do feminino e do masculino, fazendo aflorar representações de gênero que tanto denunciam quanto põem em xeque a ordem assimétrica que ainda hoje preside as relações entre mulheres e homens no Brasil, principalmente na região Nordeste.

Em estreita vinculação com sua proposta estética de inventariar a cultura e o imaginário do Nordeste brasileiro, Lourdes Ramalho desenvolve, portanto, um projeto emancipatório e anti-patriarcal – e de uma posição que abre o foco de discussão para além da questão ‘mulher/mulheres’. Verdade é que as personagens femininas, que habitam o *locus* ibero-nordestino recriado por Lourdes Ramalho, são senhoras de si e de seu universo – comandando-o, muitas vezes, apenas com a força do olhar. Esse protagonismo do feminino, no entanto, não relega o masculino a uma ação de bastidores. Embora as personagens masculinas ocupem quase sempre um lugar secundário, desenvolvendo uma ação periférica – mesmo quando protagonistas –, os conflitos trazidos ao palco ramalhiano são marcados por uma dimensão relacional, em que a intenção de pôr abaixo estruturas sócio-culturais corroídas se alimenta de um impulso emancipatório, sinalizando para a mobilidade dos espaços sociais e a instauração de uma nova ordem, pautada, sobretudo, por princípios de justiça e de cooperação.

Uma mulher dama, texto de 1979, abre uma safra da produção da autora em que as mulheres assumem papéis sociais de importância, estando pouco identificadas com as convenções da época. Lourdes nos apresenta Agatoclides, ou simplesmente Aga, uma mulher que comanda e coordena os diálogos travados com Pedro, o encarregado do auditório em que pretende realizar um evento cultural. Pedro, responsável por arrumar, pôr ordem, naquele pequeno universo, vê essa mesma ordem abalada por Aga, através de suas frases ambíguas, suas insinuações, em cada nova visita que

faz ao local. Logo no início do diálogo entre as duas personagens, Aga deixa claro que Pedro é percebido por ela como fraco, manipulável, limitado. Ela, por outro lado, se auto-identifica com as famílias de colonizadores vindos da Europa, uma professora de história de “troncos importantes”, enquanto Pedro seria apenas um ser comum da terra, um serviçal que “abre e fecha portas”. O linguajar dela, no entanto, mesmo com toda a pompa familiar anunciada, é marcadamente chulo, o que já indica certo deslocamento discursivo dessa mulher, que vem reivindicar espaço no mundo público. Ela insinua que talvez lhe serão exigidos “fios do bigode”, os quais não possui, para selar as combinações estabelecidas nesse universo dos contratos artísticos. Percebe-se aí que Aga circula pela esfera pública bastante à vontade, assumindo posição, dando sua palavra e demonstrando ter um poder e respeito, geralmente atrelado ao mundo e à voz masculina, ainda que seu buço não seja peludo. Já quase ao final da peça, quando ela e o encarregado têm de preparar uma atuação de improviso, Aga o tranqüiliza em relação ao fato de ele estar vestido de mulher, dizendo:

[...] colega, nenhum homem é totalmente homem, assim como toda mulher não é totalmente mulher. Ambos os sexos têm algo do... outro. Até o próprio Deus é Pai e Mãe. [...] A própria natureza é masculina e feminina, logo não é nada demais você dar de vez em quando uma desmunhecada!¹⁶

Assim, entre críticas ao governo, revisões da história nacional e muitos jogos de palavra, Lourdes apresenta nessa peça o ir-e-vir por entre territórios antes separados – o sagrado se aproximando do profano, o chulo do erudito, o público do

¹⁶ Em referência a esta fala de Aga, merece destaque sua óbvia relação com outro texto de Lourdes, *Na lua é assim*, escrito em fins da década de 1940, em que há uma completa inversão de papéis masculinos e femininos.

privado, o masculino do feminino, todos convivendo num campo de ação em constante mutação, em constante negociação, praticamente renunciando o que as teorias feministas iriam apontar nas décadas seguintes com maior intensidade, em especial questões ligadas à problemática das definições identitárias de sujeitos femininos e masculinos.

Nos anos 80, a produção de Lourdes Ramalho foi muito significativa tanto em termos quantitativos quanto na carga política do que foi por ela desenvolvido. Nesta década, entre vários outros textos, a dramaturga escreve *Guiomar sem rir sem chorar*, *Fiel espelho meu* e *A mulher da viração*, os dois primeiros tendo estreado em 1982, ano em que são também apresentados em São Paulo, no I Festival de Mulheres nas Artes, uma promoção da expoente produtora Ruth Escobar.

Com Guiomar surge uma voz típica dos tempos que se aproximam da abertura política no Brasil, agora capaz de se reportar abertamente à paranóia dos anos de chumbo que vão sendo deixados para trás. Uma mulher sendo interrogada – um monólogo de aberrações inerente a ambientes em que as relações desiguais de poder são a norma, agora trazidas à tona de forma explícita. Mais uma vez Lourdes compõe, através de um linguajar chulo, uma personagem feminina desbocada, destemida, sem “papas na língua”. Há um claro choque entre a forma que se esperaria que alguém respondesse a um interrogatório em tempos de ditadura e as manifestações carregadas de espontaneidade e atrevimento de Guiomar. É nessa atmosfera, de mistura do inquisitorial com o quase circense, em que somos levados a saltar de um tema a outro, que a personagem, uma professora da rede pública, expõe suas críticas ao sistema enquanto se justifica em relação a uma lista interminável de atos e fatos que a inscrevem como sujeito suspeito. É interessante observar permanências de certos traços de Aga na construção desta nova personagem: ambas

são professoras, reconstituem a colonização em suas falas para contextualizar a situação contemporânea do Brasil e não temem falar abertamente sobre o que pensam, sem esquecer a irreverência como falam de tudo, principalmente sobre os homens e suas sexualidades, levantando interrogações sobre suas ‘machezas’.

Não podemos tratar da “primeira Guiomar” sem referir uma outra peça de Lourdes, em que uma nova Guiomar, duas décadas depois, nos é apresentada. Essa peça é *Guiomar filha da mãe*, em que nos deparamos com “Guiomar-filha” assumindo a voz do monólogo como uma mulher do povo, filha de uma outra, que comprou sua casa pela Caixa (Econômica Federal), que é professora de História, e que se propõe a refazer os caminhos brasileiros em versos verde-amarelos.¹⁷ A colônia, a chegada das caravelas, a vinda de judeus perseguidos pela Inquisição na Península Ibérica, todo o passado nacional vai sendo versado pela professora. Fazendo uso do epíteto “professora de História” para, teoricamente, dar autoridade ao seu recontar e re-significar o passado, “a filha da outra Guiomar” se impõe como voz que define, nomeia, organiza dados sobre seu país e diferentes versões da colonização. Também se percebe uma clara intenção por parte da autora no sentido de marcar o vínculo entre uma mulher (mãe) e outra (filha) já nos títulos das peças – *Guiomar sem rir sem chorar* e *Guiomar filha da mãe*. É a linha matrilinear que une as duas mulheres e os dois textos teatrais, com pontos de conexão entre o discurso das duas protagonistas. Ambas fazem referência corrosiva, por exemplo, à presença abusiva do plástico na vida das pessoas, usado para fabricar desde os

¹⁷ Único texto em verso dentre os reunidos no presente volume, *Guiomar filha da mãe* insere-se no segundo ciclo da produção de Lourdes Ramalho, no qual se revela plenamente a pesquisadora obstinada das raízes judaicas, ibéricas e populares da cultura nordestina, interessada particularmente em promover a dramaturgia em cordel. Ver o volume de “Teatro em Cordel”, desta coleção.

objetos mais prosaicos do nosso cotidiano até algumas partes dos corpos de mulheres e, como bem anuncia a Guiomar do século XXI, de homens também, numa alusão ao caráter plural, performático e de construção das possibilidades de ser-mulher e ser-homem em tempos pós-modernos.

No último quadro de *Guiomar filha da mãe*, decalcado *ipsis literis* do quadro final de *Guiomar sem rir sem chorar*, temos a transmutação da professora na figura de um poeta “louco”, [...] “barbudo e esfarrapado”, cuja voz traduz a revolta popular “contra ismos – quantos ismos / que a uns engorda – e a outros mata? / [...] Contra o dinheiro que gira / num giro que não varia”. Através de questionamentos como “Cadê ajuda para a terra, / ajuda pra plantação? [...] Cadê capim pros rebanhos?”, a personagem conclui que o mundo é “de ferro e cimento, de aço, cifras e cifrões”. Após todas as acusações quanto às desigualdades que persistem nas terras brasileiras e que ficam evidentes nas falas da mãe e da filha, a ação final do poeta – saindo de cena aos gritos de “POETA D’ÁGUA DOCE DEU UM PEIDO E SE CAGOU-SE!” –, desmonta a seriedade do discurso, trazendo o texto novamente para o terreno do popular, do lúdico, da rima cantada.

Em mais um elo com a primeira Guiomar, *Guiomar filha da mãe* assume inteiramente a intenção de Lourdes Ramalho de falar das raízes judaicas do Nordeste brasileiro. Abafada por décadas, essa intenção já viera a público, embora cifrada, na ação dramática de *Guiomar sem rir sem chorar*. “Discretíssima”, muito “na dela”, Guiomar-mãe é essa brasileira de língua solta, que atravessa séculos de perseguição e silêncio para trazer ao palco, metaforicamente, certa linhagem de mulheres. O nome Guiomar, segundo pesquisas genealógicas de Lourdes sobre seus antepassados, é recorrente em várias gerações de mulheres do tronco dos Nunes, cristãs-novas, que, apesar de “discretíssimas” em suas práticas religiosas judaicas, acabaram

processadas pela Inquisição e uma delas queimada em Portugal, em 1731.¹⁸ Inserida claramente no contexto brasileiro da ditadura e da perseguição política, Guiomar-mãe nos remete ainda, porém em código, a uma “raça à parte,/a de judeu brasileiro”, à qual Guiomar-filha, vinte anos depois, refere-se, afinal, abertamente. Ainda fiel à atitude “discretíssima” de suas ancestrais, Guiomar-mãe nos remete também a uma ‘raça de mulheres’ – vinda de além-mar e renascida nas brenhas do sertão nordestino –, que faz do destemor e da justiça os pilares do seu estar-no-mundo em busca de uma terra de bem-aventurança e livre de discriminações. Portanto, não se trataria aí de um interrogatório que alude apenas aos tempos da ditadura política no Brasil, mas também àquele em que as fogueiras da intolerância religiosa ardiavam do outro lado do Atlântico.

Para além do simplismo de uma análise meramente biográfica, que nem de longe se aproxima da interpretação que estamos querendo propor, todavia, parece ser impossível passar ao largo das intersecções pertinentes e conseqüentes entre certas, digamos assim, semelhanças entre aspectos da vida da autora e facetas de algumas dessas suas personagens: não dá para esquecer a Lourdes Ramalho que, insubordinada desde jovem, não se calava diante do que julgava passível de questionamento; não é possível, também, não lembrarmos que esta dramaturga, na realidade, foi professora de profissão e, mais ainda, não dá para negar aquilo que hoje se encontra tematizado e completamente formalizado em seus escritos – mas que ensaiava sua gênese nestes textos: o seu compromisso com o resgate da tradição judaica de sua

¹⁸ Cf. RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. *Raízes ibéricas, mouras e judaicas do Nordeste*. João Pessoa: UFPB/Ed. Universitária, 2002. p. 109, 143. Não surpreende, portanto, a recorrência deste nome na onomástica da dramaturga, também escolhido para designar a personagem talvez mais marcante do seu cordel dramático *Romance do conquistador*, em torno da qual é reinventada a figura mítica de Don Juan. Ver o volume de teatro em cordel referido acima.

própria família, como parte do cumprimento da promessa, feita a uma de suas avós, de nunca esquecer, aliás, de perseguir, escrever e manter tal memória.

Curiosamente, ainda, nas duas 'Guiomares', a partir do já referido decalque da última cena, também chegaríamos a um outro ponto: a transmutação final das Professoras no Poeta. Para além da óbvia mudança de sexo biológico, o que poderíamos aventar como hipótese interpretativa deste intrigante recurso? Nos textos, esta mutação é diálogo explícito com o arcabouço cultural de sua família, quase herança atávica da memória judaica, que se atrela às origens imaginárias da poética popular nordestina,¹⁹ expressas esteticamente em seu texto *O trovador encantado*, ou reminiscência da herança cultural advinda dos poetas Agostinho Nunes da Costa e Hugolino Nunes da Costa, de quem a autora é continuadora, seja pelo veio artístico seja pelos laços de sangue. Assim, tornar a Professora (sejam as personagens, seja a autora) no Poeta (aquele imaginado ou aqueles da vida real) é equação de resolução simples. Para além da máscara que traveste essa mutação, chegamos a um complexo entendimento de marcas de gênero: a Professora/autora traz em si, pela sua postura diante da vida, aspectos que quebram com a ordem de um feminino construído em bases de docilidade, fragilidade e obediência; de outro lado, com a irrupção do Poeta na cena, se atinge esferas da crítica social, mesmo que, de alguma maneira, esta mesma realidade social criticada pareça rir do Poeta, que, de um peido, "se cagou-se". O Poeta, símbolo da loucura, do transe, também é parte da mesma desordem já instaurada pela Professora, imprópria, assim, à ordem hegemônica do masculino. Tornar, portanto, ou 'traduzir uma parte noutra parte', como diria um outro poeta, é uma questão de vida e de morte: afinal, é arte.

¹⁹ Cf. ANDRADE, Valéria. De encantações, errâncias e cantorias. In: RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. *Teatro de Lourdes Ramalho: 2 textos para ler e/ou montar*. Organização, apresentação, notas e estudos: Valéria Andrade e Diógenes Maciel. Campina Grande / João Pessoa: Bagagem / Idéia, 2005. p. 123-131.

Em *Fiel espelho meu*, temos em cena uma mulher sozinha, que nos apresenta, através de um monólogo, sua solidão após as perdas que enfrenta ao longo da vida – a mais recente com a morte do esposo. Os retratos dos que já se foram, expostos pelo quarto, são a companhia que lhe resta. Tudo que herdou, herança acumulada pelo roubo de propriedade alheia e lucro indevido, está atrelado ao passado de pompa, de acúmulo e de exploração econômica que agora ela rejeita. O monólogo, que se desenvolve como resposta aos olhares que brotam dos quadros, promove um processo de auto-descoberta que resulta na devolução dos bens aos empregados e ao gozo simbólico de Verônica. Assim, os poderosos estão mortos ao final e a ordem foi modificada, como esclarece a protagonista quase num espasmo de prazer que derruba os quadros dos parentes mortos pelo chão: "Irmãos! Recebei de volta a vossa terra! Retomai-a, porque dela fiz parte – como as flores, como o orvalho, como os rios, como os astros num só todo... Tomai-a, tudo é vosso, para sempre, *per omnia seculum seculorum*. Amém!" Caem os quadros, desfaz-se a ordem e o sistema econômico estabelecido, que até então acumulou e explorou, e que agora será substituído por um novo sistema, pautado pelo bem da coletividade, princípios dessa nova mulher, agora guiada por leis não-patriarcais de justiça. A voz feminina aqui parece, de fato, criar um novo mundo, guiado por regras menos marcadas pela ganância capitalista e pelo individualismo.

Noutro texto ainda da safra da década de 1980, *A mulher da viração*, encenado em 1983, o estigma atrelado à mulher está inscrito na esfera da micro-política. A temática se desenrola entre um padre e Conceição, sua cunhada, jovem de baixa condição social, criada e educada pelos patrões de seus pais com o objetivo premeditado de fazer seu casamento com o caçula dos Alvarenga Negreiros, "um bobão", mentalmente incapacitado para administrar as terras da família e manter assim

sua fortuna e seu nome sob controle, como também para assumir uma relação conjugal. O outro filho, agora o padre, seguindo o costume adotado por famílias abastadas da região de reservar um da prole para a igreja, sutilmente ameaça a cunhada, caso ela insista em ter a liberdade de seguir o caminho que escolheu, formada que estava como professora. Refreada nos seus desejos mais íntimos, Conceição passa a sonhar obsessivamente com a maternidade, visando ao menos deixar para alguém do seu sangue o fruto do seu trabalho. A paixão latente e avassaladora que sente pelo Padre vem à tona e a jovem tenta satisfazê-la, sob o argumento de garantir a continuidade da nobre estirpe. Frustrada em seu desejo, ela jura que, dali por diante, o nome de sua fazenda, Viração, deixaria de significar os ventos que açoitavam os canaviais, passando a tornar-se uma marca de sua nova identidade, a “vagabundagem”: a cada ano, ela erraria pelo mundo, “para trazer de volta, na barriga, um Alvarenga Negreiros de mentira – da China, da Arábia, da Rússia, da África, [...] cada qual de um pai diferente, mas todos usufruindo, in-con-di-cio-nal-men-te, o nome e a fortuna da tradicional família de conquistadores”.

É exatamente a partir desse lugar que lhe foi imposto que a jovem consegue fazer sua pequena revolução. Sua paixão pelo padre, nutrida em silêncio e inconsciência desde os tempos da adolescência, acaba por explodir sem mais pudores, desequilibrando a relação familiar e abrindo caminho para a quebra das amarras sociais, das normas impostas. Ao final da peça, temos um padre um tanto quanto abalado, surpreso consigo e com a vida, mas sem promessas nem garantias. Ele parte sem dizer se volta e, caso não volte, a mulher prenuncia mudanças para sempre. Essa é a mulher da viração – já que o mundo em que se achava inserida não é nem será mais o mesmo por força sua, a radicalização da mudança se faz

inevitável – ou o padre não será mais casto ou terá colaborado com a eterna viração (ou “perdição”) de uma mulher apaixonada e dona de si o bastante para reivindicar seu direito a desenvolver as relações afetivo-sexuais de sua escolha.

Já em *Um homem e uma mulher*, escrito em 2005 a partir de um texto anterior,²⁰ Lourdes Ramalho nos leva ao contexto rural, aos ajustes de conta entre inimigos, ao medo de vingança e traição e, dentro deste contexto, mais uma vez, às demandas afetivo-sexuais de uma mulher. Nesse meio agreste, Tônia clama por completude afetiva do marido, levando João à conclusão de que ela o trai e ao impulso passionnal de tirar-lhe a vida, o que, afinal, não chega a se consumir por força do destino, que invade sua casa, no justo momento, personificado no grupo armado enviado por seus perseguidores. Ao final, embalada pelo ressoar dos tiros que tiram a vida do seu homem, Tônia entende que, dali por diante, ele passa a existir como “pólen, fruto, tensão! É todo parte do Todo. Vôo aberto à vastidão – anjo de asas partidas desmoronando no chão”. Após essas palavras, Tônia encerra a peça com a seguinte oração: “Pai nosso que estais no céu, por ele eu peço perdão!” Mesmo sob suspeita de traição, tendo sido freqüentemente abandonada pelo marido, sempre em constantes buscas por novos esconderijos, se afastando dos filhos a fim de mantê-los vivos e seguros, Tônia clama a Deus por perdão, não deixando, porém, explicitado se esse pedido seria pelo marido, morto sem ter tempo de arrependimento, ou se por ela mesma, que, talvez, tivesse desejado demais coisas belas, mais belas do que ele, em sua rudeza, poderia sequer sonhar. Vem à cena ramalhiana, mais uma vez, um ser-feminino que, tendo nas veias o fermento da rebeldia, não se deixa amputar pelos ditames da lei patriarcal, inclusive com relação à vivência de seus afetos e de sua sexualidade.

²⁰ *O cangaceiro*, texto ainda inédito, escrito na década de 1960.

No que diz respeito à voz autoral temos, ao longo da obra de Lourdes, uma aproximação desta com o contexto social específico, com as histórias e tradições nordestinas; neste mesmo percurso, porém, Lourdes Ramalho não deixa de estabelecer diálogos com temáticas que extrapolam o local. Inclusive nos textos reunidos neste volume já fica evidente a abrangência temática de sua produção, que fala de um Nordeste e um Brasil específicos, mas que também circula por problemáticas de amplo espectro, que, sem dúvida, se inserem no contexto do nacional ou até do global.

Em referência às representações especificamente de gênero, as obras que fazem parte da presente publicação deixam claro que os territórios do feminino e do masculino que compõem os cenários de Lourdes questionam vários paradigmas patriarcais de organização social. Ainda que a escritora nunca tenha demonstrado interesse por atrelar-se a grupos feministas, nem por defender ou discutir pontos das agendas feministas que se organizavam no Brasil ao longo das décadas em que passou a escrever mais constantemente, não há como não observar a forma alternativa com que são construídas suas personagens no que se refere ao acesso ao poder, apresentando com frequência mulheres extremamente fortes e livres das amarras sociais. Segundo nos informa a própria autora, tal fato se deve muito mais às fortes mulheres com quem conviveu dentro de sua própria família do que a compreensões teóricas quanto à importância de representar o 'feminino' de forma menos apática, mais combativa. Quando questionada sobre como os homens de sua família teriam reagido a essa força feminina tão marcadamente libertária, Lourdes apenas acrescenta que a maior parte dos homens de sua família seriam artistas, portanto, mais suscetíveis à sensibilidade do que ao bruto jogo de poder. Mesmo que tenhamos alguma dúvida quanto a se o sentimento artístico

indicaria, de fato, uma menor tendência à centralização individualista claramente patriarcal, apresentamos essa explicação da autora como uma forma de indicar posturas feministas que, quer na vida prática quer na literatura, são, por vezes, processos menos conscientes do que se imaginaria.

Se Joan Scott aponta que um paradoxo, em seu sentido mais produtivo e positivo, envolveria uma questão que não pode ser completamente resolvida, que é concomitantemente falsa e verdadeira e que, portanto, desafia a ortodoxia prevalente, sendo contrária a posições preconcebidas,²¹ podemos, seguramente, definir a obra de Lourdes como paradoxal, já que se produz ao longo de um tecer desse tipo, nada simplista e com finais bastante abertos, em que relações de gênero, de classe, de pertencimento regional e nacional são problematizadas ao infinito, levando quem a lê ou a vê encenada a vivenciar as mais variadas posições dentro do mundo "real" e da representação. Apesar de serem, de fato, "abertos" os quadros de representação de Lourdes Ramalho, qualquer leitura comprometida com as teorias feministas reconhecerá o germen de propostas anti-patriarcais e contra-hegemônicas ao longo de sua obra, trazendo a voz autoral para o diálogo, voluntário ou não, que se estabelece com tal campo do conhecimento.

A mulheres e homens que se interessam por uma literatura marcada por perspectivas emancipatórias e anti-patriarcais relacionadas às várias tensões que compõem o tecido cultural brasileiro, não limitada por visões binárias de mundo,²² resta-nos dizer: sintam-se à vontade no universo feminino-feminista-libertário do teatro de Lourdes Ramalho. E a todos, por fim, uma boa leitura!

²¹ Cf. SCOTT, O enigma da igualdade, p.14.

²² SCHNEIDER, Liane. Quem fala como *mulher* na *literatura de mulheres*. In: CAVALCANTI, Ildney; LIMA, Ana Cecília; SCHNEIDER, Liane (orgs.). *Da mulher às mulheres: dialogando sobre literatura, gênero e identidades*. Maceió: EdUFAL, 2006. p. 147-155. (Publicação Comemorativa dos 20 Anos do GT *A Mulher na Literatura*).

A MULHER DA VIRAÇÃO

Programa de estréia de *A mulher da viração*, apresentada no Teatro Severino Cabral, Campina Grande, Paraíba, em 1983, numa produção do Centro Cultural Paschoal Carlos Magno

Direção: *Antônio Nunes*

Sonoplastia: *José Cláudio Batista*

Elenco e personagens:

Neusa Barros Silva

Conceição

Carlos Alberto Silva

Padre

Personagens

Conceição

Padre

Cenário

Sala de casa da zona rural

ATO ÚNICO

QUADRO 1

CONCEIÇÃO *(Só, trajada de normalista.)* Meninos, vamos fazer a filinha para entrar em classe! Artur, ponha as mãos nos ombros de Julinho; você, nos de Aninha; você nos de André... – Não quer? – Porque ele é preto? – Que é isso? Todos nós somos irmãos, filhos do mesmo Deus! *(O padre entra e fica ao fundo, observando.)* – Vamos, não quero mais ouvir nem de brincadeira vocês discriminarem um colega, do contrário levo o assunto pra Madre Paulina, está bem? *(Ajeita mais uma vez a fila imaginária.)* – Agora, todos marchando, um, dois, um, dois... *(Avista o padre e se encabula.)* – Eu... estava ensaiando a aula que vou dar como prova final...

PADRE Está bem. Pode continuar.

CONCEIÇÃO Já estava terminando mesmo. Está na hora de ir... – Trouxe os santinhos que pedi?

PADRE Aqui estão. Vinte. Dá?

CONCEIÇÃO São exatamente vinte meninos. – São lindos! – Como eles vão gostar! – Eu também adorava... e ainda adoro! – O senhor se lembra como eu era pidona?

PADRE E ainda é!

CONCEIÇÃO Agora não peço mais pra mim – é pros alunos! – Como é gostoso lidar com crianças!

PADRE Onde estão meus velhos?

CONCEIÇÃO Padrinho está tomando sol no oitão, com Everaldo – e Madrinha está com Mãe Zefa, determinando o almoço.

PADRE Meu pai dormiu bem?

CONCEIÇÃO Gemeu a noite inteira com dores nas pernas. Ainda levantei duas vezes pra dar remédio, depois ele ficou com Everaldo, os dois conversando aquelas conversas sem futuro...

PADRE Coitado! – Lutou feito mouro, vida afora, pra acabar desse jeito, inválido, pelas mãos dos outros...

CONCEIÇÃO Quer falar com ele?

PADRE Não, agora não.

CONCEIÇÃO E com Madrinha?

PADRE Também não – deixe.

CONCEIÇÃO Mas um cafezinho o senhor quer...

PADRE Nem isso. Mais tarde. Manezão está aí?

CONCEIÇÃO Pai trouxe o leite e saiu pra apanhar frutas. Mãe Zefa está na cozinha. Quer que chame?

PADRE Conceição... eu queria falar mesmo com você...

CONCEIÇÃO Comigo?

PADRE Um assunto sério.

CONCEIÇÃO Do colégio? – Já sei. O senhor vai viajar e não vai assistir à formatura. – Mas não esqueça que é o paraninfo da turma!

PADRE Não se trata disso. É um assunto particular – entre nós dois.

CONCEIÇÃO Assunto particular? – Eu não fiz nada demais!

PADRE Claro que não. É uma conversa que já deveríamos ter tido... e eu fui protelando sem necessidade. Agora chegou a vez.

CONCEIÇÃO Então diga logo. Estou sem atinar o que seja. E logo hoje...

PADRE Não precisa se assustar. – Já lhe fiz mal algum dia?

CONCEIÇÃO Não, não fez. Mas, sendo meu confessor...

PADRE Não se preocupe à toa. Melhor deixar para depois.

CONCEIÇÃO Agora. Do contrário vou ficar nervosa e... adeus prova final!

PADRE Se é assim... – O assunto é este – dentro de uma semana você estará formada e deixará o colégio...

CONCEIÇÃO Que estarei formada, é verdade, mas não vou deixar o colégio, vou ficar morando lá. As irmãs me ofereceram uma cadeira pra ensinar – e eu aceitei.

PADRE Ofeceram... – e você aceitou?

CONCEIÇÃO Sim.

PADRE Com ordem de quem?

CONCEIÇÃO E precisava de ordem pra aceitar um trabalho? – Tenho que ajudar a meus pais!

PADRE Aceitou assim, sem concordar com ninguém? – Resolveu tudo por determinação própria? – Não acha que devia uma explicação àqueles que a criaram, que a educaram?

CONCEIÇÃO Eu pensei que... com dezoito anos... e formada... – não precisasse pedir licença pra assumir um emprego... – principalmente um, oferecido como prêmio pelas boas notas obtidas durante todo o curso!

PADRE Pois pensou mal! – As pessoas nunca são tão independentes como acreditam ser!

CONCEIÇÃO Mas o senhor...

PADRE Você foi criada pelos meus velhos, educada por eles – chego até a dizer ter sido a filha que não tiveram... – e agora, uma vez formada, abandona todos para começar vida nova, longe deles – como se fosse fácil romper com o passado, assim, sem mais nem menos!

CONCEIÇÃO Eu não pensei... não quis dizer isso...

PADRE Se não quis – deu a entender! – E deu mostras de uma ingratidão de que ninguém a julgaria capaz!

CONCEIÇÃO Eu, ingrata? – O senhor está sendo injusto!

PADRE Injusto? – O que se poderá pensar de uma pessoa que, mal termina os estudos, larga mão daqueles que a sustentaram, que a cercaram de favores, e vai embora, sem olhar atrás, movida apenas pelos próprios interesses?

CONCEIÇÃO Não é assim... não é isso...

PADRE E o que é, então?

CONCEIÇÃO Minha intenção era apenas trabalhar, exercer minha profissão, ajudar meus pais...

PADRE ... arranjando emprego fora, sozinha!

CONCEIÇÃO Eu não queria continuar sendo pesada a vocês... Achava que, com um diploma nas mãos, deveria procurar trabalho...

PADRE Por melhores que tenham sido suas intenções – sua obrigação era ter combinado...

CONCEIÇÃO Não foi por mal que agi assim...

PADRE ... era ter combinado, procurado saber se havia algum dever a cumprir; se havíamos, de antemão, determinado alguma coisa, alguma ocupação, enfim, se teria que retribuir algo a quem tudo havia feito em seu favor!

CONCEIÇÃO E a quem eu deveria ter perguntado – ao senhor?

PADRE Claro que sim! – Eu hoje represento minha família, a sua... Represento toda a fazenda e seus moradores; tudo o que aqui se passa me diz respeito – eu é que devo opinar sobre tudo, entendeu?

CONCEIÇÃO Então... o que quer que eu faça? – Que desista do emprego e volte para cá? – Mas fazer o quê?

PADRE Veremos. Quem sabe se já não tenho uma boa idéia na cabeça?

CONCEIÇÃO Uma idéia? – Um trabalho pra mim?

PADRE Mais ou menos. Sempre me preocupei com seu futuro. Afinal, sempre viveu aqui...

CONCEIÇÃO Sim, sempre vivi... – Eu poderia saber... que trabalho é?

PADRE Bem... é algo condizente com...

CONCEIÇÃO ... minha carreira? – Já sei – uma escola! – Uma escola na fazenda – é isto?

PADRE Uma escola...? – Quem sabe?

CONCEIÇÃO Meu Deus, como nunca pensei nisto antes? – Com todas essas crianças analfabetas, os meus próprios irmãos... – Padre, não poderia haver uma idéia mais maravilhosa – e eu, de burra, nunca pude imaginar!

PADRE Calma, menina, não se afobe, vamos conversar...

(Voz chamando Conceição.)

CONCEIÇÃO Everaldo está chamando. É pra ajudar a trazer o Padrinho. Espere um momento – já volto!
(Sai correndo.)

PADRE *(Só.)* Uma escola – como não havia pensado antes? – Uma escola justificaria plenamente sua permanência na fazenda... O importante, no momento, é prendê-la aqui, vigiá-la de perto... – Conceição é uma boa moça, mas o mundo está aberto, com suas tentações – e já existe vários casos de mulheres perdidas na família... – O sangue é muito forte e seria uma pena... decididamente uma grande pena...

CONCEIÇÃO *(Entra.)* Padrinho agora foi dormir um pouco. – Vamos continuar nossa conversa?

PADRE Você não vai dar sua aula?

CONCEIÇÃO Não será tão cedo. Era pressa minha. Prefiro acertar logo sobre a escola, a nossa escola.

PADRE Ainda bem que você concordou, que está interessada em ficar.

CONCEIÇÃO Não poderia acontecer coisa melhor! – E pensar que estive a ponto de ir embora... Tinha até falado às irmãs pra entrar pro convento – ser freira!

PADRE Freira?

CONCEIÇÃO Sim, freira! – O senhor pensa que me ofereceu em vão tanto santinho, que tanto me falou do céu?

PADRE Então pensou em ser freira...

CONCEIÇÃO Mas, com ou sem o hábito a gente pode servir a Deus. Pode fazer o voto no coração, não é?

PADRE Voto! – Não é apenas fazendo votos que se serve a Deus. Uma vida de trabalho e dedicação a outrem também agrada ao Padre Eterno.

CONCEIÇÃO E então? – Uma escola aqui, onde a necessidade é tanta, é um grande centro de interesse, um celeiro de almas a serem conquistadas para a glória do Senhor!

PADRE Sem dúvida...

CONCEIÇÃO A escola poderá começar na capela. Já tem a bancada e o senhor só celebra lá uma vez por mês...

PADRE Combina-se depois.

CONCEIÇÃO O senhor verá que não sou ingrata. Farei tudo pra retribuir o que fizeram pelos meus – e por mim.

PADRE Estou certo disso. Faça sua escola. E tudo o mais que quiser, terá carta branca para agir.

CONCEIÇÃO Estamos certos, então? – Assunto encerrado?

PADRE Quase. Temos ainda uns pontos a acertar. Mas ficarão para outra ocasião. Vá dar sua aula. Voltaremos a conversar.

QUADRO 2

(Conceição, de luto, faz arranjos na sala.)

CONCEIÇÃO Pobre Madrinha! – Tanto que amava esta casa, os móveis... Preocupava-se com o que fosse durável, eterno, com o que “não se acabasse nunca”... – E no entanto se foi... – Assim é a vida. Valerá a pena cercar-se de bens, ou, como dizia o Cristo – valorizar somente aquilo que “o fogo não queima, a traça não destrói”?

PADRE *(Entra.)* Estive com o Dr. Aguiar. Mandou uns remédios pra sua mãe. Achou o estado geral dela muito delicado. Se não cuidarmos, Zefa poderá morrer, também.

CONCEIÇÃO Eu sei. Mãe Zefa está muito debilitada. O pior é que não quer reagir. Parece até sentir-se culpada por Madrinha ter-se ido e ela ficado...

PADRE E a escola?

CONCEIÇÃO Gracita está dando conta direitinho. Quase nem posso ir lá.

PADRE Do jeito que as coisas se complicaram, você não pode arredar o pé de casa. Zefa e meu pai precisam de cuidados redobrados. Acho até que esta professora deveria ficar definitivamente aqui.

CONCEIÇÃO O aperto é só nos primeiros tempos, depois tudo volta a se normalizar.

PADRE Temo que assim não seja. Os velhos estão cada vez mais fracos. Zefa nunca mais será a mesma.

CONCEIÇÃO É verdade.

PADRE Deste modo, pensei em fazer valer um trato antigo, agora mais do que nunca necessário que seja posto em prática.

CONCEIÇÃO De que se trata?

PADRE Falaremos mais a vagar...

CONCEIÇÃO O senhor quer entregar o comando da casa a algum parente de sua confiança, é isso?

PADRE Parentes de confiança – não os tenho. – É outra coisa.

CONCEIÇÃO Gostaria que esclarecesse tudo, agora. Do contrário vou ficar fazendo mil conjecturas.

PADRE Está bem. Conceição, nossos pais há muito haviam resolvido que você e Everaldo se casariam.

CONCEIÇÃO Haviam resolvido... o quê?

PADRE O que acabo de dizer – que você e Everaldo se casariam.

CONCEIÇÃO Que absurdo!

PADRE Não vejo nenhum absurdo nisto.

CONCEIÇÃO Que loucura! Everaldo é como se fosse meu irmão!

PADRE Mas não é!

CONCEIÇÃO Nós nunca tivemos... namoro!

PADRE Vocês se conhecem tão bem que é... dispensável!

CONCEIÇÃO Everaldo é uma pessoa... doente!

PADRE A doença não o impede de casar!

CONCEIÇÃO Mas ele é um... bobão!

PADRE Um bobão – mas tem posição e dinheiro!

CONCEIÇÃO Perdoe – eu não quis ofender... – Eu gosto muito de todos, gosto de Everaldo, mas não pra casar!

PADRE Gosta de todos – não parece!

CONCEIÇÃO Gosto sim. Sempre foram bons pra meus pais, pra mim... – Mas quanto a casamento...

PADRE Conceição, um rapaz como Everaldo pode muito bem casar, desde que a esposa saiba conduzir os destinos do casal...

CONCEIÇÃO Não duvido...

PADRE Everaldo é um jovem sem vícios, apresentável, boa índole...

CONCEIÇÃO É, sim...

PADRE Só que não amadureceu o bastante para tomar conta do que lhe pertence...

CONCEIÇÃO Sei, sei...

PADRE Então, para que fosse suprida tal deficiência, nós, combinados com seus pais, demos a você educação suficiente...

CONCEIÇÃO Então foi para isso que me educaram? – Quer dizer que tudo foi premeditado? – Não acredito que meus pais soubessem!

PADRE E concordaram!

CONCEIÇÃO E... o senhor também?

PADRE Você sabe que nós, filhos, não somos donos do nosso futuro. Os mais velhos decidem por nós.

CONCEIÇÃO Não acho que seja – não acho.

PADRE Pois vou lhe dar um exemplo. É costume de toda família abastada reservar um dos filhos para o serviço religioso, ou melhor, para ser padre. Na minha, fui eu o escolhido.

CONCEIÇÃO O senhor? – Então não foi por vocação?

PADRE Eles determinaram e eu obedeci. Assim, coube a Everaldo a responsabilidade de perpetuar o nome dos Alvarenga Negreiros.

CONCEIÇÃO Eles podem ter acertado no seu caso. Quanto a Everaldo...

PADRE Everaldo é um bom rapaz e poderá fazer qualquer moça feliz!

CONCEIÇÃO Não eu!

PADRE Por que não? – Que sabe você de casamento, do mundo, da vida? – Uma mocinha criada no rabo das saias das freiras!

CONCEIÇÃO Mesmo assim sei que casamento é um passo muito sério...

PADRE Por ser muito sério é que nossos pais cuidaram de salvar vocês dois, como, aliás, fazem todos os pais bem intencionados.

CONCEIÇÃO Não acredito.

PADRE A história diz que os casamentos mais felizes foram os que os nubentes nem se conheciam. Portanto, minha menina, agradeça a Deus ter-lhe dado pais e padrinhos tão ciosos...

CONCEIÇÃO Pobres pais! – Eles nunca foram capazes de determinar nada – sempre foram condicionados a obedecer aos patrões – isso sim!

PADRE Se você tem seus pais na conta de incapazes, como acaba de assegurar – mais uma razão pra preservar o futuro deles e de seus irmãos, que não são diferentes!

CONCEIÇÃO *(Chora.)* Meu Deus...

PADRE Sim, preservar o futuro, casando com Everaldo, que será dono dessas terras onde vivem os seus e de onde, pelo casamento, será você também senhora e dona!

CONCEIÇÃO Eu nunca pensei nisto...

PADRE Mas já pensou, se meu pai morre e Everaldo casa com uma estranha, que comece a modificar toda a estrutura da fazenda – em que canto vai sua família parar? – Já pensou o que seria de Manezão e Zefa, acostumados a essa vidinha que levam aqui, se tivessem de repente que sair por esse mundo afora à cata de outro trabalho e morada? – E seus irmãos também, gente simples, que só conhece os misteres do campo, todos de uma hora para outra – jogados ao “Deus dará”?

CONCEIÇÃO O senhor não precisava me lançar isto em rosto...

PADRE Conceição, se assim falo é pra levá-la a encarar a realidade! Escute bem – seus pais já estão velhos e doentes; por outro lado, o meu está por uns dias... – É urgente que sangue novo tome as rédeas do governo das propriedades, fortuna agora entregue às baratas – e quem, se não você, filha e afilhada, poderia ocupar este lugar?

CONCEIÇÃO Eu não me formei pra tomar conta de terras – isso é coisa pra homem...

PADRE É coisa para quem sabe ler, escrever e contar! – Coisa pra quem tem interesse em multiplicar rendas, pra quem é dono e quer zelar o que é seu... – Espere, não me interrompa! – Você, uma vez casada, poderia melhorar a situação de toda a sua família, colocando seus irmãos em postos-chaves, pois sendo a dona da propriedade...

CONCEIÇÃO Eu nunca desejei ser dona de nada!

PADRE Mas sempre desejou ajudar aos seus, a prova é que queria um empreguinho de professora...

CONCEIÇÃO Eu pensava em ser freira...

PADRE Freira! – Você não sabe nem o que quer! – Então você não sabe que freira nunca ajudou a ninguém? – Não vê as de lá? Desconhecem até os próprios parentes! – E ademais, você tem uma dívida de gratidão para conosco, que sempre acreditei presente em seu coração!

CONCEIÇÃO Ah, Deus! – E eu que pensava ser livre...

PADRE Pensava, e por isso já estava, por conta própria, resolvendo sua vida! – Ninguém a veja – com esse jeitinho passivo – botando as unhas de fora!

CONCEIÇÃO *(Num soluço.)* Basta, Padre, não já me tem nas mãos?

PADRE Nas mãos? – Então você... concorda?

CONCEIÇÃO Vocês não já determinaram? – Que adianta resistir?

PADRE Eu sabia! – Eu sabia que você reconheceria...

CONCEIÇÃO Eu não reconheço nada – apenas não vejo outra saída.

PADRE Minha filha, o que foi resolvido é para o bem de todos, aliás, a única maneira de unir as duas famílias...

CONCEIÇÃO Por que logo eu, meu Deus?

PADRE Eu sei que não está sendo fácil. O impacto da notícia, seus sonhos de criança... – Mas logo se acostumará. Procure logo tomar pé da situação – tem carta branca para agir, como fez com a escola – carta branca, ouviu?

CONCEIÇÃO Padre, isso está acima de minhas forças!

PADRE Menina, *alea jacta est!*¹ – Não tem mais revogação nem apelo! Você nasceu pra casar, ter filhos... – “Conceição” quer dizer conceber... – Sei o quanto gosta de crianças. Pois bem, você será mãe de muitos meninos fortes e bem nascidos, os continuadores da estipe corajosa dos Alvarenga Negreiros, herdeiros das tradições trazidas de além-mar! – Com que alegria os batizarei e abençoarei – os esperados rebentos que honrarão o já respeitável nome da família!

CONCEIÇÃO Padre, me acuda, eu já não sei de nada, não sei de mais nada!

PADRE

Não chore, minha pequena – você é bem uma menina ainda! – Fique certa que os mais velhos sabem o que fazem! Dia virá em que você vai me dizer: – “Padre, eu naquele tempo era uma boba mesmo, nem me dava conta do que estava acontecendo!”

CONCEIÇÃO Pelo amor de Deus, me ajude!

PADRE

Ajudarei. Estarei sempre a seu lado, nas alegrias, nas dores... – em tudo estaremos juntos, não tenha medo. E, se Deus quiser, muito breve você será Dona Maria da Conceição de Alvarenga Negreiros, a mui digna senhora e dona da Fazenda Viração, mãe dos herdeiros de uma das mais ilustres famílias desta região!

QUADRO 3

Sala modificada.

PADRE

(Só.) A contabilidade, nestes livros, demonstra que não me enganei quanto à competência de Conceição. Enganei-me quanto à maleabilidade. É um tanto “cabeça dura”. Quando defende um ponto de vista não arreda um milímetro!

CONCEIÇÃO *(Entra.)* Bom dia, Padre. Está fiscalizando as contas?

PADRE

Estou mais uma vez constatando que a fortuna dos Alvarenga Negreiros está em boas mãos. Só não aceito certas liberalidades – agora todo mundo tem suas prerrogativas, seus direitos!

CONCEIÇÃO As leis trabalhistas entraram no país...

¹ A sorte está lançada!

PADRE E as exigências dos moradores se tornam a cada dia mais fortes! São tantas as regalias que me causam espanto!

CONCEIÇÃO O que o senhor chama de “regalias”? Lápis e papel para a criançada, cueiros para os que nascem, médicos para os doentes?

PADRE Os trabalhadores estão se acostumando a luxos como bicicletas, relógios...

CONCEIÇÃO Eles têm o direito de fazer o que bem quiserem com seus lucros! – Antigamente as balanças só pesavam para o lado do proprietário, a contabilidade só favorecia o fazendeiro... – Hoje a coisa mudou – aí está.

PADRE Que boa advogada esta minha cunhada vem me saindo!

CONCEIÇÃO O senhor me deu carta branca para agir...

PADRE É verdade. Mas, como você é muito nova, não conhece ainda o pulo, que o gato não ensina a ninguém...

CONCEIÇÃO Dispensou. – E este pacote?

PADRE Trouxe-o do correio, pra você.

CONCEIÇÃO Aberto? – Por que o senhor continua a violar minha correspondência?

PADRE Como se tratava apenas de livros... E por sinal nada interessantes para uma senhora.

CONCEIÇÃO Leio o que me dá gosto. Já que não saio daqui, quero conhecer o mundo através dos livros.

PADRE De uns tempos pra cá, você tem se mostrado amargurada.

CONCEIÇÃO Na verdade, não me sinto feliz com a vida que levo.

PADRE Se não está feliz – a culpa é sua. Você tem tudo o que uma mulher pode desejar: – uma boa casa, bens, marido...

CONCEIÇÃO Marido...

PADRE Só não filhos...

CONCEIÇÃO Filhos...

PADRE Você não se esforça. Meu pai não pode morrer sem abençoar seus descendentes.

CONCEIÇÃO Crianças não nascem de pés-de-couve. Estou farta deste casamento de mentira.

PADRE Está faltando uma pequena ajuda... uma mudança, algo que os aproximasse – uma viagem, por exemplo? – Tenho aconselhado a várias pessoas e tem dado certo!

CONCEIÇÃO Uma viagem...

PADRE Está havendo um congresso eucarístico em...

CONCEIÇÃO Congresso eucarístico? – Rezar, ver igrejas, mosteiros, rezar outra vez, muito obrigada. Cansei de privar com sepulturas caídas, velhos caindo aos pedaços, hospedagens em conventos – e mais carregando Everaldo a tiracolo – nunca!

PADRE Se é assim, poderiam fazer algo diferente – um cruzeiro ou irem à Europa, por que não?

CONCEIÇÃO Um cruzeiro...

PADRE Iriam gostar do navio, dias em pleno mar – é bom!

CONCEIÇÃO Eu feito babá de Everaldo, metida entre desconhecidos indiferente e convencionais – não!

PADRE É difícil satisfazê-la. Não se obrigariam a ir atrelados a nenhuma excursão – iriam os dois e pronto!

CONCEIÇÃO Não me atrevo mais a ir sozinha com Everaldo nem à cidade!

PADRE Você está rejeitando seu marido!

CONCEIÇÃO O senhor sabe muito bem porquê.

PADRE Poderiam levar alguém – um amigo, um parente...

CONCEIÇÃO Quem?

PADRE Um dos seus.

CONCEIÇÃO Coitados.

PADRE Uma amiga...

CONCEIÇÃO Não as tenho mais.

PADRE Você não que mesmo cooperar. E depois se queixa que “crianças não nascem de pés-de-couve”.

CONCEIÇÃO Filhos – eu bem que gostaria... – Quando penso que não tenho a quem deixar o fruto do meu trabalho...

PADRE Mas você pode e deve tê-los! – Há tratamentos! – Poderão consultar os melhores especialistas da Europa. – Veja o quanto é importante uma viagem!

CONCEIÇÃO Só que não vou. Sozinha com Everaldo, não.

PADRE Arranje uma companhia. Paga-se tudo!

CONCEIÇÃO Já disse que não tenho.

PADRE D.Adalgisa?

CONCEIÇÃO É uma velha idiota.

PADRE E Marta? – É nova, alegre...

CONCEIÇÃO Marta é muito mal educada.

PADRE Está ruim... Todos têm defeitos. E Dona Calpúrnia? – O prefeito consentiria, tenho certeza.

CONCEIÇÃO O senhor está brincando! – Uma mulher perigosa como aquela...

PADRE Não sugiro mais ninguém. Você não quer mesmo viajar e fica a se queixar da vida...

CONCEIÇÃO Eu viajaria, sim, com alguém cuja presença me trouxesse, além de segurança, o prazer da companhia.

PADRE Só que esta pessoa não existe, aqui.

CONCEIÇÃO Existe, sim.

PADRE Quem?

CONCEIÇÃO O senhor.

PADRE Eu? – Em que eu poderia ajudar?

CONCEIÇÃO Em tudo. Aceita?

PADRE Você sabe que não posso.

CONCEIÇÃO Por quê?

PADRE Ora, mil e um deveres! A paróquia está aí...

CONCEIÇÃO Arranjaria um substituto.

PADRE E a fazenda? E meu pai?

CONCEIÇÃO Meus irmãos e minha mãe não são confiáveis? – Então não se viaja. Acabou.

PADRE Não é possível. Pense em Everaldo, na possibilidade de terem filho. Filhos pra darem continuidade à linhagem dos Alvarenga Negreiros!

CONCEIÇÃO Sozinha não vou. Quem nos levaria a especialistas, nos ajudaria a enfrentar todas essas coisas desagradáveis?

PADRE Uma viagem... até que não seria mau. Gostaria de rever a Itália, onde me ordenei e de onde guardo tantas recordações...

CONCEIÇÃO As italianas são... bonitas?

PADRE Em toda parte as pessoas são as mesmas, o mundo é um só.

CONCEIÇÃO E a França?

PADRE A França... Quem sabe se na Gruta de Lourdes se daria o milagre?

CONCEIÇÃO Na gruta? E tem espaço pra isso?

PADRE Está bem. Vamos viajar. E seja o que Deus quiser...

CONCEIÇÃO E nada de igrejas, museus, monumentos! Quero bons hotéis, bons restaurantes, a vida noturna das grandes cidades!

PADRE Certas leituras... acabam por envenenar a alma...

CONCEIÇÃO Deixe-me sonhar um pouco! – Bons teatros, vestidos, jóias! Afinal – sou mulher! – Quero ver tudo, experimentar, ousar!

PADRE O fim justifica os meios. Tudo pela continuidade da velha estirpe dos Alvarenga Negreiros!

CONCEIÇÃO Darei continuação à raça! – Selemos um pacto! Um aperto de mão!

PADRE *Ad augusta per augusta*²!

² Ao lugar supremo por veredas estreitas!

QUADRO 4

CANTO

- Malas feitas para a ida
- malas desfeitas na volta!
- Quem vai – um sonho de vida!
- Quem vem – anseio e revolta!

- Não posso chamar de vida noites e noites iguais!
- Esperança enternecida que não floresce jamais!

- Ai, coração desolado,
- que esconde um sentimento,
- um segredo magoado,
- razão de todo tormento!

CONCEIÇÃO (*Só.*) Noites e noites iguais... – e, no silêncio das noites o coração, ansioso, a marcar o enervante compasso da espera... – Mas lá fora tudo pulsa e vibra, enquanto aqui se morre aos poucos, devagarinho... – E a vida vai rolando, presa à engrenagem dos códigos – preconceitos regulando o comportamento das pessoas, discriminando atitudes, sentimentos, naquele eterno vai-vem de oposições: – pode, não pode, certo, errado, bom, mau... – Que viagem! – Maravilhosa e horrível ao mesmo tempo! No beliche, o enjô de Everaldo, o cheiro de vômito e aqueles olhos de boi morto... – E, no tombadilho, juntos, a burríssima trindade: – o Padre, a Mulher e o... Abiscoitado! E, dia após

dia, os três, a contemplar um céu infinito e um mar que, afinal, terminou no velho mundo.

(Tira da mala um vestido verde, veste-o com elegância e assume ares de grande dama. Cortina sonora – um fado.)

- De esperança vestida
pisam meus pés terras de Europa, chão de Portugal!
- Onde celtas e iberos, fenícios e cartagineses?
- Onde os bárbaros da Lusitânia,
os vândalos de Andaluzia?
- Fantasmas,
ouvi-me, sou vossa filha!
- Trago comigo sonhos de conquista,
a alma apaixonada
e o germe da saudade
que chora em vosso fado!
- Abri-me as portas,
tomai-me em vosso ninho!
- Escutai meu silêncio
onde soluços morrem sufocados,
onde o sigilo esconde o holocausto!

(O fado vai morrendo, suave, Conceição despe o vestido verde, enverga outro, vermelho, e, de repente, faz-se ouvir som de guitarra, soar de castanholas... Conceição, rápida, flor no cabelo, assume ares majestosos, seguindo o ritmo da dança.)

- Areal de Sevilha!
Torre de ouro – olé!
Sou sevilhana e danço
meu ritmo de fogo!

- Aldeias avoengas,
Espanha de ancestrais!
Recordai-vos de mim? – Um dia aqui nasci!
Sou mulher de toureiro – ardente, renegada,
por isso me abraso, fremente, apaixonada,
em busca do amor – que ainda não vivi!

- Eu busco o arco-íris na noite prolongada!
Busco a chama nas cinzas da lareira já fria!
Meus pecados de origem me levam, ignorada,
a portas que se fecham...
e em plena madrugada
- amargo a solidão dolorosa, vazia...

(A música aperta o ritmo e a moça, dançando, sacode as saias e marca o compasso com os saltos dos sapatos até que, de chofre, faz-se silêncio e ela cai, no chão, extenuada.)

- Sonhos, apenas sonhos! *(Troca de roupa.)* – Mas a realidade se faz sentir na via-crucis de outras buscas... – especialistas com sua ciência, grutas com seus milagres, Vaticanos com suas bênçãos... até que, branca e intocada, como as vestais, aqui

estou de volta... Um soluço de dor me rasga o peito – e, em desespero, eu luto por não entrar na correnteza que vai desaguar no fim... no fim...

QUADRO V

- PADRE *(Entra.)* Boa noite. Muito cansada? Ainda não desfez as malas?
- CONCEIÇÃO Só as de Everaldo.
- PADRE Mala de homem não tem nada demais. As mulheres é que são complicadas. – Até você que antes era tão comedida...
- CONCEIÇÃO Agora resolvi perder... a medida.
- PADRE *Abyssus abyssum invocat³.*
- CONCEIÇÃO Por que não deixou o latinório idiota na Itália mesmo?
- PADRE Desculpe. – Alguns dias fora e encontro a paróquia de pernas para o ar. – E aqui?
- CONCEIÇÃO Nem procurei saber...
- PADRE Pois é hora de entrar novamente nos eixos! – Meu pai está dormindo?
- CONCEIÇÃO Não sei.
- PADRE Pelo que vejo as coisas não andam bem! – Com licença. *(Sai.)*
- CONCEIÇÃO *(Só.)* Este é o momento propício para uma conversa decisiva. – Ou hoje ou nunca mais! Já não agüento esta vida de conflitos, esta

³ Um abismo chama outro abismo.

mágoa, esta pena, esta agonia... – Tenho que falar, romper com tudo, antes que venha a explodir e voar em pandarecos! – Tenho que dizer o que sinto, sem ligar para o que possa acontecer! – Só assim me livrarei de tanta submissão, de um casamento que, afinal, não passa de uma grande mentira! – Cansei – e já não é mais possível dissimular as necessidades do corpo, as feridas da alma que me fazem fenecer, secar... – E eu quero viver... viver!

- PADRE *(Entra.)* Está dormindo, coitado!
- CONCEIÇÃO Coitado? – Ele sempre teve tudo, sempre foi cercado de todo carinho! – Coitados dos que passaram a vida servindo aos outros e, no fim, não têm quem os chore!
- PADRE ... quem os chore? – A quem está se referindo?
- CONCEIÇÃO A mim, a nós dois que não temos filhos, logo não teremos por quem chamar, na velhice.
- PADRE De fato! – Mas isso não é coisa pra se pensar, no momento. Deus dará um jeito?
- CONCEIÇÃO Dará mesmo?
- PADRE Confiemos na Providência! – Quem sabe se não colocará em nossos caminhos um anjo-de-guarda... feito você?
- CONCEIÇÃO Não interessa missa-de-corpo-presente! – A verdade é que nossos pais tiveram filhos... e eu não os tenho.
- PADRE Neste ponto, a culpa não é minha. Fiz o que pude.
- CONCEIÇÃO Será que fez mesmo?

PADRE Ajudei no que foi possível. Até viajar, quando minhas responsabilidades me prendiam aqui – viajei... – para assistir a certas cenas desagradáveis...

CONCEIÇÃO Posso saber quais?

PADRE Sua desenvoltura, em certos momentos, trajes exagerados, como estas roupas – e uma frieza glacial para com seu marido.

CONCEIÇÃO Tais itens não foram discutidos, no ajuste.

PADRE Mas uma conduta razoável, decente, estava implícita nele.

CONCEIÇÃO Pode ser. Mas cansei de ser marionete nas mãos de vocês. Aliás, cansei de tudo!

PADRE O que há com você? – Nunca a vi assim!

CONCEIÇÃO Pudera! – Só eu sei o que sinto!

PADRE O que tem, Conceição?

CONCEIÇÃO ... o que tenho...

PADRE Está doente?

CONCEIÇÃO E quanto!

PADRE Coisa de... mulher?

CONCEIÇÃO Sim, coisas de mulher!

PADRE É ir ao doutor! – Doença não se guarda!... – Mas... na viagem você parecia tão bem...

CONCEIÇÃO Fingia...

PADRE Arrumava-se, fazia-se coquete...

CONCEIÇÃO Forçava... Passava noites em pânico, o coração a estourar!

PADRE O coração? – Por que não chamava?

CONCEIÇÃO O senhor saía sempre... – passava as noites fora!

PADRE Ia dar umas voltas... Também estava sem ar!

CONCEIÇÃO Também está doente?

PADRE Um pouco.

CONCEIÇÃO Quem sabe... do mesmo mal?

PADRE Eu me curo com oração e vigília. *Ad majorem dei gloriam*⁴...

CONCEIÇÃO O senhor se cura. Eu, não. Minha natureza feminina cobra bem alto sua participação no banquete da vida.

PADRE O instinto é mau conselheiro.

CONCEIÇÃO Um dia o senhor me disse: – “Chegará o momento em que, referindo-se ao passado, você exclamará: – Padre, naquele tempo eu era uma boba, nem me dava conta do que estava acontecendo!” – Lembra-se?

PADRE Eu me lembro.

CONCEIÇÃO Pois bem, hoje eu sei que de fato fui uma idiota, deixando que me levassem a executar tarefas acima de minhas forças...

PADRE Não é assim...

CONCEIÇÃO ... que me levassem a um casamento de mentira; que me acenassem com a esperança de filhos que jamais viriam – e ainda por cima me cobram esses filhos!

PADRE Esqueça. Não se fala mais nisso.

CONCEIÇÃO Por que não? Será que o fato de calar vai apagar tudo o que aconteceu, vai redimir todo o mal que fizeram? – Será que, por não mais tocar no assunto, o jogo que jogaram se torna menos

⁴ Para a maior glória de Deus.

sujo? – Pensa que passando uma esponja todo o passado se desfaz?

PADRE Nós agimos pensando no bem de todos. E não houve mal.

CONCEIÇÃO Padre, o que o senhor fez comigo foi uma ignomínia. Abusou de minha pouca idade, da situação de subserviência de meus pais – pra ter à mão a enfermeira pros seus doentes e a escriturária pras riquezas da mui nobre família Alvarenga Negreiros!

PADRE Não é bem assim. Você não é apenas a escriturária, é meeira de tudo quanto Everaldo possui. Você é rica...

CONCEIÇÃO Riqueza nunca trouxe felicidade nem paz – apenas angústia...

PADRE Angústia existencial – todos nós a sentimos...

CONCEIÇÃO Mas não este desassossego, esta ansiedade sem limites, esta revolta desesperada e sem horizontes...

PADRE Minha filha, seu coração está pesado... Nem parece aquela menina de poucos dias atrás... *(Mexe na mala.)* – Aquela menina que com este trapo verde dançou um fado...

CONCEIÇÃO Então se lembra?

PADRE ... que, de vermelho, gritava “Olé” em Madri...

CONCEIÇÃO Por que se lembra?

PADRE ... que de azul rezava, contrita, em Roma... e, de preto, chegou de volta, altiva e sobranceira...

CONCEIÇÃO Então, o senhor viu tudo, guardou tudo! – Que sentimento o levou a decorar todas as minhas roupas?

PADRE Sou padre, mas não sou cego! Gravo bem as cores – só isto.

CONCEIÇÃO Que resposta!

PADRE A mais coerente que eu poderia dar, menina.

CONCEIÇÃO Não me chame de menina! – Sou uma mulher – e não escondo meus sentimentos como o senhor.

PADRE Calma. As coisas não são tão fáceis como se pensa.

CONCEIÇÃO Foram fáceis quando se tratou do meu sacrifício.

PADRE Sacrifício, nem tanto. Você hoje é uma mulher poderosa.

CONCEIÇÃO Eu? – Não possuo o mais importante para o ser humano – a liberdade!

PADRE “Liberdade” é uma palavra perigosa...

CONCEIÇÃO Para os covardes.

PADRE Você há de convir que vivemos presos por injunções sociais, religiosas... e delas não podemos nos afastar.

CONCEIÇÃO Horácio aconselhou a Virgílio a trocar, de vez em quando, o juízo por um pouco de loucura!

PADRE Eis o resultado de suas leituras desvairadas!

CONCEIÇÃO Desvairada é a concepção arcaica de uma igreja em declínio, de uma sociedade apodrecida que se mantém, ainda, à custa da opressão e da violência!

PADRE Afinal, que pretende você?

CONCEIÇÃO Livrar-me dessa farsa, anulando este simulacro de casamento e retomando minha liberdade.

PADRE Anular. Judicialmente perderia todos os bens.
CONCEIÇÃO Não importa. Recomeçaria muito longe daqui.
PADRE O que Deus uniu homem nenhum poderá separar.
CONCEIÇÃO Uniu? – No nosso caso houve apenas uma negociata!
PADRE Perante a igreja o casamento é indissolúvel.
CONCEIÇÃO Basta! – Agora sei que nada poderei esperar de sua parte. Não tem importância, eu mesma decidirei minha vida.
PADRE De que maneira?
CONCEIÇÃO Lançando um desafio a esta moral estúpida – largando tudo!
PADRE Você está dizendo que vai embora? – Nem pense! – Eu não vou consentir!
CONCEIÇÃO Foi-se o tempo em que o senhor me ditava normas! – O jogo agora está nas minhas mãos – quem dá as cartas sou eu!
PADRE As cartas, você dá as cartas... começo a entender. Quer dizer que tem uma pretensão e se eu não concordar – é isto?
CONCEIÇÃO Padre, o senhor planejou este casamento...
PADRE Em parte... sim.
CONCEIÇÃO ... falou comigo, me convenceu, alegando até que “Conceição” queria dizer “conceber”...
PADRE É verdade – eu disse.
CONCEIÇÃO Disse que me sabia “maternal” por me ver brincando com crianças e que me escolheu pra casar com seu irmão e ser a continuadora da velha estirpe...

PADRE O homem põe... e Deus dispõe...
CONCEIÇÃO Mas, no nosso caso, nenhum homem chegou a “pôr”! – E eu, “Conceição”, nascida para conceber, quero ter meus filhos...
PADRE Não se fala mais nisso. Desisti de herdeiros.
CONCEIÇÃO O senhor desistiu de herdeiros, mas eu não desisti de filhos. E assim, vou embora, procurar um homem...
PADRE Que é isto, Conceição?
CONCEIÇÃO É isto mesmo! – Na mui nobre família Alvarenga Negreiros o senhor foi escolhido pra ministro de Deus e Everaldo pra reprodutor... – Acontece que o rapaz não funciona... e eu...
PADRE Tire essas idéias malucas da cabeça! – Você não sai daqui!
CONCEIÇÃO Ora, vocês queriam descendentes; me casaram pra que eu lhes desse descendentes, estou disposta a dá-los, mas como o reprodutor deu zebra – tenho que procurar...
PADRE Isto é uma pouca vergonha – uma desfaçatez!
CONCEIÇÃO ... tenho que procurar alguém que me ajude a cumprir o que Deus determinou: – “Crescei e multiplicai-vos”!
PADRE Esta menina endoideceu! – Nem sabe o que diz!
CONCEIÇÃO Sei! – Acontece que sendo uma mulher normal, minha “doidice” é querer filhos! Só estou reivindicando filhos!
PADRE Mas reivindicando a mim, por quê? – Não sou seu marido!
CONCEIÇÃO Mas é o culpado pelo desacerto!

PADRE Desacerto! – E por isso se acha com o direito de sair por aí, feito mundana, à cata de homens?

CONCEIÇÃO Então me arranje um!

PADRE Um... homem?

CONCEIÇÃO Um pai! – Um pai para os filhos que pretendo ter!

PADRE Um pai? Que pai?

CONCEIÇÃO Alguém que os ame, os leve a passear e se orgulhe dos esperados herdeiros desta gloriosa estirpe! – O senhor!

PADRE Eu? – Mas eu não sou seu marido – sou um ministro de Deus!

CONCEIÇÃO E há coisa mais importante para um ministro de Deus fazer – que procriar seres nascidos à imagem e semelhança do Pai?

PADRE Como você mudou, Conceição! – Será que dentre tantas mulheres virtuosas de sua família, você foi herdar justamente o sangue de outras tantas parentes depravadas?

CONCEIÇÃO Se cobrar o preço fixado no ajuste é depravação...

PADRE Meu Deus! – Nunca pensei ter que pagar tão caro o preço de uma pena passada...

CONCEIÇÃO É isso... – Naquele tempo, o senhor não se importou de cometer um crime, amarrando uma menina indefesa a um pobre doente... – Não acreditou nem um instante estar condenando um ser humano, com direito a uma vida normal – a uma existência de morta-viva...

PADRE Morta-viva? – Você tem tudo! – E... você mesma havia falado em voto no coração, voto de castidade... Houve ou não houve esta conversa?

CONCEIÇÃO Eu era uma criança... – Mas agora... sofro tanto! – Padre, olhe pra mim, não sou despida de sentimentos, como um fantoche – sou, na realidade, um ser todo emoção, um ser que possui, como todos os outros, o seu ciclo de vida – e que precisa vivê-lo em toda sua intensidade!

PADRE Meu Deus! – Não torne as coisas mais difíceis ainda, minha filha!

CONCEIÇÃO Não sou eu que as torno, mas o senhor com sua burrice.

PADRE Obrigado pelo elogio. Dos burros, muita vez, é o reino de Deus.

CONCEIÇÃO Burro, sim, por não sentir essas noites de pesadelo vivo...

PADRE Oraí e vigiai, senhora!

CONCEIÇÃO Burro por não notar que toda a natureza é um chamamento à multiplicação da espécie!

PADRE *In saecula saeculorum*¹.

CONCEIÇÃO E covarde! – Covarde, pois se esconde atrás de um latim idiota e uma batina suja – pra não enfrentar as coisas naturais da vida, o desejo dos homens e... a felicidade!

PADRE Cada coisa tem seu preço.

CONCEIÇÃO Deus mandou que o homem e a mulher se unissem para que o verbo se manifestasse...

PADRE ...sim, com sua Divina aquiescência...

CONCEIÇÃO ... o primeiro homem e a primeira mulher – juntos...

PADRE ... o princípio fundamental da gênese...

¹ Pelos séculos dos séculos; para sempre.

CONCEIÇÃO ... desdobrando as gerações, dia após dia...
PADRE ... até a consumação dos séculos...
CONCEIÇÃO Toca... me toca com tuas mãos e eu desabrocharei no teu desejo...
PADRE Para o Senhor tenho a direita e a esquerda unidas em oração...
CONCEIÇÃO ... teu corpo, como força viva, efetuando em mim o ato da criação...
PADRE *Dominus Vobiscum*⁶!
CONCEIÇÃO ... e contigo conhecer o fruto de uma só carne... esperei tanto este momento... - Anos de solidão, de vazio, noites sem fim... - Ah, amor! - Creio que sempre te amei! - Amava-te nos santinhos, no confessionário... - Amava-te nos salmos que entoavas, nas aleluias, no teu mistério de sacerdote! - Amava-te, severo e incorruptível, a julgar as fraquezas humanas; amei-te até nas imposições desarrazoadas, nas injustiças que vieste a cometer... - Sim, sempre te amei, solitário, único... como te amo agora, tão perto e tão distante ao mesmo tempo... - Vem, vem...
PADRE Não...
CONCEIÇÃO Nós dois estamos doentes... Vem...
PADRE Não é possível, não...
CONCEIÇÃO Eu te amo tanto...
PADRE Não te faças de Satanás - tentando...
CONCEIÇÃO Como te quero... te quero...
PADRE Tem piedade...

⁶ O Senhor esteja convosco!

CONCEIÇÃO Vem comigo... vem...
PADRE Não posso... deixa-me sair...
CONCEIÇÃO Não, não! - Me abraça - sou tua...
PADRE Minha... minha? - Não, não sou teu marido!
CONCEIÇÃO Que importa? - Que importa que os filhos venham do teu desejo ou de Everaldo - o sangue é o mesmo!
PADRE Então é isto? - Você está louca!
CONCEIÇÃO Foi você que me enlouqueceu!
PADRE Está possessa!
CONCEIÇÃO Não fale assim... - Eu o amo, eu o amo!
PADRE Pare com isto! - Não vê que é tentação... pecado? - Você só pode estar tomada pelo demônio - que horror!
CONCEIÇÃO Então é assim? - É assim que você recebe minha confissão, a confissão do amor que me avassala inteira, que me acompanha desde sempre e me dá forças pra viver?
PADRE Cale-se!
CONCEIÇÃO Eu... já não posso calar - não posso! - Tem piedade!
PADRE Já não suporto mais ouvi-la - não suporto!
CONCEIÇÃO Não sentes nada por mim?
PADRE Sinto... nojo!
CONCEIÇÃO É assim? - Muito bem! - Se é assim - eu vou sair! - Vou procurá-los fora!
PADRE Procurar... quem?
CONCEIÇÃO Os filhos! - Padre, esta fazenda tem o nome de "Viração" pelos ventos que cortam o canavial. Mas,

de hoje em diante, terá outro significado. Se “viração” quer também dizer vagabundagem – eu serei, daqui pra frente, Conceição – a mulher da “viração”!

PADRE Cale-se! – Cale-se, sua desmiolada!

CONCEIÇÃO Sim, a mulher da “viração”! E todos os anos viajarei, para trazer de volta, na barriga, um Alvarenga Negreiros de mentira – da China, da Arábia, da Rússia, da África, amarelo, branco, preto, não importa a cor, nem a procedência, de onde, nem como... – cada qual de um pai diferente, mas todos usufruindo, incon-di-cio-nal-men-te, o nome e a fortuna da tradicional família de conquistadores!

PADRE Basta! – Agora sei que está louca varrida e vou interná-la no hospício!

CONCEIÇÃO Ah! No hospício também existem homens – enfermeiros, loucos... Se sair algum filho de doido, não faz mal... – a família também é destrambelhada...

PADRE Cadela!

CONCEIÇÃO Vocês me transformaram nisto!

PADRE Retrate-se!

CONCEIÇÃO Nunca!

PADRE Vou trancafiá-la aqui mesmo! Daqui não sairá jamais! Nem que para tal eu tenha que matá-la!

CONCEIÇÃO Este tempo acabou! – Eu não sou mais a idiota que vocês amarraram a um imbecil! – Agora...
(Uma sonora bofetada joga Conceição por terra. Desesperado, o padre agarra as suas mãos.)

PADRE Meu Deus, que fiz? – Aonde fui chegar, meu Deus...

CONCEIÇÃO Que dor... que dor...

PADRE Que brutalidade... que loucura! – Perdoe-me! – Bater... chegar a bater... ferir-lhe a face...

CONCEIÇÃO ... a dor não é na face – é na alma...

PADRE Já não tenho o direito de ficar aqui – vou embora!
(Toma o chapéu e a pasta e caminha para a porta.)

CONCEIÇÃO Espere...

PADRE *(De costas.)* Não...

CONCEIÇÃO Não vá ainda... não vá...

PADRE Não posso ficar... – não posso...

CONCEIÇÃO Estou doente... nós dois estamos doentes...

PADRE Por isso mesmo... não posso.

CONCEIÇÃO Não agüento ficar sozinha. – É solidão demais...

PADRE Eu sei... Eu também... estou... só.

CONCEIÇÃO Então fique... – Do contrário...

PADRE ... do contrário... o quê?

CONCEIÇÃO Eu me vou...

PADRE Tenha piedade... não me enlouqueça...

CONCEIÇÃO Escute... preste atenção. As malas ainda estão feitas, o carro pronto.

PADRE Não me torture mais... eu não suporto...

CONCEIÇÃO Já passa de meia-noite. Eu espero. Se até o amanhecer você não voltar...

PADRE Se... eu não voltar...

CONCEIÇÃO O dia me encontrará muito longe daqui. Para sempre... para sempre...

(O padre põe o chapéu na cabeça e devagar vai saindo, perdendo-se na escuridão.)

FIEL ESPELHO MEU*

MONÓLOGO

(Quarto de vestir. penteadeira, cadeira, dois grandes retratos pendurados em paredes opostas. Verônica entra, luto fechado e fala para o interior.)

VERÔNICA

– Joana, sirva o jantar aos hóspedes e avise que só vou descer à hora da abertura do testamento. Não, não quero nada. Vou descansar um pouco.

(Depõe o livro, o terço, o chapéu e as luvas à penteadeira, senta na cadeira e respira fundo.)

– Até que enfim! Até que enfim se foram as condolências, os abraços confortadores, queixumes, suspiros, ais... Eu já não agüentava, não agüentava mais... – E o que diziam? “O marido se foi e ela está aí... ainda nova e rica!” Outros: “Viram quem apareceu? O Pedro! O

* Por falta de maiores detalhes em torno da récita de estréia, em 1982, com a atriz Socorro Brito, no papel de Verônica, não apresentamos a ficha técnica deste espetáculo.

antigo namorado... aquele, daquela estória escabrosa..." E mais outros: "É, depois de tantos anos, achou de voltar bem na hora, quando o finado está morto, bem morto, encaixotado a pregos e encerrado numa catacumba!"

(Estranha a palavra.)

- Ca-ta-cum-ba... Orestes morto, estirado no caixão, tampa de vidro e flores - mostrando apenas aquele narigão que, a Deus querer, não vou rever jamais!

(Reflete.)

- Orestes morto!?!... Estaria morto mesmo... ou tudo não passou de um ataque de catalepsia, desses que só anos depois são descobertos, quando se encontra o defunto virado no caixão? - Cruzes! - Orestes MORTO? - Até duvido! - Então, o que foi feito daquela importância, daquela arrogância, daquele poder todo? Cadê o terno impecável, a pose de estadista, o relógio de ouro, o cachimbo importado, as costeletas, o bigodão?

(Vai até o retrato dele.)

- Cadê você agora, Orestes autoritário, auto-confiante, dono do mundo? *(Com mais ênfase.)* - Cadê o homem que ordena, que resolve tudo,

senhor de todas as coisas, até do corpo e da vontade da gente, hein? *(Desafia.)* - Ah! Não me diga que toda aquela onipotência foi quebrada, aquela arrogância destruída... e sua augusta pessoa reduzida a apenas uma fotografia estampada num pedaço de papelão! *(Iirônica.)* - Meus senhores! Agora o figurão... virou um papelão!

(Volta-se rapidamente para o quadro oposto.)

- O que é Tia Rosa? O que tem a me dizer? Já sei. Quer mais uma vez reclamar, xingar, ditar mais uma vez suas velhas normas de comportamento?!... *(Desafia.)* Acontece que agora - não obedeco a mais ninguém! Sabe? - Agora, estou livre como os passarinhos! - LIVRE! Enfim, foram-se os meus algozes, meus cães de guarda, meus verdugos! Sim, isso mesmo! - Primeiro... a senhora! Agora ele! VÊ? Não tenho mais quem me aporrinhe os ouvidos com aqueles horríveis chavões: "Não faça isso que é feio! Não faça que é indecente! - Dê-se a respeito!"

- Feio! Indecente! Pois agora, sabem de uma coisa?... T'aqui pra moralidade de vocês dois, seus defuntos metidos... E agora, assumam suas abençoadas mortes e desabem pro outro mundo, pro inferno, como convém a um defunto que se preza!

(Vai ao retrato de Orestes.)

– Velho, você se foi... Se foi e eu fiquei... sozinha... com as poucas lágrimas já vertidas, o escasso choro já espremido, apenas como satisfação àqueles que vieram trazer-lhe o derradeiro e falso adeus...

– Orestes, você se foi e eu agora estou viúva. *(Estranha a palavra.)* – VIÚVA! Que nome esquisito... Nome fechado, escuro como o luto que representa...

(Olha-se no espelho.)

– Luto? – Então vocês acham que vou permanecer assim, anos e anos, como símbolo de uma saudade que não sinto, de uma dor que não experimento? Acham mesmo que vou andar de preto, cabelos arrumados num cocó, rosto macerado de madona, cabeça baixa, ombros caídos, pobre viúva? *(Exalta-se.)* – Uma merda que eu ando!

– Agora vocês vão ver... Já que não tenho mais quem me controle, quem me policie – vou viver como posso e quero, livre e só, balançando o rabinho!... Agora vocês vão ver quem de fato é a Verônica, aquela morta-viva, sempre encerrada em casa, empertigada sob a capa de boas-maneyras, mijando bons costumes, cagando sapiência...

(Volta ao espelho.)

– Preto! – Que cor horrível! – Como envelhece, diminui, encolhe! *(Apalpa-se.)* – Cadê meus peitos? Minha bunda? – Tudo batido, escorrido, murcho! – Não, decididamente não vou comemorar meu treze de maio vestida numa cor tão depressiva... Dizem que na China o luto é vermelho – uma cor lasciva, sensual, erótica! Ah, se eu fosse chinesa...

(Olha o retrato de Orestes.)

– O que é? Vai agora fazer como a outra que, mal se enterrou, voltou logo a pegar no meu pé? A tia Rosa vá lá que continue me amofinando – me criou... Mas você? Pra você... acabou-se o que era doce! Você agora é simplesmente uma alma penada... sem relógio, sem cachimbo... e muito breve sem costeleta nem bigodão! Só a caveira... a CAVEIRA!... E eu? Ora, eu ainda sou uma mulher viva, de carne-e-osso, livre e só – e pronta pra balançar o rabinho... pra fazer o que nunca fiz de verdade... com quem sempre desejei e não pude!

(Vai ao outro quadro.)

– É isso, tia Rosa! Nunca pude fazer – e por sua causa...

– Mas agora, Pedro voltou... está aí... – Pedro, o moleque... Pedro, o atrevido que ousou olhar pra sua sobrinha... *(Relembra.)* Uma das sobrinhas da importante senhora Dona Rosa... E que sobrinhas intocáveis...

– Me lembro ainda, tia, que éramos proibidas de brincar, de circular pelos recantos do engenho, para não nos misturarmos com as meninas pobres, com os moleques enxeridos... Lembro como Éramos proibidas de pular, correr, levantar as saias, viver... Porque, a qualquer manifestação de vida, vinha logo o grito estertoroso: “Menina, tenha modos! Abaix a saia! Cubra depressa o bicho feio!”

– Bicho feio! Bicho feio! – E a gente parava, petrificada... e o “bicho feio” era afluivamente escondido debaixo das saias... Enquanto isso, os machinhos da família tinham todas as regalias... e eram até estimulados a mostrar as trouxinhas, endurecer os pauzinhos, na antecipação do papel que, no futuro, desempenhariam... papel de garanhões, quanto mais femeeiros, melhor...

(Num solução.)

– Ah, tia Rosa, a senhora foi o primeiro Orestes de minha vida! O primeiro juiz arbitrário a me enquadrar, esvaziar, fazendo de mim a criatura

covarde, abjeta, que tenho sido até hoje... até hoje, ouviram? – Porque, de ora em diante, vou despir a carapaça de Maria-Pomba-Lesa, Maria-Vai-Com-as-Outras – e me assumir como ser pensante que sou...

(Pausa para refletir.)

– Agora, Verônica, é livrar-se desses deprimentes panos pretos, levantar a cabeça e gritar “*libertas quae sera tamen!*”

(Olha assustada para os quadros.)

– Por que não? Agora vocês não passam de meros fantasmas! Não são mais que figuras esmaecidas, lembranças do passado, pobres figuras de papelão, delimitadas por molduras antigas...

– Não posso? Por que não posso? – Ah! Então a senhora ainda vem com esse papo de família tradicional... que deu N freiras conformadas, N padres forçados, N solteironas piradas? E quer então que eu engrosse o batalhão de alienados e infelizes do passado?

– Então acha que eu sempre fui muito folgada, namoradeira... E a senhora chamava de namoro àqueles encontros prosaicos com os raros rapazes que conhecíamos – com a senhora

sentada no meio, um triste sete seco de lado? O certo é que todos os pretensos “namorados” fugiram... menos Pedro... Pedro que precisou ser difamado, ameaçado e até escorraçado, do que era seu, para ir embora...

– E... só quando veio Orestes, o bem nascido, o importante, o sinal verde foi finalmente aberto... Orestes, boa aparência, boa pinta... a pasta de executivo, o relógio de ouro, o cachimbo importado, as costeletas, o bigodão, impressionaram os desavisados... (*Suspira.*) Daí para conhecê-lo a fundo... – Eu era feliz? Feliz... Não, com Orestes nunca fui feliz. Sou, agora, ao tê-lo morto. Feliz como a tia Alcina, que ao ver o finado marido estirado ao chão, defunto, começou a dançar em redor do corpo, cantando e batendo-lhe na cara com o babado da saia: “Estou bem aliviada de Seu Nicolau...”

– Tia, eu não agüentava mais Orestes, não agüentava! E dizer que foi um homem honesto! Afinal, para a maioria, “honestidade” é uma palavra que, para o homem e para a mulher, tem conotações diferentes. – O homem pode matar, bater na mulher, fornicar à vontade – se não roubar escandalosamente, é honesto. – A mulher, além de possuir todas as virtudes imagináveis, deverá trancar as pernas até encontrar um marido – e assim agir, mesmo por abandono ou morte do safado... – Mas Orestes roubou a vida inteira. Transformou

este engenho numa usina, barganhando e expulsando os donos de pequenas terras, lesando os humildes, mudando a geografia do lugar! – Até algum tempo atrás, aqui havia uma casinha, ali um jardim colorido, hortas, quintais, criações, bichos miúdos, pequenos agricultores... hoje, existe apenas a várzea, coberta de cana-de-açúcar, as terras da usina... E eles, os antigos donos, hoje não passam de assalariados, de simples operários do senhor feudal! – LADRÃO! – É mentira? – A senhora desculpa porque sempre quis fazer a mesma coisa... Vocês dois tomaram tudo de todos – até de Pedro... (*Soluça.*) Foi a maneira que encontraram pra correr com ele... – Mas a coisa não vai ficar assim, garanto que não! Por que? Porque vocês dois, agora, não passam de dois pedaços de papelão!

(*Vai até o retrato. Irônica.*)– Orestes, cadê aquela importância, aquele charme, aquela vi-ri-li-da-de, que o fazia gabar-se de ser “homem” até debaixo d’água? Orestes... sua macheza se foi... Agora, neste momento, você deve estar “duro”, no caixão, mas de uma rigidez que só interessa aos vermes! Coitado!... E eu me recordo de como pra você era importante trepar, enrubar – quanto mais, melhor... – Muitas vezes, Orestes, sonhei, desejei, fiz até promessas para que você, de repente... broxasse, perdesse o pique e, humilhado e infeliz admitisse: ACABOU... – Já pensou, Orestes, você que sempre necessitou ser, acima

de tudo, GARANHÃO. Você que, na vida, sempre se gabou de jamais ter negado fogo... de repente, na hora H, jazendo inerte, pau abaixado, encolhido, mole, e já que sem pau duro não se faz balaio, obrigado a confessar: “Não dá, não dá mais... Ai, deixei de ser homem...”

– Ah! E sua mãe, aquela megera, que tantas idéias virilizantes lhe pôs na cabeça, a exortar, do outro mundo: “Seja homem, meu filho! Homem que não é macho de verdade, vale menos que mulher, menos até que uma gata! Vamos, não banque o frouxo! Endureça!”

– Ah, finado Orestes, eu daria tudo para ver uma cena dessas! Queria ver com que cara você ficava, ao sentir que já não era mais homem com H maiúsculo, homem do ovo roxo, pau duro, macho até debaixo d’água!

– Tia, tia, como nós mulheres somos também culpadas disto! Como somos culpadas de termos elevado o homem acima da craveira comum, enquanto, de baixo, lhe segurávamos o pedestal! – Como supervalorizamos o sexo oposto, enquanto nós, mulheres, engrossávamos o imenso exército de seres submissos, de cabeças baixas e vontades quebradas – sob séculos de costumes impostos... e toneladas de códigos e normas a traçarem nossa linha de conduta...

– Sim, sexo fraco, sempre a ceder, sempre a calar, sempre a dissimular, até as necessidades reais do nosso corpo – em favor daqueles que só assumiram direitos!

– Os homens podem ser instintivos, bestiais... enquanto a mulher, obrigada a se escudar no manto cinzento da virtude, aprende, desde cedo, a segurar-se pelos pulsos – porque assim resolveram os donos do mundo!

– Quantas mulheres, tia, como a senhora, em nome de um preconceito mesquinho, afogaram dentro de si, lá no cerne, no mais íntimo, as chamadas do amor, as ânsias da maternidade latente, o que de mais forte e sagrado existe no ser – para conservar estupidamente, até à morte, a “pétala”, a ínfima membrana que confere às mulheres o “selo” da virgindade... Imagine o horror, a vergonha que teria sido, a tia Rosa solteira... “despetalada”! – Honra do Entrepernas... que estupidez, que barbaridade!

– Mas os homens, os HOMENS – deuses de barro, argila... – o Homem encarna a força, a coragem, a ordem, a autoridade, a responsabilidade, a fibra, a integridade, a virili-da-de... mas não passa, em resumo, de um pobre diabo, um simples mortal... –Haja vista você, Orestes, que com tanto poder, tanta empáfia... BATEU AS BOTAS... bumba!... e

se foi... pra cidade de pés juntos... – Sim, você era o forte, o herói de capa-e-espada, mas dissolveu-se na sombra – e eu... fiquei... – Você, o garanhão, acostumado a comer a torto e a direito, de repente – zás! – sacudiu a macaxeira, pipocou de vez! – Do tamanho que foi o tiro, isto é, a trepada, foi a queda!

– Orestes... você que acreditava ter sido feito o mundo para desfrute dos homens... homens – cujo cetro... é a vara; cujos documentos... são os colhões peludos... Você, agora, está debaixo da terra, os vermes a se banquetear com seus troços... Coitado! De tanto enrabar, está sendo agora enrabado; de tanto comer... está sendo comido!...

(Vai ao espelho.) – E você, Verônica? O que é feito de você? Vai reagir ou ainda vai, covardemente, omitir-se, chorar pecado mole com peninha de si mesma?

– Que sonhos sonhou um dia – caso tivesse liberdade?

– Que juras jurou; o que prometeu a si mesma?

– Pedro voltou. Está aí embaixo. Veio, mal soube da morte de seu desafeto. E não só ele. Aí estão, também, Massilon, Ananias, Miranda e os filhos de todos aqueles a quem Orestes

havia despojado de suas terras... Lembra-se de que os mandou chamar? Lembra-se de que os convocou para esta reunião, para a abertura do testamento? – Pois eles estão aí, à espera... E não apenas eles, os ludibriados, mas o padre, o juiz, o tabelião – todos a postos para terem conhecimento de sua decisão.

– Agora, vista-se de vermelho, como uma guerreira... Não, vista-se de branco, que é o símbolo da paz... De branco... assim... de branco... cabelos soltos, como antigamente... como da última vez em que se encontrou com Pedro... Um pouco de pintura... perfume discreto... pra não discordar do ambiente simples que a espera... Agora você, Verônica, você vai ao encontro de sua paz... de seu amor, quem sabe?

(Olha-se no espelho.)

– Trinta e oito anos... Será ainda tempo para amar? – Agora, as escrituras – todas apertadas num simples canudo, pequenas folhas de papel que mudaram de mão e que trouxeram o poderio para um só e a desgraça para tanta gente... – Lá embaixo, eles aguardam. Eles, os donos das escrituras, eles, os verdadeiros donos... Agora, a terra volta para suas mãos. Lá estão, à espera, sentados no pátio banhado de luar... sentados no chão, em contato com a

gleba que os viu nascer... e da qual foram escorraçados... Mais adiante, a mancha do canavial a se perder de vista... o canavial que lhes engoliu as casas, as trepadeiras floridas. O canavial que escondeu as demarcações, que avançou os limites...

(Volta a falar com os quadros.)

- Mas agora, tia Rosa, Orestes... eu juro, eu juro que, em pouco tempo, este lugar vai reconquistar a fisionomia antiga... que, dentro em pouco, este mapa será novamente gizado a cores, terá uma nova geografia... o eterno renascerá da força da terra!

- Eu vou descer e vou devolver as escrituras arrancadas das mãos dos legítimos donos. Vou agir segundo a minha consciência, segundo o meu coração. E vocês não vão impedir... Rei morto, rei posto! Reinado acabado, como acaba o de todos os ditadores, de todos os usurpadores!

- Desde que o mundo é mundo, vinte civilizações passaram pela terra e acabaram... Restou apenas a semente do homem, a semente da vida... Do monturo renasce a seiva... e floresce! Devolverei a terra a seus donos para que, ao nascer do sol, eu possa dizer-lhes: - Irmãos, a terra é vossa! A terra pertence aos

que labutam, que suam, que a ela se agarram num amplexo íntimo, corpo a corpo, seiva e semente - um só, como Deus, criando novas vidas!... A terra é vossa para uma reconstrução - onde não existam preconceitos, medos, nem Rosas nem Orestes, nem Verônicas alienadas... mas, sim, um mundo reinventado, branco, virgem, sem espelhos distorcidos... um mundo que comece do zero, do nada... - Não importa que dois fantasmas rosnem nos seus túmulos, que duas almas penadas estrebuchem nos seus sete palmos, querendo mais terra, muita terra...

(Retira os papéis dos canudos, coloca-os na saia, como um avental, dá uns passos e oferece-os à platéia.)

- Irmãos! Recebei de volta a vossa terra! Retomai-a, porque dela fazei parte - como as flores, como o orvalho, como os rios, como os astros num só todo... Tomai-a, tudo é vosso, para sempre, *per omnia seculum seculorum. Amém!*

(Joga os papéis para cima, rodopia sobre si mesma, de puro gozo. Os retratos tombam, com ruído, das paredes. Música vibrante.)

GUIOMAR SEM RIR SEM CHORAR

MONÓLOGO

Programa de estréia de *Guiomar sem rir sem chorar*, pelo Grupo Feira de Teatro apresentada no Teatro Severino Cabral, Campina Grande, Paraíba, em 1982, numa produção do Centro Cultural Paschoal Carlos Magno

Direção: *Hermano José Bezerra*

Iluminação e sonoplastia: *Mozart*

Elenco e personagem:

Guiomar

João Batista

(Espécie de sala de investigação. Birô, duas cadeiras no proscênio, simulacro de bandeira com sugestivas cores. Sobre o birô, alinhados, estandartes multicoloridos. Música soturna, algo marcial. Pisca-pisca iluminando a cena, lembrando carro de polícia. Guiomar passa ao fundo. Ar de quem procura, passa e volta, num crescendo de angústia, até vir a correr desabalada, sempre perseguida pelo pisca-pisca e pela música, até que ambos param. Luz geral. Ela também pára e se aproxima do birô, onde "vê" alguém sentado.)

GUIOMAR

– É aqui a sala do meritíssimo que me mandou essa intimação? Ah, não é intimação – é convite? – Bem, convite a gente pode ou não aceitar, enquanto este... – Mas se o senhor diz que NÃO é intimação e SIM convite – fica por convite mesmo, muito embora, com a devida vênia, se eu tivesse sabido antes não teria comparecido de jeito nenhum. Entretanto, CONVIDADA ou INTIMADA – aqui estou eu... de PÉ.

– Ah, posso sentar? – Ainda bem, pois as pernas me tremem. Por quê? – Ora, tremem porque tremem – já não é boa razão? – Sim, acho que estou mesmo um pouco nervosa... – Por quê? – Em primeiro lugar, porque tenho nervos, é lógico, depois, por ter sido intimada por um tal de presidente Bandeira... – ora, se “presidente” por si já não é POUCA MERDA – imagina carregando um “Bandeira” na frente...

– Sim, o meritíssimo já explicou que se trata de um “convite”, só não entendo é porque me intimaram – por quê? – Eu andar detratando do governo? – A pensar desse modo, o governo é quem anda detratando de mim. – Saiba o meritíssimo que sou uma pessoa de responsabilidade, precavida nas minhas afirmações, que levo uma vida retraidíssima, NA MINHA – e não vou admitir que meu pobre, mas honrado nome seja retaliado em praça pública pelos inimigos da pátria e dos verdadeiros patriotas.

– Eu andar batendo boca por aí? – Com a devida vênia – um caluniador barato desses merecia responder processo perante corte marcial. – Logo eu, que sou uma criatura discretíssima, NA MINHA. Imagine, que nem com essa abertura escrachada que anda por aí, eu tenho coragem de arriscar o menor comentário. – Eu, hein? – Não digo nem que “bolacha é redonda” pra não ver o sol nascer quadrado. – De repente vem uma reviravolta, que nesta terra TUDO é possível – e o freguês sem quê nem pra quê sai de circulação – Por que digo isso? – Então o senhor não sabe que até bem pouco tempo atrás, sem que houvesse prévia “intimação ou convite” – metiam uma carapuça preta na cabeça do suplicante, davam uma jeriquita nele – e pronto? – O que acontecia depois? – O senhor que é o senhor não sabe – quanto mais eu... – Lavagem cerebral limpa muito mais que intestinal, não é verdade?

- É como acabei de falar, sou uma criatura discretíssima, NA MINHA, portanto não atino o motivo deste... convite - pois se existe no mundo uma criatura NA DELA - sou eu. - Vida alheia, fofoca, coluna social - nem política me interessa. - Pra melhor lhe dizer, nem jornal leio, isto é, leio atrasado, quando encontro algum a caminho do banheiro, é por isso que só falo de assuntos passados há tempos. Pois bem, no banheiro, de encicloPEIDA pra baixo, leio tudo. - E quem não lê? - Principalmente com essa "massificação" de hoje que deixa os intestinos preguiçosos, sem coragem de raciocinar... - Conheço gente que naquele honroso departamento faz tricô, joga paciência, reza terço... - Sei até de um médico importantíssimo que faz seus estudos "anatômicos" naquele indispensável gabinete fisiológico...

(Trecho de música popular. Guiomar dança exibindo um cartaz com os dizeres:)

- Como a estória dos macacos
Ver, ouvir, calar - é tudo
Passa bem quem não escuta
Passa melhor quem é mudo...

- Eu poderia dar uma brechada nesse papelório aí? - Como? - O senhor quer dizer que tudo isto são representações contra mim? - Com a devida vênia, meritíssimo - eu jamais cometi

crime nenhum. - Não senhor, nem crime passional, nem racional e muito menos nacional. E mais ainda - nem crime lesa-majestade, nem lesa-pátria, nem lesa-bispo, nem lesa-corno nenhum. - Eu, hein? - Sempre estive NA MINHA e NA MINHA vou continuar - sejam quais forem as circunstâncias. Pra lhe dizer a verdade, a única coisa que falei dessa porrada de invenções aí foi que greve de professor não é pra valer - porque professor - data vênia - é um animal que não leva nada a sério. Por quê? - Ora, professor não é que nem metalúrgico, que parou - parou mesmo. Nem como caminhoneiro, que parou - parou mesmo. Quer que eu lhe diga como professor é? - Taí, como mulher sem-vergonha que declara greve ao marido e sai gritando aos quatro ventos. (*Voz de falsete.*) - Eu vou fechar e não abro mais. - Não abro de jeito nenhum. - Não abro nem que se dane. - Não abro e não abro mesmo. - Mas daí a pouco tá lá, ABERTONA, com medo que ele bote outra no lugar. - Se eu sou professora? - Que pergunta capciosa. - É claro e notório que o meritíssimo sabe disso, como sabe o meu símbolo e que ganho apenas um ordenado simbólico... - O quê? - Ah, não. - O senhor não sabe o meu código magisterial, minha classe? - Logo o senhor, que revolve a vida de todo mundo, tim-tim por tim-tim? - Pois fique sabendo que não tenho especializações, não sou "PEAGADÊ" nem bostolências outras, sou, quando muito, "KAAGADONA". - Ora veja, o meritíssimo

bancando o alienado pra minha banda, quando sabe demais que não sou nem professor médio, sou mesmo daqueles mixurucas, professor pé-de-poeira, pé-rapado, rabo-de-cuia... desses que valem menos que MERDA, não é verdade?

(*Música, dança e o cartaz.*)

- Eu dou, tu dás, ele dá
Tá certo a conjugação?
Mas pra quem dá - que azar
O que lhe dão fica pidão.

- E essa queixa braba aqui? - Deixa ver...
(*Desenrola um estandarte*) - Ah, mas péra aí, homem de deus... devagar com o andor que o santo é de barro. - Essa agora eu não pago, mas não pago mesmo. - Então, essa canalha me acusa que eu andei... DANDO? - Tá, meritíssimo, com a devida vênia, isso não é de sua competência, mas não é mesmo. - Por quê? - Ora, porque se eu quiser DAR - DOU - quando e como entender e não é da conta de senhorito nenhum, pois pra isso é que aí estamos e temos uma "abertura"¹. - Então o senhor acha mesmo que se eu quiser dar - uma, duas, cinqüenta vezes por dia, viver dando à toa, doidona por aí - o senhor ou alguém do

¹ referência irônica ao contexto político brasileiro da chamada reabertura, que se dá na década de 1980, no período anterior à retomada das eleições diretas para presidente da República, após todos os anos decorrentes desde o Golpe de 1964.

seu quilate pode me empatar? - Quem é, afinal, o senhor? - Data vênia, pai meu, mãe minha, marido meu? - Então, se não é nada disso, fique na sua que NA MINHA eu já estou, assunto acabado, PT saudações. - Porque lavar minha sentença, decretar minha prisão, minha interdição ou me exilar do solo pátrio por fazer uma coisa que todo brasileiro tem o direito de fazer - não é de lei nem de justiça. - Agora, o que posso lhe garantir é que, embora tenha pensado várias vezes nisso, já tenha tido mesmo cada vontade danada - DAR - ainda não dei - ENTREVISTAS - não, muito embora muitos caras vivam por aí se rasgando atrás de um FURO. - Mas comigo não, violão. - NA MINHA estava e NA MINHA vou continuar... - O que falei apenas a uma dúzia de repórteres foi que a culpa dessas greves cabe unicamente aos pais. - Pais de quem? - Dos filhos, é lógico. - Por quê? - Ora, esses casais, em vez de levar uma vida organizada, programada, certinha - danam o pau a fornicar desbragadamente - e o resultado é uma récu² de fedelhos pra comer, vestir, educar... - É lógico que se não existissem pais trepadores, não existiriam filhos carentes, e não existindo filhos, não existiriam professores pra fazer greve - é ou não é verdade?

- Peraí, meritíssimo, não me casse a palavra, que castrados já vivemos todos nós. - Não, não

² bando.

é falando mal do governo, que governista sempre fui e sou – suba quem subir. – Mas acho que este país deveria seguir o exemplo da China, onde o casal paga baita de multa por cada “coisa fofa” que bota no mundo, medida que, por si, já deixa o casal sem fogo pra fornicção... – Mas aqui, neste torrão abençoado por Deus, o cabra quanto mais FAZ mais vontade tem – é PLANTANDO e o governo garantindo – com bons auxílios-natalidade, gordos salários-família – e haja a superprodução de brasileirinhos bicolores, tricolores, com cara de tudo, menos de índio, pois a raça anda em franco extermínio... (*Abre outro estandarte.*)

(*Música, dança e cartaz.*)

– Nesta terra nova raça
foi aos poucos se formando
dos que de longe chegavam
– e o nativo se acabando...

– Eu falar sobre os índios? – Falo nada. – Quem quiser saber como é, que bote o pezinho na estrada e vá bater no Amazonas como eu fui, viajando de caminhão, a pé e de cavalo manco.
– PROJETO RONDON³? – Que nada. – Fui numa leva nordestina, VENDIDA A UMA

³ projeto governamental, criado em 1966, através do qual muitos estudantes foram levados à Amazônia, com o intuito de implementar melhorias para as condições de vida da população daquela região.

FIRMA ESTRANGEIRA. – Taí como a maior parte do brasileiro vai... – Data vênia, o tráfico de brancos vendidos como escravos nesta terra não está no gíbi. – Que falta faz um novo treze de maio. – Alô. – Leopoldina. – Onde estás que não respondes? – O quê? – Contar o que se passa lá? – Conto nada. – De repente a coisa dá um piripaco e eu acabo na maior fria do mundo. – Que quer o senhor saber? – Se eu vi os índios? – E que queria que eu tivesse visto lá – MARCIANOS, é? – Sim, vi... – Vi uns cabras safados do Ceará dançando nus na beira do rio – pra ganhar dinheiro de turista besta... – Vi paraenses, goianos, mineiros, um mundo de gente matando bicho pra vender a pele aos estranjas que “infestam” e “infectam” por toda a parte – e arre lá que vi até índios de verdade – coisa que sairei “cantando em toda – se para isto tiver engenho e arte”... – Vi selvagens já “civilizados” – bebendo cachaça e praticando a pederastia, além de outras virtudes aprendidas com os brancos... – E vi miséria, miséria, mi – Ah, basta? – Se... o quê? – Não, nenhum tentou me comer... – Talvez nem tivesse apetite... – Também a fome que passei, cativa de gringos, me deixou mais magra que Caramuru quando aportou na praia... – Ah, meritíssimo, essa conversa de “terras devolutas” é conversa fiada. Lá não tem disso mais não... Ali, quando se sai de um latifúndio, cai-se logo num EX-projeto Jarí *versus* Tucuruí... Pra melhor ilustrar, vou lhe dizer de um artista plástico que conheci naquele mundão, um cara mais que legal,

assanhadão, desligadão, mas muito “pátria-amada”, muito NA DELE, que comprou sete palmos de terra impressada entre dois latifúndios, não sei se de estranjas ou de artistas de televisão – só sei que o pintor sonhava se radicar no solo e pintar “natureza morta” – mas ele, coitado, é que foi morto, antes que documentasse a cores a violenta destruição da floresta e seus habitantes. – E assim são as coisas naquele inferno, que em breve não será mais verde. – Ora, se de 1500 pra cá, com as dificuldades existentes na época, já deram conta de dois terços do país – avalie na era atômica... – é bobear e fechar pra balanço...

(Música, dança e cartaz.)

– Uns fazem greve de fome
para a muitos comover.
Os famintos fazem greve
para ter o que comer.

(Abre outro estandarte.) – Mais queixas ainda? *(Olha o estandarte sem apresentá-lo ao público.)* – Se o assunto ainda são as greves, não sei de nada e tenho raiva de quem sabe, porque acho que a culpa de tudo o que ora acontece cabe exclusivamente aos alunos. – Alunos de quem? – Dos professores – é claro. – Me diga, data vênua, o que se pode fazer contra uma malta de indivíduos mal-gerados, mal-nascidos, mal-

alimentados, mal-educados? – A responsabilidade cai em A e B, mas termina sempre nos pobres professores que não fazem isso, não fazem aquilo... – No entanto, eu pergunto: – Que pode fazer um miserável mestre-escola trancafiado numa infecta sala de aula com OITENTA BIAFRENTOS – ARROTANDO CHOCO, PEIDANDO AZEDO e, pior que tudo – não querendo saber de porríssima nenhuma? – Aluno agora tem *status!* – Foi-se o tempo das moralizadoras orelhas-de-burro, dos puxavantes de deixar o freguês alto do chão, das regüadas de abrir o quengo⁴, bolo-de-palmatórias de rachar as mãos... – Hoje em dia ninguém pode tocar num “delfin-de-frança”⁵ desses, que não responda logo conselho de guerra. – Foi-se o tempo da lição decorada de ré à vante e de vante à ré – naquela sabatina de “Paulina-mastigou-pimenta”, sem metodologias, nem didáticas especiais – mas que deixava o cabra mais letrado que as pós-graduações de hoje. – Também pudera. – Comparar a alimentação antiga com essas lavagens-de-espingarda⁶ de agora. – Que se pode esperar de uma geração que já nasce com as estruturas mentais amolecidas? – Criaturas massificadas, amassadas, trituradas, liquidificadas e quimicamente envenenadas... – Por quem? – Pelas misturas alimentícias que

⁴ cabeça.

⁵ referência irônica ao título dos herdeiros da coroa francesa, durante as dinastias de Valois e Bourbon, entre os séculos XIV e XIX.

⁶ expressão usualmente utilizada para se referir a um café fraco, todavia, neste contexto, refere-se a uma comida ruim, de baixa qualidade.

produzem não só galletos balofos, mas bolos fofos, cérebros ocos e... sexos loucos. – Provas? Pra quê, São Tomé? – Aí estão nossas crianças criadas com leites e leiteiros podres (*Exibe o estandarte onde há várias propagandas de supermercados.*), cocas e pepsis, mingaus de Aveia Quaker, cereais Kellog's, sopinhas Maggi e Knorr, legumes enlatados, sucos de frutas artificiais – todas essas macaquices que o brasileiro imita do americano e – tome no talo. – Provocam não só obesidade, mas hipocondrias, inapetências... e até impotência.

– Tá, um exemplo vivo é a Nazilda, exemplo desse destranbelhamento glandular, dessas hipertiroídias vegetativas. – Nazilda, tempos atrás, era o que se poderia chamar de garota sexy, enxutinha, certinha em tudo – até que começou a abusar dessa gonatropinas e progesteronas enfrascadas – a ponto de, apesar da PEITULÂNCIA – acabar pisando duro e forte como jacu em parada federal – tum tum tumtum... – e lá se foi o sapatão a dar sapatadas a torto e a direito, num passo-de-ganso que até general alemão perde longe...

– Os rapazes? – Será que o meritíssimo não sabe mesmo o que acontece ou quer me implicar cada vez mais, pois como diz o ditado: – Um cão danado todos a ele? – Vítimas também da salada hormonal do coquetel ergotrogênico – faz vergonha vê-los desfilar numa parada

eclética, tal o rebolado que apresentam. – Pergunto eu onde aqueles músculos bíceps, tríceps e quadrúpedes dos nossos machos de antanho, onde as formas hercúleas do nosso ex-homem de Neanderthal? – Hoje domina o unissex. – Nem formas quadrangulares, nem formas arredondadas. – Eles, moças e rapazes – dão preferência ao reto... ao RETO...

– Ah, dessa vez concordo plenamente, acho mesmo que o brasileiro deve trabalhar de macaca batida⁷ e rabicho atacado contra esse colonialismo culto-alimentar-medicamentoso que está transformando nossos descendentes numa juventude senilizada, desmoralizada – quando não TARADA. – Nenhuma instituição é mais respeitada. Nenhuma autoridade é mais digna de acatamento. – Não viu o caso do diretor Cícero Augusto? – Já imaginou que pouca vergonha? – O diretor, homem de muita envergadura, pois sofre de escoliose frental, tendo demitido a bem do serviço público uma professora mãe solteira, foi ele mesmo ministrar as aulas de português – e, lógico, ao entrar em classe, o encicloPEIDICO gramático que já ia cagando sapiência, foi logo avisando: – EGO SUM QUI SUM⁸. – E começou a lição de verbos, primeira conjugação que forma o infinitivo em AR. – A turma, voluntariosa, só aceitava o infinitivo em ER. E começou a discussão entre os verbos DAR e COMER. – O velho, macho que só, impôs sua vontade e começou: –

⁷ sob ritmo de surra de chicote.

⁸ Eu sou quem sou.

Eu dou. E os taludos e empenados galetos: – EU COMO. Vermelho que nem molho de tomate o *magister dixit*⁹ pontificou: – EU DOU. Mas os caras estavam irredutíveis: – EU... COMO. Dessa vez, mais verde que cocô de louro e mais trêmulo que gelatina, o nosso líder em pânico ganiu mais uma vez: – EU DOU. E os caras, cretinérrimos: – EU ... COMO. – Estabeleceu-se a confusão entre as duas correntes, governo e oposição – veio a polícia garantir a DOAÇÃO do velho – e aí, sim, o cacete comeu no centro... ora se comeu...

(*Música, dança e cartaz.*)

O plástico está em todas
Plasticamente adaptado
Se você quer belo corpo
Pode ter... plastificado.

– Pelo tempo de conversa que tivemos, o meritíssimo deve ter notado que não sou de ver-e-contar, aliás, acho o dedurismo a maior sem-vergonhice do planeta. – Acho que cada qual deve viver na sua, à la vontê... – Esses negócios de andar denunciando empregados de papai governo que não pisam nas repartições... Todo mundo sabe que só trabalham mesmo os pobres – os ricos só aparecem no fim do mês para embolsar o dinheiro... – Também denunciar médicos do INPS¹⁰ que atendem mal, dentistas que só botam uma aguinha nos

⁹ o mestre falou. Expressão latina que se aplica a alguém tido como mestre em determinada matéria.
¹⁰ sigla do antigo Instituto Nacional de Previdência Social, hoje INSS – Instituto Nacional de Seguridade Social.

buracos podres da gente – Azar. – Quem quiser ser bem atendido vá particular, que eles até inventam doenças e cobram contas astronômicas, assim o cliente possa pagar. – Quem não sabe que em tudo existe roubalheira e safadeza, herança de Adão e Eva que começaram trambicar no paraíso? – É pensando nessa humanidade desvairada que as religiões do Oriente tentam desenvolver suas filosofias de vida; que os Aiatolares têm instituído certas leis que se fossem aplicadas aqui no Brasil causavam um sucesso... – Não, não é a lei que favorece o homem a casar com sete mulheres... – Os daqui não dão conta nem de uma... – Também não é essa que obriga os homens a usar saia e turbante, o que só iria estimular o bichismo nacional. – A lei que falo, meritíssimo, é pena de Talião, aquela que manda cortar a mão ao ladrão. “– Roubou, não foi, cabra safado? – Então sua mãozinha vai para o brejo.” Ah! Era instituir essa leizinha – e toca abrir fábricas e fábricas de mãos ortopédicas – de plástico, para os de classe médica; de couro importado com detalhes dourados para os ricos, os magnatas, os donos da bola... – Os pobres? – Para que luxo? – Ora, os pobres que já estão acostumadas a viver “NA MÃO” – passariam a viver sem mão mesmo. – Só digo uma coisa – era instituir a tal lei... – e as multinacionais não teriam mãos a medir... – Não é verdade?

- E por falar no assunto, o meritíssimo não acha que o homem de hoje rende uma homenagem incomum aos plásticos? - Se não, vejamos: - Antigamente, casa, utensílios, armas, tudo era confeccionado em pedra; depois veio a era do ferro, um passo muito avançado na civilização; a era dos metais já pendeu muito para sofisticação; agora, porém, é a era do plástico! A era do alimento dos sonhos e das ilusões plastificadas! - Se antes bolsas, sapatos, cintos, capotes eram confeccionados em couro - passaram agora a ser de plástico... - Aí, vêm brinquedos, talheres, enceradeiras, liquidificadores - tudo o que era feito em ferro e durável - passou a ser em plástico descartável que a gente usa uma vez... e põe no lixo. - Também o que antes era encontrado em osso como botões, dentaduras, pentes, etc., passou a ser de plástico, entortando e quebrando, mal se toca... - E até mesmo coisas, COISAS, que só existiam de carne, obra e fruto da inteligência divina - hoje são encontradas as dúzias, as centenas, em plástico macio, colorido, de todos os gostos e nacionalidades - made in zona Franca - com peitex, bundex, maranhex, etc., etc....

(Música, dança e cartaz.)

Amor e fraternidade
Está escrito nos arcanos
Postos em prática, verdades

Por "trustes" americanos...

- Que está dizendo este papel aqui? Que eu falei mal dos americanos? - Isto é falso testemunho - a continuar assim vou até pedir garantias de vida. - Eu falar mal dos americanos? Uma gente que eu adoro. - Adoro o interesse deles em mandar ajuda aos países subdesenvolvidos, mandar roupas velhas dos defuntos, ainda duras de cera e lágrimas vertidas. - Mandar sapatos esburacados, enxovais de bebê ainda com cocô e xixi nas fraldinhas; mandar até alimentos, aqueles leites intragáveis e aquelas farinhas que empanzinam nossas crianças - e tudo ofertado com desprendimento, uma generosidade edificantes. - Adoram também aqueles jovens espantados, arautos de igrejas esquisitas, que andam por aqui, dois a dois, como PM em serviço, com a mesma cara americana, o mesmo cabelo e a mesma gravata americana - pobres jovens que vêm fugindo do serviço militar da terra deles... - Quem não sabe, através das propagandas, que a terra do Tio Sam é a melhor do mundo? - Agora, o que não entendo é que sendo a América um país tão adiantado, tão isso, tão aquilo - os americanos deixem o seu paraíso e venham pra cá comer a comida da gente, encher a paciência da gente e botar olho grande em tudo que é da gente, não é verdade?

(Música, dança e cartaz.)

Com gente mal educada
Não se meta que dá nó
– Meti-me, fui rebocada
Acabei no xilindró...

– Ah, essa bichota aqui... Essa bichota tá me devendo uma conta... – Data vênia, não sei como é feita essa justiça, pois a triste vem, me agride – e enquanto eu vou processada ela fica por aí, de melé solto, cantando a serena estrela. – No dia em que isto aconteceu, meritíssimo, eu já acordei com o pé esquerdo no chão; abrindo a porta, 13 de agosto, me defrontei com um negro e, para encurtar a história dos azares – saio à rua e passo debaixo de uma escada, piso no rabo de um gato preto e como tinha vestido a saia pelo avesso – entro na repartição e dou de cara com minha inimiga de três encarnações – que, de puta para baixo, me xingou de tudo. A condenada gritou, ciscou, assanhou-se, espiritou-se – e eu NA MINHA. – Até que, passada a crise, pergunto à oligofrênica o motivo de tanta zoada... e ela: “– É a perseguição de sempre. – É a terceira vez que encarnamos juntas e a trilionésima que você sem-vergonhamente trepa com marido meu, sua lascada, arrombada, escrota...” – Que eu não sou mulher pra repartir aquela saraivada de indecências... – Afinal, falei, discretíssima,

educadérrima: Tenha calma, mulher, seja FINESSE: – Vamos levar um papo legal. – “Papo legal uma merda, sua vaca, sua racha...”. E eu, elegantérrima, classuda que sou: – Vamos dialogar como pessoas amadurecidas. – E ela: – “Amadurecidas o que, sua bicha podre, chupona...”. Aí não prestou mesmo, perdi a elegância, a discrição e a classe: – Agarrei a desmiolada pela gaforinha, e quando ela começou a tremilicar, vi que a pomba gira tinha baixado no aparelho e comecei a doutrinar: – Não precisa apelar para ignorância não, sua sumítica, pão-duro, morta-fome... – Você tá esganada por um pedacinho de carne, uma porquerinha torta desse tamanho assim, é? – Pois olhe, eu não vou engolir aquela merda não, tá ouvindo? E aquilo é para se usar e abusar mesmo – depois lavou, esfregou, balançou e guardou – é a mesma porqueira, ora essa. Foi nessa hora que apareceu o camburão da polícia, me agarrou e me levou – no justo momento em que eu estava exorcizando a manifestada, isto é, tirando com unhas e dentes Satanás dos couros dela.

(Música, dança e cartaz.)

– Na chegada dos ministros
– Carnes, perus, vinho fino
– Vieram ver a miséria
– A fome do nordestino.

— Ah, o meritíssimo quer saber agora sobre a recepção dos ministros que vieram contemplar as secas do Nordeste. Pois sobre este episódio tragi-cômico, com a devida vênia, não darei nem uma palavra — nem morta. — Por que o senhor quer saber de minha boca, quando a coisa foi fartamente documentada, pois não faltaram legiões de fotógrafos tirando closes de crianças nuas, bífrentérrimas, velhos esqueléticos e esfregados de fome, mulheres de peitos murchos aparecendo na molambeira — tudo isto para as galerias de arte do sul-maravilha? — Depois, nada disso é novidade, são repetições seculares sobre o que já se escreveu toneladas de papel, já se fez quilométricos documentários que jazem adormecidos nas prateleiras ministeriais. — E agora, quando não tem mais graça, o meritíssimo quer que eu, na minha humildade, repita uma coisa de que já não guardo mais nem lembrança? — Pensa o senhor que minhas condições permitem que eu possua curtos-circuitos cinematográficos ou gravadores? — Está enganadíssimo. Se eu entrei de penetra? — Claro que não, fui representando o professorado rural — e pra isso tive que lançar mão de minha poupança Banorte, pra tomar um banho de liquidação-de-malharia e não aparecer aos homens de xibiu de fora. — Ah, claro que fiquei elegantíssima, alinhadíssima, muito embora, quando entrei, tivessem as divinas e maravilhosas começado os seus pornocochichos e as suas pornorrisadas. Ah, mas não me manquei, apenas olhei assim aqueles semblantes altamente cafonas

e falei: — Ô Bando de CU-DOCES, vocês estão mangando de mim, é? — Estão rindo de minha simplicidade, porque eu não tenho coragem de andar trambicando pelas butiques como vocês fazem, é? — Só não tiro também os couros de todas vocês, porque já foram tirados nas plásticas que acabaram de fazer. — Olhe você aí, com os olhos no meio da testa; você também, com os peitos no lugar do pescoço; e ainda você com a babaca num lugar que não presta e você adiante com o butico escanchado num osso. — Como o senhor vê, não matei, não roubei — apenas porque falei a verdade, as gloriosas me levaram às barras do tribunal. E, data vênia, só não apanhei até largar o choco porque veio chegando o cronista social, desbundando alegremente — e atrás dele a comitiva ministerial. — Ah, OS MINISTROS. — O senhor precisava ver que classe, pareciam estar desfilando numa passarela, vestidos como estavam por costureiros de além-mar, camisas Christian Dior, perfume francês legítimo, cabelos enegrecidos na China, rugas e panças massageadas no Japão, e, afiveladas nos rostos — sorridentes máscaras multinacionais. A festa? — Ah, belíssima. Toda televisada — a cores. — Era tanta girândola e foguetório que só não incendiou os campos por não existir um só talo de capim em toda a região comburida. — O prefeito, homem de muita visão, depressa mandou tirar o lixo que atulhava as ruas, pintar as frentes das casas imundas a até esconder os mendigos — pra dar boa impressão da zona flagelada. — Se tinha muita

gente? — Ah, meritíssimo era um mundo de gente e tudo contente que só pinto em merda. E fomos arrumando o pessoal: — de um lado, os velhos aposentados, com suas famílias preguiçosas que vivem da aposentadoria deles; do outro, doutores de anel no dedo e barrigas vazias à espera que políticos que lhes dêem emprego; no meio, alunos do Mobral, cantando o hino de boas vindas, lendo os papéis de cabeça pra baixo...

— Daí pra frente, meritíssimo, cortina fechada, festa acabada e músicos a pontapés... — Porque foi nesse momento, depois dos banquetes, depois da bebedeira — quando muitos fazendeiros tinham visto seu peru de terreiro virado tiragosto; sua derradeira rês feito carne-de-sol, na esperança que algum açude ficasse em suas terras, foi bem na hora dos discursos que entrou o GAIATO em cena — gaiato, não, louco, desassisado — que veio vindo em procissão — ele na frente e a molequeira atrás, gritando:

— POETA DÁGUA DOCE DEU UM PEIDO E SE CAGOU-SE!

— O prefeito quis impedir — mas ele veio vindo. — A polícia quis empatar — mas ele veio vindo — e o povo abrindo alas — e ele se postando barbudo e esfarrapado bem em frente ao palanque ministerial, onde os políticos arrotavam mentiras e faziam promessas estapafúrdias que jamais chegariam a realizar.

— Ali ficou ele, silencioso, incisivo — enquanto os grandões estertoravam:

— “Somos nós os defensores do povo. — Somos autores de projetos que, uma vez executados, trarão consigo a redenção do Nordeste sofredor.” — Os alienados batiam palminhas e o poeta NA DELE. Daí a pouco subiu outro político, mais enrolão que o primeiro e falou: — “Pensando no bem-estar dos brasileiros, o governo acaba de doar 50 mil km de terras bolofofas para os nipônicos plantarem suas hortaliças e nelas empregar todos os nossos bóias-frias, que por falta de trabalho vivem dando trombadinhas por aí. — Segundo afirmou o ministro mongolóide TACUCUNACARA — de agora em diante, todo brasileiro vai ter direito a VER DURA — coisa que bem pouca gente tem o prazer de ver, hoje em dia...”

— E mais outros e outros prometeram verbas e verbetes, até que, acabando a verborragia, partiram — caravana de Ali-Babás a chispar em seus carros negros e brilhantes. — Só o poeta ficou. Ele e o povo. Figura quixotesca a ocupar o palanque, figura triste recortada contra o braseiro do sol posto . . . — Um silêncio . . . — Uma espera . . . — O povo juntou-se mais e mais para beber-lhe as palavras desassisadas, loucas, mas por ele tão bem entendidas — e mais que isso — amadas. — E como seu dono, a voz subiu, cresceu e se espalhou dentro da noite, levada pelo vento. (*Bleque. Ao acender fogo vermelho o poeta está descalço e seminu sobre o birô.*)

— O povo apurou as ouças
mas não entendeu bulufas
dessas palavras insossas
da discurseira mucufa
de ministro, deputado,
de senador orgulhoso
cada qual mais invocado
que o pavão misterioso.

— Políticos que parecem
perus de peito enfunado
as panças cheias de uísque
e outros drinques importados
— fartos de banquetes tantos
— viagens e giros quantos
— e o resto? — PAPO FURADO.

— De papos estamos cheios
e de promessas também
— se apertamos mais o cinto
já não escapa ninguém!
— As migrações se sucedem
da Amazônia doentia
ao centro-sul já congestionado
— é incessante a correria.

— Representantes do povo?
— Que piada, que ironia.
— Fala o senado de fome?
— A Câmara de carestia?
— Repassam nossa pobreza,
nosso salário minguado,
nossos produtos sem preço
— inda pior — sem mercado?

— Dá o governo garantias
— Defesa Nacional.
— Contra o salário de fome?
— Contra a preguiça de tantos?
— Contra os ladrões de casaca?
— O afilhadismo de quantos?
— Contra enrolões de gravata?
— Contra ismos — quantos ismos
que a uns — engorda — e a outros — mata?

— Contra gerações inteiras
de indigentes, de espúrios,
cheios de sífilis, boqueiras,
lombrigas, oxiúros,
áscaris, ancilostomíase,
perebas, sarnas, piolhos,
mal-de-chagas, maloqueiros,
marginais e cachaceiros
— Cegos de venda nos olhos?

- Contra o dinheiro que gira
num giro que não varia
— das indústrias para os Bancos
dos Bancos para o Governo
do Governo às mordomias.
— À construção de palácios,
aos lazeres da cidade
por que ao campo não vem ele
— por não haver necessidade?

- Cadê ajuda pra terra
— ajuda pra plantação.
— Tudo foi pros grandes centros
o fruto da terra — a mão . .
— quem plantava — e o que colhia
é o Consumismo em ação.
Tirando o fruto da terra.
— Deixando o homem sem pão.

- Cadê capim pros rebanhos
— e os rebanhos pra pastar.
— Cadê o braço que guia
— e o canto pra aboiar.
— Tudo se foi — só chão resta
deserto de Pé e Pá
— Pé que pise — de homem ou bicho.
— Pá — e homem pra cavar.

- Mundo de ferro e cimento
de aço, cifras e cifrões
de superempreendimentos
e de superproduções.
— Mundo sem alma e sem rosto
que o imediatismo controla
mundo onde se paga imposto
pra se morrer de desgosto
ou até pra pedir esmola.

- Mundo que esmaga o homem
e a inocência que ele tem
aniquila as coisas simples
e as coisas puras também.
Terra e povo desprezados
sem que lhes dêem condição
à total capacidade
de crescimento e ação.

- Nem mudanças de governo
guerra ou revolução,
medidas exteriores
não trazem, em si, solução.
— As medidas estão dentro
do próprio homem — internas.
— Entranhadas no caráter
junto às verdades eternas.

- É ter da justiça — o senso
pra que Direito se imponha
— Ter da Igualdade — o consenso
ter pelo menos — VERGONHA.
Não querer pra si somente
— POIS HÁ OS OUTROS TAMBÉM.
— O Deus que o mundo nos deu
TERRAS, POSSES não vendeu
— nem posições a ninguém.

- Os homens falam de pátria
como se somente fossem
hinos, bandeiras, limites
e outros tantos simbolismos.
Não sabem que em meio aos “ismos”
— PÁTRIA — é nação sangrada
nas mais profundas reservas
— são terras abandonadas
— crianças tristes que choram
— friorentas sem agasalho
— mãos descarnadas que imploram
a esmola do trabalho.

— É o nordestino esfolado
esvaído em correrias
— É o caboclo abandonado
nas Amazônias sombrias
— Fauna e flora devastadas
— Pátria. — Barrigas vazias
— Tudo envolvido num laço
e posto no coração
unindo num só abraço
— GENTE, BICHO, ÁRVORE, CHÃO...

— É preciso uma tomada
de conscientização
por de novo os pés na terra
labutar de novo o chão.
— Ser SANGUE, Suor, TRABALHO,
ser RISO, CHORO, CANÇÃO...
Trabalhar com seriedade,
entregar-se com humildade
a quem estender a mão...
— Ver de cada um — a VERDADE.
— Sentir do outro — o CALOR.
— IRMÃOS NA FRATERNIDADE
DE UM IMENSO ABRAÇO DE AMOR!

(Pula no chão e sai gritando.)

—POETA DE ÁGUA DOCE DEU UM PEIDO E SE CAGÓU-SE.

— POETA DE ÁGUA DOCE DEU UM PEIDO E SE CAGOU-SE.

GUIOMAR FILHA DA MÃE...*

MONÓLOGO EM CORDEL

Programa de estréia de *Guiomar filha da mãe...*, apresentada no Teatro Ednaldo do Egypto, em João Pessoa, Paraíba, em 2004, com o Grupo Experimental Cena Aberta-GECA.

Direção: Marcos Pinto
Figurinos e adereços: Marcos Pinto

Elenco e Personagens:

Marcos Pinto	Guiomar
Brincante 1	Tony Rodrigues
Brincante 2	Sérgio Samuel

* Esta peça tem sua primeira encenação em Brasília-DF, em 2003, com a atriz Augusta Ferraz, de Pernambuco. Por falta de maiores informações sobre esta récita, consideraremos a ficha técnica da encenação que estréia em João Pessoa-PB, no ano seguinte.

GUIOMAR

- Boa noite!

Sou Guiomar - professora,
filha da outra Guiomar,
que andava por paus e pedras
sem sorrir e sem chorar!

- Que adquiriu, pela Caixa,
aquela casa engraçada,
não tinha porta, janela,
afinal - não tinha nada!
Não tinha sala nem quarto,
a casa era só um vão...
A latrina, a gente entrava
já naquela posição!

- E pagou por essa casa
vinte anos de escravidão,
aí viu que a desgraçada
não tinha nada... nem chão!
E, depois de vinte anos,
vieram a dita tomar,
ficou no meio da rua,
desolada, quase nua,
sem sorrir e sem chorar...
Uma mão na frente outra atrás,
pois essa é a justiça
que com o pobre se faz...

- Sou professora de História,
da terra verde-amarela,
só que eu fico na minha,
a história fica na dela...
Juro contar a verdade,
comigo não tem vaidade,
comigo não tem querela...

- Todo mundo já sabia
que aqui, neste lugar,
montanhas pariam pedras
preciosas a faltar!
Riachos pariam ouro,
o trabalho era tirar...
Gananciosos da corte
meteram as garras de lá
a roubar o que era nosso...

- Nós, que estávamos de cá,
tra-la-lá, dando bananas,
sendo escravos, tra-la-lá,
recebemos jesuítas,
falaram - estávamos nus
com as vergonhas de fora,
nuzinhos de cabo a rabo,
trouxeram Deus e o Diabo,
Cristo pregado na cruz...
Eu na minha, eles na dela
aí se fez o cus cuz...

- Sou professora de História
e a verdade vou contar...
Chegam treze caravelas
conto a história todinha
eu na dela - ela na minha
vejam só como se deu...

- Na missa - a indiada nua,
nuinha como nasceu...
E o padre - a missa rezando...
E o resto acontecendo,
depois... curumim nascendo
com cara de europeu...

- E esse tal de El-rei
que mandou a expedição,
comia um leitão inteiro,
lambia os dedos da mão,
limpava tudo nas vestes,
do trono não levantava,
fazia as necessidades
e com o manto se limpava...

- Pra colônia enviava
quem não lhe era do agrado...
Tivesse bens e dinheiro,
logo era deportado...
Quem lhe saísse das graças,
logo se via exilado,
e, como preso político
via-se então degredado...

- Quando veio a Inquisição
a situação piorou...
Em Portugal e Espanha
o Santo Ofício baixou...
Quem teve sorte sumiu,
pro Novo Mundo fugiu
e deste modo escapou...

- E a história continuou
para escapar à fogueira,
judeus vieram pra cá...
E, nas brenhas nordestinas
resolveram se instalar,
uma nova Palestina
surgiu do lado de cá...

- Pernambuco, Paraíba,
Rio Grande, Ceará,
nos sertões, nos escondidos,
foram os judeus se alojar,
no litoral, nos engenhos
foram também trabalhar,
todos discretos, na deles,
o Deus de Israel, com eles
teria de sempre estar!

- Eu na deles - eles na minha,
uma nova fisionomia
surgiu em cada lugar!
Pele branca e sardenta,
cabelo claro - o que há?
Narigão - mas que narizes
estão chegando por cá?
Que gente é esta - que povo
vamos aqui encontrar?

- E agricultor, fazendeiro,
começam a terra lavrar!
É marceneiro, ferreiro,
tudo vieram enfrentar!
Ourives, mascates, tudo
tiveram que experimentar!
Por nomes de cristãos velhos
seus nomes foram trocados,
mudaram de identidade
foram à força batizados
da fé abjurariam
ou morreriam queimados!

- Aqui tem algum Albuquerque?
Andrade? Alves ou Dantas?
Araújo? Quem é Araújo?
A variedade é tanta...
De nomes de cristãos-novos,
nome de bicho, de plantas...
Quem de vocês se assina
Borges, Batista, Barata,
Brito, Barbosa, Bezerra,
Campos? Cardoso? Carneiro?
Quem chegou a esta terra,
Canaã das esperanças
que suas vidas encerra?

- Você é Carvalho, Coelho?
Castro, Costa ou Cordeiro?
Tem os Correa, os Campos,
tomando o Nordeste inteiro,
formando uma raça à parte,
a de judeu brasileiro!

- No D - temos os Duarte,
Dias, Diniz - vocês são?
Fernandes, Ferreira, Fontes,
Fonseca, Figueiredo - ou então
Gama, Góis, Gil e Garcia,
Guedes, Guerra e Gusmão!
Tudo é judeu cristão novo,
aprendam bem a lição!

- E Loureiro? Leal? Lucena?
Henriques? Leite? Leitão?
É judeu roubando a cena
com coragem, com razão!
Nas artes e não apenas
no engenho eles estão!

- Os Macedos, os Marques, os Maias!
Melos, Matias, Moreira,
todo mundo, no Nordeste
a entrar na brincadeira,
Navarro, Nunes e Moura,
Nogueira e Oliveira!
Mascates ou mercadores
tudo é judeu de primeira!

- Vem Porto, Pontes, Pinheiro,
Pacheco, Paiva, Pereira,
Queiroz, Rabelo, Ramalho,
Ramos, Reis, sem brincadeira,
Rodrigues, Rocha, Rosado,
são artistas de primeira!

- Salvador! Sampaio, Sousa!
Seixas! Sá! Santiago! Santos!
Siqueira, Serrano, Soares!
E, redobrando os encantos
Silva! - Os Silva são tantos
e chegaram de mil formas
estão em todos os cantos!

- Comerciante, ourives,
Teixeira! Teles! Tavares!
Trigueiro! Torres! Trindade!
Vasconcelos e Viana!
Velho! Vilar! Xavier!
Toda essa gente é marrana!

- Depois, para cá vieram
Pessoas tão variadas,
D. João e sua troupe
de bobos e gente airada,
de cabeleiras postiças
e consciências taradas!

- Cana-de-açúcar chegando!
E os engenhos gemendo...
O povão, como galinha
tomando no... e sofrendo!
O melaço borbulhando,
português enriquecendo!
Ouro e pedras viajando
e o país empobrecendo!

- Belas histórias chegando,
"Boa noite, meus senhores,
boas novas quero dar!
Encontrei dona Clarinha
com Dom Carlos a brincar,
da cintura para riba
muitos beijos eu vi dar...
da cintura para baixo
não vos posso mais contar..."

- O Nordeste tem saudade
do passado - os cangaceiros
não usavam da política
para fins interesseiros,
do infame tráfico de drogas
e lavagem de dinheiro...

- Eram homens primitivos
que nada tinham de seu,
a roupa, o rifle, o bernal,
alpercatas e chapéu,
mal comidos, mal dormidos,
da sorte eram os réus...

- Os facínoras de hoje
têm fazendas, avião...
Têm fortunas nas estranhas,
com o dinheiro da nação,
e com a miséria do povo
que esbarra na contramão...

- Bicho, futebol, falsário,
das divisas – a evasão,
assassinatos, seqüestros,
o roubo, a sonegação,
narcotráfico, doleiros,
infestam toda a nação!

- O país não tem estradas,
que ponham em circulação
as riquezas dos estados,
as reservas da nação!
Entre assaltos e buracos
sofrem carga e caminhão!

- Cultura do imobilismo!
A coisa vive parada!
Só a ganância se mexe:
vem a ganância privada
que vive num puxa-encolhe
com a pública amasiada!

- Vagabundos burocratas!
Que não entendem do ofício,
só se apressam em assinar
ordem em próprio benefício!
Roubar, roubar e roubar
este é o seu ofício!

- O maior canteiro de obras
paradas – é o brasileiro!
Habitação, saneamento,
promessas o ano inteiro,
mas as obras só acabam
a trinta de fevereiro!

- E os privilégios dos Grandes?
Quem for pobre que se quebre!
Contra dez por cento ricos
- noventa por cento pobres!
Estes lutam a vida inteira
e aqueles arrastam os cobres!

- O nosso salário mínimo
é imoral, é tirano!
Sendo o menor das Américas
é, por isso, desumano!
Mas o pobre – ou se sujeita
ou vai entrar pelo cano!

- Não adianta brigar,
e nem fazer confusão,
pois, cagados da rã preta,
conhecemos a lição...
É procurar na igreja
a quebra da maldição...

(Quebra da maldição.)

- Eu mesma fui induzida
em várias ocasiões
a assistir a trabalhos
ocorridos em sessões
de descarrego... serviam
de quebra das maldições...

- Maldições que todo humano
ao nascer, de herança, leva
desde o dia em que Adão
comeu a maçã de Eva,
costume que, até hoje,
a raça humana conserva...

- Fui à sessão... Lá, no templo,
se estendia pelo chão,
da entrada até os fundos
um enorme tapetão
vermelho, até uma Urna
que recebia a oblação... (dinheiro!)

- Junto à urna se encontrava
um tal babalorixô,
moreno da cor segura
com uma capa furta-cor
ouro e pedras completavam
a roupa do tal senhor!

- E foram entrando os fiéis...
Uns tímidos, acanhados,
uns bem - outros mal vestidos,
mas todos agoniados...
Problemas de toda sorte
os deixavam aparvalhados!

- E o babalorixô falou:
- "É chegada a hora, irmãos,
de jogarem na caldeira
vossas preocupações,
Zé Pelintra está chegando
pra livrar-vos das pressões..."

- Começa a tremelicar
e vai alterando a voz:
- "Mas deixem, junto, o dinheiro,
o mônei, a mucufa, a grana,
de acordo com o que pagarem
o resultado sairá
antes do fim da semana!

- Porque por cada tostão
vão receber UM MILHÃO!
Deixem a água por pagar!
Deixem a luz esperar!
O remédio por comprar!
Tirem o leite das crianças!
Venham correndo atender
quem vos dá toda a esperança!

- Se não tiverem mais roupa
Venham vestidos de nu!
Abram a rodinha de fogo
e rodem como peru,
cantarolando e cantando:
Eu sou o glu-glu-glu..."

- E a turba-multa chegando
e a urna aos poucos enchendo!
O dinheirão se mostrando,
o dinheirinho se escondendo!
A pobreza desmaiando
a riqueza aparecendo!
E os Zés Pelintras da vida
DA DOR ALHEIA VIVENDO!...

(*Canto.*)

- "Alvíssaras, capitão!
Alvíssaras, general!
Avisto terras de Espanha,
Areias de Portugal!
Também avisto três moças
Debaixo dum parreiral,
Duas cosendo cetim,
Outra calçando o dedal...
E vi as terras de Espanha,
Areias de Portugal!"

- Crescemos ouvindo histórias
Das mouras de além mar...
Da Donzela Teodora,
"Cada cavalo uma sela,
cada sela uma senhora,
cada senhora dez dedos,
cada dedo uma memória"!...

- E a professora, orgulhosa,
Falava do romanceiro,
da poesia, que, na terra,
tornou-se o sonho primeiro,
a sonhar, na pátria airosa
com um povo gentil e ordeiro!

- Sonhar com um povo livre,
cheio de ardor e prazer,
inteligente e audaz,
cumpridor de seu dever,
tudo o que a riqueza traz
ele poderia ter!

- Mas foi tudo diferente,
desse desejo e sonhar...
Hoje menino não pode
nem à escola chegar!
Água não existe por perto
pro menino se lavar,
não há roupa pra vestir,
nem calçado pra calçar,
não há transporte que leve
menino pra estudar...

- E qual é o mestre-escola
que bem pode ensinar
alunos em condições
de aprender o B-a - bá?
Se não há mesa, carteira,
para os tais acomodar,
não há lápis nem papel

pra escrever, desenhar,
não há comida nem água
pra fome e sede saciar?!

- E o pobre do mestre-escola
cheio de trauma, de medo,
se enfia com tais alunos
em um recanto - um degredo!
Vê oitenta bafrentos,
famintos e fedorentos,
berrando, arrotando choco,
bufando e peidando azedo!...

(Canto.)

- Dizem que o rapaz é bicha - cha-cha...
Eu não sei se ele é!
É filho da lagartixa - xa-xa...
Com o compadre Josué!
Está escrito na ficha - cha-cha...
Que seu pai é o jacaré!
O povo também cochicha - cha-cha...
Que parece mas não é!

- Estamos na era do plástico!
Tudo é plastificado!
Capote, sapato, bolsa,
foi o couro descartado,
em cama, mesa e cozinha,
eu na dela, ela na minha,
só o plástico é usado.

- As mulheres fazem plástica!
O que é velho é retirado!
Uma nova silhueta
faz o corpo renovado!
Uma nova Cinderela,
eu na minha - ela na dela.
Peito, bunda, rosto, sexo
recebem tudo importado!

- Até os homens aderiram
ao milagre - ó, coitados!
Lá se foram, ligeirinhos,
cabelos para os pelados,
peitoral - para os magrinhos...
Para os que sofrem o tormento
De uma triste "pequenez"
- sacrifica-se um jumento
e a plástica lhe dá a vez...

(Canto.)

- Eu vi uma lagartixa
Tocando numa viola,
O calango respondeu
Ai - que cabrita pachola!

- Eu vi outra lagartixa
Na festa da macaíba,
Botando torrões abaixo,
Botando o rabo pra riba...

- Essa bichota amarela
Está me devendo uma conta!
Eu na minha - ela na dela
sempre a gente se defronta!
Já faz trezentos mil anos
que nós encarnamos juntas,
se brigamos encarnadas
brigamos também defuntas!

- Mas, desta vez deu azar!
Pois sendo treze de agosto
pus no chão o pé esquerdo,
vesti saia pelo avesso,
sinto a presença dum encosto,
esbarrei num gato preto,
de um choque quase derreto,
briguei com quem não conheço
passei debaixo da escada
e caí, descadeirada!

- Antes que fizesse figa
encontrei a arquiinimiga
gritou, assanhou-se toda,
ficou de pernas pro ar,
espiritou-se - e eu na minha,
finesse, superestar,
pergunto à desvairada
a razão de se esgoelar,
e a infame, a demente
veio logo me atacar
com nomes tão indecentes
que não vou pronunciar!

- Foi dizendo: "Sua lascada!
escrota, puta, arrombada,
há noventa encarnações
que engambela macho meu!
Agora a coisa fedeu!"
Eu, discretíssima, na minha,
posuda como rainha,
respondi: - Fique na sua!
Desmiolada! Perua!

- E a bicha, tremelicando,
veio assim, se aproximando,
na intenção de me esganar.
Aí foi que não prestou!
A Pomba-Gira baixou
E eu gritei - Para lá!
- Eu na minha e tu na tua,
tarada, gata de rua,
que é que quer? O que é que há?
Tá na eita¹, tá esganada
por aquela porqueirinha,
aquela coisa tortinha
Desse tamainho assim?
Uma merdinha daquela
é pra usar e abusar!
Depois, esfregou, lavou,
e balançou e guardou
para o gato não pegar!

¹ com desejo sexual.

(O Poeta.)

- Na chegada dos ministros
- Carnes! Perus! Vinhos finos!
Vieram ver a miséria
A fome dos nordestinos!

- Velhos trêmulos, esquilidos,
criança triste, nua,
com o barrigão lombriguento
mulheres de peitos murchos,
nordestinos molambentos!

- Primeiras-damas cu-doces,
peruas servindo perus,
bebidas finas e raras,
com uísques e cajus...

- De um lado, os aposentados,
batendo palminhas frias,
juntos, professor, alunos,
com as barrigas vazias...

- E após a bebedeira
a ganância, a comilança,
das carnes gordas e nobres
a encher as nobres panças:
entra em cena o gaiato,
o doido, o que quer que fosse
à frente da molequeira:
- POETA D'ÁGUA DOCE
DEU UM PEIDO E SE CAGOU-SE!

POETA

- O prefeito empatou - mas ele veio vindo,
a polícia o cercou - mas ele veio vindo,
o povo abrindo alas - e ele caminhando,
barbudo, esfarrapado - ao palanque subindo.
A voz subiu, cresceu!
E o povo aplaudindo
pois era um dos seus!

- O povo apurou as oiças
mas não entendeu bulufas
dessas palavras insossas
da discurseira mucufa
de ministro, deputado,
de senador orgulhoso
cada qual mais invocado
que o pavão misterioso!

- Políticos que parecem
perus de peito enfunado
as panças cheias de uísque
e outros drinques importados
— fartos de banquetes tantos
— viagens e giros quantos
— e o resto? — PAPO FURADO!

- De papos estamos cheios
e de promessas também!
Se apertamos o cinto
já não escapa mais ninguém!
— As migrações se sucedem
da Amazônia doentia
ao centro-sul já congestionado
é incessante a correria!

— Representantes do povo?
— que piada, que ironia!
— Fala o Senado de fome?
— A Câmara de carestia?
— Repassam nossa pobreza,
nosso salário minguado,
nossos produtos sem preço
— inda pior — sem mercado!

— Dá o governo garantias:
— Defesa Nacional.
— Contra o salário de fome?
— Contra a preguiça de tantos?
— Contra os ladrões de casaca?
— O afilhadismo de quantos?
— Contra enrolões de gravata?
— Contra ismos — quantos ismos
que a uns engorda — e a outros mata?

— Contra gerações inteiras
de indigente, de espúrios,
cheios de AIDS, boqueiras,
lombrigas, oxiúros,
ascaris, ancilostomíase,
perebas, sarnas, piolhos,
mal-de-chagas, maloqueiros,
marginais e cachaceiros
— cegos, de venda nos olhos!

— Contra o dinheiro que gira
num giro que não varia:
— das indústrias para os Bancos
dos Bancos pras mordomias
à construção de palácios,
aos lazeres da cidade
por que ao campo não vem ele
— por não haver necessidade?

— Cadê ajuda pra terra
ajuda pra plantaçãõ?
Tudo foi pros grandes centros
o fruto da terra... — a mão...
quem plantava — e o que colhia
é o Consumismo em açãõ!
Tirando o fruto da terra,
— Deixando o homem sem pão!

— Cadê capim pros rebanhos?
— e os rebanhos pra pastar?
Cadê o braço que guia
e o canto pra aboiar?
Tudo se foi — só chão resta
deserto de Pé e Pá!
Pé que pise — de homem ou bicho,
— Pá — e homem pra cavar!

— Mundo de ferro e cimento
de aço, cifras e cifrões
de superemprendimentos
e de superproduções...
Mundo sem alma e sem rosto

que o imediatismo controla,
mundo onde se paga imposto
pra se morrer de desgosto
ou até pra pedir esmola!

– Mundo que esmaga o homem
e a inocência que ele tem!
Aniquila as coisas simples
e as coisas puras também...
Terra e povo desprezados
sem que lhes dêem condição
à total capacidade
de crescimento e ação.

– Nem mudança de governo
guerra ou revolução,
medidas exteriores
não trazem, em si, solução.
As medidas estão dentro
do próprio homem, internas,
entranhadas no caráter,
junto às verdades eternas!

– É ter da justiça — o senso
pra que o Direito se imponha!
Ter da Igualdade o consenso
ter pelo menos — VERGONHA!
Não querer pra si somente
POIS HÁ OS OUTROS TAMBÉM.
O Deus que o mundo nos deu
TERRAS, POSSES não vendeu,
nem posições a ninguém!

– Os homens falam de Pátria
como se somente fosse
hinos, bandeiras, limites...
e outros tantos simbolismos!
Não sabem que, em meio aos “ismos”,
“Pátria” é nação sangrada
nas mais profundas reservas:

– São terras abandonadas
crianças tristes que choram
frientas, sem agasalho
mãos descarnadas que imploram
a esmola de um trabalho...

– É o nordestino esfolado,
esvaído em correrias;
É o caboclo abandonado
nas Amazônias sombrias...
Fauna e flora devastados
PÁTRIA — barrigas vazias!
Tudo envolvido num laço
e posto no coração
unindo num só abraço
Gente, Bicho, Árvore, Chão...

– É preciso uma tomada
de conscientização;
por de novo os pés na terra
labutar, de novo, o chão!
Ser Sangue, Suor, Trabalho,
ser Riso, Choro, Canção...
Trabalhar com seriedade,

entregar-se com humildade
a quem lhe estender a mão...
— Ver de cada um — a Verdade,
Sentir do outro — o calor,
IRMÃOS NA FRATERNIDADE
DE UM IMENSO ABRAÇO DE AMOR!

(Sai gritando.)

— Poeta d'Água Doce - Deu um peido e se
cagou-se!
POETA DE ÁGUA DOCE DEU UM PEIDO
E SE CAGOU-SE!...

UM HOMEM E UMA MULHER¹

Personagens

Josias

João

Tônia

Chefe de Polícia

Policiais

¹ Este texto é derivado de um outro, não publicado, intitulado *O cangaceiro*, sendo ambos inéditos no palco.

QUADRO 1

(Noite. Ambiente singelo de uma cabana. Mesa tosca. Tamboretas. Dois homens, sentados, conversam à luz da lâmparina.)

JOSIAS (Entregando ao amigo um pacote.) Isto foi o que consegui, vendendo a safra, na folha. O inverno foi curto e não vamos ter boa colheita. Este dinheiro é seu. Já dei uma parte a Tônia.

JOÃO Eu nem devia aceitar, mas não posso viajar sem um tostão.

JOSIAS Besteira. O que é de Tônia, é seu. Principalmente, com a morte da minha tia. Vocês são donos de tudo.

JOÃO E você, o que ganha com isso?

JOSIAS Eu tenho minha terrinha e não preciso tirar o que é de minha prima. Minha tia me criou. Tenho Tônia como irmã, você sabe.

JOÃO Mas você gostava dela.

JOSIAS Coisas da mocidade. Durou pouco.

JOÃO Pode ser. Quando eu roubei Tônia, ela era ainda uma menina.

QUADRO 2

TÔNIA (Entra com dois pratos cheios na mãos.) O comer está pronto, comam enquanto tá quente.

JOSIAS Santas palavras! É a minha primeira refeição de hoje. (Recebe o prato e serve-se.)

TÔNIA Toma, João, come.

JOÃO Tou sem vontade.

TÔNIA É um guisado da arribação que você caçou. Tá no ponto.

JOÃO Não quero. Tou sem fome.

TÔNIA Oh, meu Deus...

JOSIAS Saco seco não se põe de pé.

TÔNIA Sair com a barriga pregada no espinhaço... E não tem outra coisa pra comer... Quer pelo menos café?

JOÃO Só se for bem forte e amargoso.

TÔNIA Vou trazer. E o seu prato, boto no farnel pra você comer no caminho. Mas o café vai piorar a sua gastura. Já tava se queixando de queimor... (Tônia sai.)

JOSIAS Noite de breu! Compadre, é melhor a gente sair cedo. Eu lhe acompanho até a aba da serra, onde os "macacos"² podem estar emboscados...

JOÃO Eu vou só. Pode ir na frente. Eu vou mais tarde.

JOSIAS Você descer essa ladeirama sozinho? Num escuro desse, pode haver até um acidente. Um escorrego, um buraco...

JOÃO Eu sei me cuidar.

JOSIAS Sabe, mas, se estar escondido numa tapera dessa, na mataria cinzenta já é uma loucura...

JOÃO Deixe. Eu sei o que faço. Pode ir. Eu vou mais tarde e Tônia vai descer a serra, só no quebrar da barra³.

² gíria do cangaço para designar a força policial.

³ amanhecer.

JOSIAS Faça como quiser, mas com sua cabeça a prêmio, os cabras estão doidos pra pegar na dinheirama...

JOÃO Não me pegam, a não ser quando eu mandar pro inferno o derradeiro filho dessa raça imunda!

JOSIAS Homem de Deus! Não leve essa vingança até o fim. Não vê que nessa loucura já se foram sete?

JOÃO Sete! Mas ainda falta um; dos meus, morreram seis – e a mim deixaram por morto!

JOSIAS Você já teve a sua vingança, compadre. Uma coisa que já faz tanto tempo!

JOÃO *(Pensativo.)* Vinte e cinco anos – e é como se tivesse acontecido ontem. Agora, resta fazer o que ainda falta, depois... pego Tônia no dente e vou pra bem longe, viver sossegado...

JOSIAS É de que todo mundo precisa – de sossego. Você, Tônia, os filhos – e até eu...

JOÃO Você?

JOSIAS Sim. Será que também não faço parte da família? Ou se esqueceu que sou primo de sua mulher, fui bendizer criado pela minha tia, e que já fui padrinho de filho seu duas vezes...

JOÃO Só falta alegar que cuida dos troços, que é o capataz, o vaqueiro...

JOSIAS *(Magoado.)* Não tem quem possa com você, João... É um revoltado...

JOÃO A vida assim me fez... nasci pra vingador... e pra judeu errante...

JOSIAS Ninguém nasce com uma sina dessa. Pára com tanta loucura. Vá procurar um de seus filhos.

TÔNIA *(Entra com o café.)* É o que eu digo toda hora a ele. Podia ir pra casa de Angelina. Lá já é Ceará e força da Paraíba não delega nada.

JOÃO Sou lá homem de viver em casa de filho! Vou me largar é no oco do mundo⁴.

JOSIAS Senão fosse a derradeira morte – a do finado Aristides...

JOÃO Não me chame aquele cachorro de finado.

JOSIAS O morto era sargento da polícia! Aí deu a breca!

TÔNIA Não discutam pelo amor de Deus!

JOÃO Esse homem me tira do sério!

JOSIAS Tá bom. Não se fala mais nisso. Se você quiser descer comigo a serra – eu espero. Se não, vou embora...

JOÃO Já disse que vou sozinho.

JOSIAS Então, vou indo. Que escuridão! Que Deus fique na companhia de vocês. Até a vista! *(Sai.)*

QUADRO 3

TÔNIA Olhe aqui suas coisas. Tá tudo num saco só. Eu bem podia ir com você. A gente ficava uns tempos na casa de Zezinho...

JOÃO Fazendo o quê? Escondido na camarinha feito mulher parida?

TÔNIA ... ou então na casa de Lucas. Lá é quase Piauí. Ninguém ia te aporrinhar.

JOÃO Ô xente, agora tu só pensas em casa de filho?

⁴ lugar desconhecido.

TÔNIA Não me conformo de viver só a vida inteira...

JOÃO Pois se quer viver agarrada à ninhada – é só ir embora.

TÔNIA Homem, pense na minha situação. Minha mãe se foi e agora eu estou só...

JOÃO Tu mesma botaste nossos filhos pra longe, um por um, não foi?

TÔNIA Mandei porque queria que vivessem em segurança. Sempre temi que alguém se vingasse num deles...

JOÃO Tu sabias que meu destino era acabar com aquela raça maldita...

TÔNIA Mas tu não podes viver sempre escondido que nem bicho bruto...

JOÃO O homem nasce é pra sofrer mesmo. Tou calejado.

TÔNIA Viver mal comido, mal dormido...

JOÃO Deixa de lamúrias, não agüento mais.

TÔNIA Tu não agüentas nem eu também. Viver dia e noite pensando, rezando, agoniada...

JOÃO De besta! Só pensa no que não presta.

TÔNIA A gente nunca foi feliz!

JOÃO Não foi, mas tá aí – cinco filho! Do jeito que Deus mandou: – Crescei e multiplicai-vos!

TÔNIA Cinco filhos gerados no desespero.

JOÃO Que é que tu querias mais? Ter casado com um maricas? Eu fui ou não fui homem? Cumpri ou não com minha parte?

TÔNIA Não é só isso...

JOÃO Que te faltou então? Comer bom? Roupa bonita? Luxo?

TÔNIA Não precisa se alterar. Vamos dar um tiro no assunto.

JOÃO Dou nada! Agora que se começou se vai até o fim. Tá se queixando de maltrato... Pois bote as carta na mesa! Fale!

TÔNIA Deixa isso pra lá, João.

JOÃO Deixo uma ova. Agora tu me botou a mosca na orelha e não saio enquanto não destrinchar tudo direitinho. Não vou sair com uma queixa atravessada na goela. Desembuche.

TÔNIA João, não foi a falta de comida nem de roupa – eu trabalhei e dei conta da casa. Meu sentimento... é coisa de mulher...

JOÃO Coisa de mulher? Que coisa?

TÔNIA O que me fez sofrer... foi a espera vã de teus carinhos de marido... que nunca chegaram... esta tua dureza, esta segura...

JOÃO Carinhos de marido! – E a filharada? Queria mais?

TÔNIA Queria... aquilo que faz os homens diferentes dos bichos bruto.

JOÃO Tu não tem vergonha de falar nesses assuntos?

TÔNIA Meus filhos acarinham as mulheres deles e minhas filhas são acarinhadas pelos maridos... – Só nós...

JOÃO Tou estranhando essa proposta... Isso tem água no bico⁵! Quem te falou nessas nojeiras? Isso é pra mulher-dama!

⁵ no sentido, de algo fora da normalidade.

TÔNIA Isso não é sujeira – é amor.

JOÃO Tu nunca usaste um palavreado desse! – Alguma coisa aconteceu contigo. O que foi? O que te fez mudar de comportamento?

TÔNIA Eu sempre desejei dizer-te isso... mas tinha pejo... Agora, porém, ou desabafo ou morro!

JOÃO Mulher! – Tu ages como uma prostituta! Mulher séria não procura homem. Tua boca te perdeu. Agora sei que me enganas! (*Então, fora de si, João torce-lhe violentamente o braço.*) – Quem é ele?

TÔNIA Ele? Ele quem?

JOÃO Não te faças de desentendida! – Com quem tens andado?

TÔNIA Eu? – Estás doido?

JOÃO O compadre Josias?

TÔNIA Que é isso, João?

JOÃO Confessa! – Com quem dormes na minha ausência, quem te faz carícias – as carícias que nem conhecias, que nem sabias existir?! Fala!

TÔNIA Não me machuques... – As noites... passo-as com tua sombra...

JOÃO Mentira!

TÔNIA ... com minha solidão...

JOÃO Falsária!

TÔNIA ... com minha saudade... que dói... desesperadamente... (*Solução angustiada.*)

JOÃO Perjura! – Pensa que acredito? – Fala a verdade!

TÔNIA (*Baixinho.*) Essa é a verdade.

JOÃO Mulher, eu posso estar velho, cansado como um cão doente, mas não sou o abestalhado que imaginas!

TÔNIA Eu sei.

JOÃO Então, como queres que eu engula essa vileza? – Vamos, confessa de uma vez ou eu te mato!

TÔNIA Já disse tudo. Esgotei...

JOÃO Infeliz, tu me levas a isto! (*Enlouquecido, avança sobre Tônia, tentando esganá-la. A mulher se defende e luta bravamente. Os dois se engalfinham num abraço de vida e morte, mas o homem é forte e ela vai cedendo... cedendo...*) Confessa, miserável, confessa o teu erro. – Não sabes o que se deve fazer com a mulher perjura? Não vais morrer apedrejada – morrerás nas minhas mãos.

TÔNIA (*Num gemido.*) Me... larga...

JOÃO Traidora! Rameira! Agora, já nem sei... se sou pai... desses filhos...

TÔNIA Eu... juro... por Deus... me solta...

JOÃO Tu não me conheces... ainda... fala... diz a verdade... confessa antes de morrer...

TÔNIA Eu... estou... morrendo...

(*Um soco violento bota a porta abaixo. E das trevas surgem homens, apontando bacamartes. Atônito, João solta Tônia, que cai, como um saco, no chão.*)

CHEFE DOS HOMENS Mãos ao alto!

(João esboça um gesto de pegar a arma sobre a mesa.)

CHEFE

Não se mova! Está na minha mira!

(Tônia levanta, cambaleando e, num salto, cobre o corpo de João com o dela, enquanto sopra.)

TÔNIA

(Para João.) Foge!

CHEFE

Se se mexer é um homem morto! A casa está cercada. Vamos levar você vivo ou morto.

JOÃO

Não carece violência. Sei honrar o meu fim.

(Dois homens avançam com cordas e amarram João. Outro segura Tônia.)

CHEFE

A caminho!

TÔNIA

(Soltando-se.) Esperem! Não levem meu homem antes que eu fale com ele!

CHEFE

Saia da frente! Preso não tem direito a regalias! Vamos, marchem!

(Lentamente o cortejo, passo a passo, percorre a distância até a porta, dando tempo para a fala de Tônia.)

TÔNIA

É hora de horizontes já fechados!

No princípio noturno do não ser!

Voltarás em futuros disfarçados

Como a água jorrando ao amanhecer!

No limite da noite sem limite

Não é dado ao mortal o conhecer!

Como pólen ou fruto ou grão de trigo

Voltas vezes sem conta a renascer!

Além da vida e acima do tempo

Nós dois teremos que nos encontrar!

Vento de Deus, sopraí da Eternidade

Para a humana agonia aliviar!

(Soldados e prisioneiros vão saindo e somem na noite. Tônia só. Ouve-se uma descarga de tiros.)

TÔNIA

Dói, como dói a descarga de tiros na escuridão!

Foi-se o meu homem, agora é pólen, fruto, tensão!

É todo ou parte do Todo.

Vôo aberto à vastidão.

- Anjo de asas partidas

desmoronando no chão.

Pai Nosso que estais no céu

Por ele eu peço perdão!

UMA MULHER DAMA

Programa de estréia de *Uma mulher dama*, apresentada no Teatro Severino Cabral, Campina Grande, Paraíba, em 1979, numa produção do Grupo Feira de Teatro*

Direção: *Hermano José Bezerra*

Personagens
Agatoclides
Pedro

* Não há, nas fontes consultadas, detalhes sobre o elenco desta montagem.

QUADRO 1

Secretaria de um teatro. Pedro escreve. Agatoclides entra.

AGA Boa tarde. Por acaso falo com o mandatário disto aqui?

PEDRO Não senhora. Fala com o encarregado.

AGA Encarregado de quê?

PEDRO Encarregado do diretor.

AGA Diretor de quê?

PEDRO Ora, diretor da entidade.

AGA Entidade? – Que entidade?

PEDRO A que mantém este auditório.

AGA Isto aqui tem alguma coisa a ver com “espiritismo”?

PEDRO Não senhora. Trata-se de uma sociedade beneficente.

AGA Mas o senhor falou em “entidade”... e “entidade” é coisa de espiritismo.

PEDRO Eu falei em entidade mantenedora desta sociedade, a senhora não entendeu bem...

AGA Foi o senhor que se expressou mal.

PEDRO Eu me expressei corretamente. Não tenho culpa...

AGA Os fracos sempre encontram uma desculpa pra não terem culpa.

PEDRO Isto é uma indireta?

AGA É uma tirada filosófica...

PEDRO Afinal, que deseja?

AGA Eu não desejo – pretendo! Mas quero falar ao diretor...

PEDRO Ele está de férias. Pode falar. Eu sou o encarregado.

AGA Já disse que é encarregado. Só não sei de quê...

PEDRO Ora, eu resolvo coisas...

AGA Resolve coisas... – Que espécie de “coisas” o senhor resolve?

PEDRO Uma porção delas. Com relação a chaves, por exemplo....

AGA “Com relação a chaves”... – Que faz o senhor com “chaves”? – Abre?

PEDRO E fecho também.

AGA Abre e fecha – o quê?

PEDRO Portas...

AGA Portas – na frente?

PEDRO E da trás também – se a senhora quiser!

AGA Olhe bem pra minha cara e veja se tenho jeito de usar traseiras!

PEDRO Não é pela cara que se sabe.

AGA E por onde o senhor acha que é?

PEDRO Que papo furado! – Diga logo o que deseja e pronto!

AGA Já disse que não desejo – pretendo falar com o diretor.

PEDRO Também já disse que posso resolver...

AGA Resolver – o quê?

PEDRO No tocante a chaves – tudo.

AGA Tudo? – E como disse que só podia abrir e fechar?

PEDRO E posso, porque sou o porteiro. Pedro Santos – porteiro.

AGA “Pedro Porteiro”. Será que bati enganada à porta do céu?

PEDRO Diga logo o que pretende!

AGA Antes de tudo e primeiro que nada o senhor precisa saber com quem está falando pra baixar um pouco o topete! – Saiba que descendo das antigas famílias de reinóis...

PEDRO Já sei... – dos quatrocentos degredados que aqui aportaram...

AGA Menos a verdade! – De reinóis que acompanharam D. João VI...

PEDRO Tudo um bando de exploradores...

AGA Descobridores!

PEDRO Exploradores! – Aqui ninguém descobriu nada. Nem em toda a América!

AGA E Américo Vespúcio? – E Colombo? – E Pedro?

PEDRO Eu?

AGA Estou falando de célebres navegadores...

PEDRO De corsários, aventureiros que aportaram terras já habitadas, escravizaram os nativos, mataram, roubaram, devastaram em nome de reinados falidos...

AGA Não deturpe – eu sou professora de História!

PEDRO Não da verdadeira!

AGA O senhor pode se dar mal!

PEDRO É uma ameaça?

AGA É um conselho!

PEDRO Se conselho valesse alguma coisa era vendido – e caro! Mas, diga o que “pretende” falar com o diretor...

AGA Primeiro quero dizer quem sou pra imprimir mais respeito.

PEDRO Já sei – “professora”...

AGA Não é só isso. Pertencço a troncos importantes! – De um lado tenho o Ó Regalado de meu pai e do outro o Pinto do Montenegro de minha mãe...

PEDRO E daí?

AGA Daí que venho de origens fidalgas que aportaram ao Brasil na expedição daquele bispo célebre – lembra-se?

PEDRO Não sou nenhum Matusalém...

AGA Mas a história falou – um escândalo!

PEDRO Desconheço o fato.

AGA Que péssimo aluno o senhor foi... – Acho que era dos que passavam o tempo inteiro com aquelas horríveis orelhas de burro na cabeça... Porque não saber uma história horrorosa que arrepiou todos os cabelos da época...

PEDRO Até que fui um bom aluno...

AGA Um bom aluno e não conhece a história do bispo! – Ou, quem sabe, está se fazendo de chato pra não rolar?

PEDRO Interprete como quiser.

AGA “Interprete como quiser”... – mas está doidinho pra saber... Só que agora não conto mais – não conto, não conto, não conto!

PEDRO Afinal, que história é essa?

AGA Eu não disse? – Agora ficou todo assanhadinho! – Garanto que se fosse pra aprender o credo não estaria tão apressado!

PEDRO Deixe de suspense e diga logo o que foi!

AGA ... está esquentando...

PEDRO Arre com esse puxa-encolhe...

AGA Que puxa-encolhe?

PEDRO A senhora com... o negócio do bispo...

AGA Deixe de ser atrevido que eu sou uma dama!

PEDRO Não quero mais saber de nada! – Que coisa mais chata!

AGA Chato foi o que aconteceu e o mundo inteiro comentou...

PEDRO Que foi?

AGA Eu ia bem contar! – Se quiser saber – pesquise nos livros! Eu não sou de dar o peixe – mas de ensinar a pescar! – Agora, que foi de tremer a terra – foi!

PEDRO Não consigo recordar...

AGA Não consegue porque foi mau aluno! Uma coisa que causou tanto horror – que arrepiou todos os cabelos da época! Até diziam: – no Brasil é fogo! Chegou lá e deu sopa...

PEDRO Sopa? – E... o bispo... – deu?

AGA Se deu ou se não deu – eu não estava lá pra ver... – Mas que foi comido – está registrado na história!

PEDRO Ah!

AGA Imagine o bafafá na corte! – Como brasileiro é safado! Lá ninguém escapa! – Dizem que comeram até o bispo!

PEDRO O bispo? – Que bispo foi?

AGA D. Pero Fernandes Sardinha!

PEDRO Também com um nome desses! – Sorte a de Duarte Coelho!

AGA Sorte de muitos que ainda estão por aí com sobrenome de Carneiro, Cordeiro, Barata, Falcão...

PEDRO Um bispo – quem diria!

AGA Qual é o problema? – Será que ele tem algo de mais ou de menos que o resto dos mortais? – Ao contrário, aquela minha roxa no pé e aquele anelão no dedo só lhe dão muito orgulho e empáfia! E olhe lá, hein?

PEDRO Que raiva! – A senhora tem algo contra bispos?

AGA Tenho! Principalmente contra um tal que me crismou!

PEDRO Era Sardinha também?

AGA Não – era Grilo. – D. Ivo Grilo. – Pois bem, despeitado com a inexpressividade do próprio nome – arrasava com os mais expressivos que lhe caíam nas mãos...

PEDRO Nome não vale nada!

AGA Vale! – Vá Fulano de Tal dos Anzóis Carapuça disputar emprego com um Zé-da-Silva qualquer! – Primeiro, “Silva” é sobrenome de quem não tem família...

PEDRO Que tem isso a ver com a estória desse outro bispo?

AGA Espere! – Quem se vexa come cru...

PEDRO Come o quê?

AGA Que nervosismo! – A estória é essa: quando eu me batizei, como acontece em todas as famílias tradicionais, me puseram um nome extenso, apresentando como sempre o “Maria” na frente... E a senhora apresentou?

PEDRO Claro, que eu não era diferente... – Pois bem, depois do “Maria” veio o Agatóclides, com acento no “Ó”, depois o Pinto do Montenegro de minha mãe e, por último, o “Ó” Regalado de meu pai...

PEDRO Um nome e tanto!

AGA Lindo, não era? – Pois sabe o que o tal bispo fez?

PEDRO O... comido...? Isto é – o Sardinha?

AGA O Grilo, idiota. Ao me crismar, altamente despeitado com a importância de meus ancestrais, apagou o meu “Maria”, raspou o Montenegro do Pinto de minha mãe e me deixou apenas com o “Ó” Regalado de meu pai...

PEDRO Regalado com “Ó” no acento...
 AGA Sim... e mais... sem lenço nem documento... como rabo de jumento!

PEDRO Continue – mas deixe de lado o relambório...
 AGA Não fiz nenhum relambório e sim um suspensório pra lhe dizer minha pretensão. – Quero este auditório para uma função pedagógica teatralizada. É uma pesquisa antropológica feita por um ilustre professor, doutor em sânscrito, aramaico e todas as línguas mortas e extintas!

PEDRO Puta-merda!
 AGA O senhor falou?
 PEDRO Não disse nada. Apenas, se era o auditório, eu mesmo posso dar.

AGA Dar? – Quer dizer que o senhor também dá?
 PEDRO Dou sim. Aliás, já tenho dado a muita gente.
 AGA O senhor? Com essa cara e essa pose? – Tem dado – o quê?

PEDRO O solicitado. Basta que me preencham uma ficha.
 AGA Ficha?
 PEDRO Sim. A senhora preenche, assina e pronto!
 AGA Preencher e assinar fichas! Será que ainda estamos sob o jugo da ditadura – quando até pra soltar um “pum” tinha-se que preencher fichas, apresentar documentos, dedar, etc. e tal.

PEDRO Isto é apenas uma formalidade!
 AGA Eu sei! – Daqui a pouco o senhor vai exigir até um fio de barba e como não o tenho...

PEDRO Não quero fios de canto nenhum, apenas peço que me responda ao questionário – é só!
 AGA Menos a verdade – o senhor me coagiu como se eu soubesse segredos do Estado! – Mas, olhe

aqui – eu nunca desacatei nem fui desacatada; nunca denunciei nem fui denunciada; nunca dei parte de ninguém nem fui chamada à delegacia pro senhor me investigar desse jeito como se eu fora contrabandista ou receptadora de drogas. Será que está querendo comer bola?

PEDRO É louca! – Eu apenas pedi...
 AGA O senhor tentou me agredir, me desmoralizar como se eu fosse alguém sem eira nem beira... – mas eu sou uma dama!

PEDRO Se é assim... – queira desculpar...
 AGA Desculpa é pouco.
 PEDRO Perdoar!
 AGA Ainda é pouco.
 PEDRO Por favor...
 AGA Bem, como o senhor se retratou, se humilhou, arrastou-se desesperado aos meus pés – e eu aqui estou nua e crua e inteiramente sua – pode dizer o que quer de mim.

PEDRO Agora – só o nome.
 AGA O nome. E eu não já disse?
 PEDRO Esqueci.
 AGA Esclerosado. Meu nome é Agatóclides.
 PEDRO Ah! – Com acento no ó...
 AGA No Ó Regalado de meu pai.
 PEDRO E o Montenegro de sua mãe?
 AGA Já lhe disse que o bispo raspou com Pinto e tudo!
 PEDRO Tudo bem. Agora a idade.
 AGA O quê?
 PEDRO Sua idade.
 AGA Safado! – Pilantra! – Cretino! – Quem é você pra me fazer uma pergunta imoral dessa?

PEDRO Desculpe, eu não sabia...
AGA Não sabia nem devia, atrevido! – Então não sabe que sou do tempo da civilidade? Quem tem educação não pergunta idade!

PEDRO Então diga ao menos o título do espetáculo.
AGA Isso eu digo. É “Prefácio Introdutório e Panegírico das Lucubrações Perigrásticas”, do eminente Professor Doutor Sidarta Maharich Samurai Blavastki, meu diretor de cena.

PEDRO Tudo certo. Vou marcá-lo para o dia 27 de março, dia mundial do teatro. E agora, está despachada.
AGA Despachada? Por ventura serei carta ou encomenda ou Sedex, pra ser carimbada, despachada e jogada no lixo? – Pois olhe bem na minha cara, seu truculento, bárbaro, machista – olhe bem na minha cara e veja se sou de sua laia... Eu sou, sim, uma dama em toda a acepção da palavra!

QUADRO 2

AGA *(Entra.)* Seu Pedro, ô seu Pedro Porteiro!
PEDRO Outra vez? Pensei que só voltaria no dia da apresentação.
AGA Pensou, foi? Pois todo penso é torto! – Vim saber quantas pessoas comporta esta auditório, pra ter base na venda de ingressos.
PEDRO Quantas pessoas... sentadas?
AGA E havia de ser deitadas?

PEDRO Vai depender... – Apertadas ou frouxas?
AGA Enxerido! – Também, quem vai se espremer não sou eu....

PEDRO Não sei informar. Sou péssimo calculista.
AGA Eu já esperava essa resposta. E sabe por quê? Porque isto é a terra do arrumadinho – em vez de se empregar quem tem competência – enche-se as repartições de parente e afilhados preguiçosos e analfabetos – e o resultado é a esculhambação geral e irrestrita que se vê em todos os setores da administração.

PEDRO Alto lá! – Analfabeto não! Eu sou universitário!
AGA Estou fazendo Administração!
PEDRO Universitário? – Grande coisa! – Como se essas universidades valessem nada! – Hoje em dia qualquer bangalafumenga¹ é universitário, pra isto basta tirar diferente de zero!
PEDRO Também não é tão rasiño assim não!
AGA É nada! – Como se eu não soubesse que, além de tirarem diferente de zero – daí a pouco são professores com diferente de zero também!

PEDRO A senhora não prova o que diz.
AGA Provo e reprovó! – Pra melhor lhe dizer, minha peniqueira² fez o Mobral o ano atrasado, o Supletivo o ano passado e hoje é aluna de Comunicação!

PEDRO A senhora é otária mesmo!
AGA Não sou otária, nem reacionária, nem revolucionária e muito menos atrabiliária³! – Agora, vendo uma coisa errada, casco a boca

¹ indivíduo sem préstimo, João-ninguém.

² depreciativo para empregada doméstica.

³ colérica.

pra cima e se quiser me engolir, abro os braços que é o melhor remédio. Por que não criar faculdades condizentes com o povão? De cozinheira – o anel, uma panela; de peniqueira – o anel, um penico? E assim por diante! – Morou ou não morou?

PEDRO A senhora ainda vai encontrar quem lhe bote uma tampa no chocalho!

AGA Mas enquanto não encontrar, vou badalando contra safadeza, contra os que falam de boca cheia: quer dizer que o governo se importa com secas no Nordeste, Amazônia, ou apenas com o sul-maravilha?

PEDRO Conheço tipos assim. Falam enquanto estão fora do sistema, mas quando entram nele – vão fazer o mesmo ou pior que os outros!

AGA Sistema! Sistema! – O senhor defende porque está mamando na vaca leiteira! Pois eu também já entrei num, mas não mamava – dava leite pros outros. – Era professora primária, desasnava burros e trabalhava pra burro também!

PEDRO Foi mesmo?

AGA Nesse tempo a coisa não corria tão frouxa assim. Ainda havia vergonha... Mas hoje, com raríssimas exceções, só tem rato no poder... é funcionário demais, esbarrando uns nos outros e cada grandão que entra bota uma enxurrada de parentes portas a dentro...

PEDRO A senhora é perigosa!

AGA Posso ser perigosa, mas mentirosa não sou. – Quando digo uma coisa, bato o prego e viro a ponta!

PEDRO Não tem medo de ser chamada à responsabilidade?

AGA Ah! – Conheci um governador que transformou cada repartição num puteiro. De dia as coisadas não faziam nada, que não tinha o que fazer. Mas quando anoitecia... era só encostando carro oficial e enchendo... e o diabo é que levava! Primeiro eram os casais do primeiro, segundo e terceiro escalão, depois até o caminhão do lixo entrava na cachorrada e lá se iam com Satanás nos couros!

PEDRO Hoje não acontece mais isso. O governador agora anda de porrete na mão.

AGA Porrete? Que diabo é porrete?

PEDRO Porrete? É um... pau.

AGA Pois de pau na mão ou de mão no pau – é tudo uma canalha só!

QUADRO 3

AGA Seu Pedro Porteiro – cheguei!

PEDRO Novamente?

AGA Quem é vivo aparece. Vim pedir pra colocar mais uns bancos, pois já vendi quinhentos ingressos.

PEDRO Que loucura! – Mas não se preocupe, o povo compra pra se livrar do sete-seco, mas não comparece... Como é, já entrou em contato com a SBAT?

AGA SBAT? O que é isso?

PEDRO O órgão que recolhe os direitos autorais pra pagar aos autores. Não sabia que se tem que

pagar cada texto apresentado aos que os escreveram?

AGA Ah, nossos textos são medievais, os autores são mortos e nunca ouvi dizer que mortalha tivesse bolso...

PEDRO E os parentes?

AGA E quem vai fuxicar a eles que estamos mexendo nas coisas dos desencarnados? Defunto precisa é de reza!

PEDRO A senhora tem saída pra tudo. Sabe, eu gostaria de ver os scripts. Estão aí?

AGA Estão.

PEDRO Então dê-me.

AGA Aqui não se dá, não se vende, não se troca - e deixe de fofoca.

PEDRO Eu poderia dar uma sugestão...

AGA Sugestão aceito. Mas o texto não dou. Quem dá o que lhe dão vira pidão. E vou declamar pra valorizar as pausas, os trêmulos, os suspiros...

PEDRO Então comece.

AGA Vou iniciar pelo grande poema de poeta quinhentista, Atrabiliário Satiridório. Prepare-se para suspirar, tremer, chorar e desmaiar! Um, dois, três... lá vai...
- "Tu és o quelso do pentagamírio carpindo as grimpas do fermucolério...

PEDRO O que é isto, meu Deus?

AGA - "Saltando as taipas do furor salírio nos rubros caules do tremor sidério...

PEDRO Que língua estranha é essa?

AGA - "Cornamusando as cítaras crotálias degradingoladas nas hipocondrias...

PEDRO Que destempero, que absurdo...

AGA - "Címbalos curram virginais crisálidas
Sucubiando nas pederastias..."

PEDRO É lelé da cuca! - Coisa de maluco!

AGA Maluco é você. Maluco e alienado, não conhece literatura medieval!

PEDRO Literatura medieval! - Isso não passa de uma piada de mau gosto. Onde já se viu coisa igual!

AGA Tem coisas massificadas das TV's para abestalhados que nem você; coisas tristes para abiscoitado chorar, política para quem gosta de enganar os trouxas e até "estilo hermético" para os imbecis que querem passar por gênios...

PEDRO Onde está o Guru que fez a pesquisa?

AGA O professor? Coitado! - Passou noites e noites pesquisando, escreveu e rasgou vintes resmas de papel, no fim, o senhor tem o atrevimento de condenar sua obra-prima... deixei-o lá, no mundo da lua...

PEDRO Maluco?

AGA Sai pra lá com teu lili! O pobre está passivo! - Ah, quem era aquele moço! Um atleta e tanto! Me lembro de um desfile... era uma coisa grandiosa e ele ia na frente, carregando o facho nas mãos - um pauzão aceso!

PEDRO Jogos de primavera?

AGA ... e lá ia ele, garboso como um Adônis, com o facho acima da cabeça e a multidão aplaudindo... - Mas o desfile era muito longo, o rapaz foi fraquejando...

PEDRO Fraquejando?

* mau agouro.

AGA E de vez em quando se queixava, coitado: “Meu pau está esquentando...”

PEDRO E ninguém dava atenção?

AGA Ninguém escutava, até que, em dado momento, como não tomassem as providências cabíveis, o pobre não agüentou mais e saiu pulando e gritando: “Acudam! – Meu pau está pegando fogo!”

PEDRO Gostaria de conhecer este rapaz!

AGA Eu sabia! – Estava escrito na sua cara! Safadão!

PEDRO Não é o que a senhora está pensando!

AGA Não é? Faz que olha, jacaré! – É sim! – Quando falo no Guru todo mundo se assanha! Bando de filho da... Vão ser tarados assim no inferno! Sem-vergonhas! Safados!

QUADRO 4

PEDRO *(Só.)* Sem querer, estou me deixando contagiar pelo entusiasmo da velhota. Embora amalucada, não se pode negar que possui uma garra impressionante! – Essa mulher politizada iria longe! E é o que eu vou tentar...

AGA *(Entra.)* Seu Santos, ô seu Santinho...

PEDRO Ah, estava pensando justamente na senhora! E o Guru?

AGA Continua no mundo da lua, coitado, mas mesmo assim pesquisando...

PEDRO Eu gostaria que ele escrevesse algo muito forte sobre nossas origens, onde entrassem fatores ibéricos, mouros, e viesse subindo – algo de baixo, do nosso cerne, de nossas raízes!

AGA Sobre nossas raízes não tem, mas ele pesquisou textos de Orbe Seráfico e Santa Rita Durão, ambos medievais – que falam da maravilha dos paus brasileiros – e como pau é continuação da raiz...

PEDRO Orbe Seráfico escreveu coisas importantes sobre nossa flora e Santa Rita...

AGA Durão...

PEDRO Sim, o Durão fez um bom estudo sobre a farmacopéia das raízes e folhas de nossas matas... – Então o nosso Guru escreveu mais um texto? Mostre.

AGA Mostrar eu não mostro, mas posso ler. Foi tudo escrito em sânscrito, linguagem escorreita, antológica mesmo, em redondilha maior, com giros estilísticos, pleonásticos, ditirâmbicos, hiperbólicos, epopéicos e anacolútics! – Mas ficou lá, prostrado...

PEDRO Está tão mal assim?

AGA Está adversa e restritivamente comatoso. Está assim que nem papagaio – só faz comer e cagar...

PEDRO Mas a obra saiu... – Qual o título?

AGA Obra Elegíaca e Póstuma dos Paus Brasileiros.

PEDRO Deve estar muito substancial... Leia, leia...

AGA Eu sabia que te pegava na curva! – Então escute.

PEDRO Vamos, depressa!

AGA Espere ainda! Também não é trepada de galo não! Lá vai:
“Sobre a terra brasileira
– que em plantando tudo dá

PEDRO
AGA
 Pau caído se levanta
 com sumo de mangará
 Tem aí onze mil virgens
 – pra onze mil varas pegar!”
 Já começou...
 “Virgens cheias de calor
 – igual a noites de estio,
 dispostas a esquentar
 os paus que tremem de frio
 se eles vêm a congelar
 – elas acendem o pavio!”
 PEDRO
AGA
 Que Guru emotivo...
 “Sobre os paus brasileiros
 – muito se tem a dizer,
 há deles fortes, fornidos
 – vindo a tonéis parecer
 outros fracos, inibidos
 – só se precisa escolher!”
 PEDRO
AGA
 Isto é de Seráfico ou de Durão?
 “O pau rijo é o pau-ferro
 – o pau santo é adorado,
 por ser o cedro tão duro
 – é um dos mais procurados
 e medicinais há tantos”
 – também muito apreciados...
 PEDRO
AGA
 Eu gostaria de saber... um momento...
 “Entre os paus existe os moles
 – de domésticos teor
 que fazem pequenas coisas
 – sem importância ou valor
 e existem os almiscarados
 de fortíssimo odor!”

PEDRO
AGA
 Um momento só – eu gostaria...
 “Há os cipós enroscados
 – como se sentissem frio,
 outros grooossos são deitados
 como pontes sobre o rio,
 outros que – alevantados
 – servem de mastro a navio...”
 PEDRO
AGA
 Acabou?
 “Há paus brancos e singelos,
 pardos, pretos, amarelos,
 de raça fraca ou viril,
 mas nenhum tem a beleza,
 a graça e a fortaleza
 do vermelho PAU BRASIL!...”
 PEDRO
AGA
 Meu Deus – que heresia!
 Heresia? Este poema é de Frei Querubino do
 Espírito Santo, contando a el rei D. Sebastião
 as belezas do país! Você, Pedrinho, é que é
 malicioso e analfabeto!
 PEDRO
 Concordo. Aprendi a concordar com tudo o
 que a senhora diz. O poema é lindo, lindo, um
 poema sacro. Mas eu gostaria que fossem
 pesquisadas as raízes...
 AGA
 Ora, as raízes estão nos paus, logo ali...
 PEDRO
 Eu estava pensando nas raízes de nossa
 nacionalidade! Precisamos conhecer a fundo
 nossas origens pra melhor conhecer nossa
 gente, esses brasileiros que têm no sangue um
 coquetel de raças, das mais diversas fontes!
 AGA
 Esse negócio de coquetel é pra quem bebe. E
 eu, Agatoclides do Pinto de Montenegro de
 minha mãe e do Ó Regalado de meu pai – nunca

bebi, nem joguei, nem farrei e nem tive amantes!
Sou uma dama...

PEDRO Claro! – Mas como eu dizia, só de posse do conhecimento de nossas raízes poderemos entender nosso povo, levantar seus problemas, suas carências, para estudá-las cultural, social e politicamente... não oferecendo soluções demagógicas, mas levando-o consciente a seus verdadeiros caminhos!

AGA Falou?

PEDRO Falei. D. Gagá, nós temos nosso modo de ser, nossa cultura, herdada de nossos ancestrais europeus, índios e africanos. Este modo de ser está em nossa carne, sangue, alma. Essas heranças ainda estão se amalgamando dentro de nós, para nos tornar uma raça forte, combativa, poderosa...

AGA Faltou aí um belo adjetivo.

PEDRO Qual?

AGA Carnavalesca, futebolesca, safadinha...

PEDRO Ora, isto é bom demais. Agora nós temos que nos conscientizar do que valemos, do que fomos e do que somos. Temos que amadurecer. Cuidado. Tem muitos que devem estar amadurecendo a carboreto...

AGA

PEDRO Escute. Quando uma cultura começa a se contaminar com interesses estranhos, perde suas características básicas e se aliena por completo. Hoje, por exemplo, tudo o que nos apresentam é enlatado, pra embotar nosso senso crítico e nos tornar presa fácil de interesses alheios... entendeu?

AGA Entendi, que não sou mentecapta.

PEDRO Pois bem. O que devemos fazer é mostrar a importância de valorizar o que é nosso, de esclarecer as massas, principalmente os jovens, levar essa gente a brigar pelo que é seu, a se informar, a crescer... – e as escolas, o teatro, são grandes veículos para este trabalho. Isto é o que o seu Guru deve fazer. Escrever textos politizados, denunciar... brigar!

AGA Denunciar! O quê? Brigar? Com quem? Pelo que eu vejo você quer fazer do meu Guru um herói a muque! – Quer que ele entregue os que estão montados no poder! Ser porta-voz das injustiças, das safadezas! Herói como os que pagaram com a vida as falcatruas passadas! Herói como Tiradentes! Ora, se Tiradentes que era Tiradentes foi morto e esquartejado, quanto mais este maluco que nunca foi alferes nem porra nenhuma!

PEDRO Mas D. Gagá...

AGA Não me chame de Gagá que não estou esclerosada!

PEDRO O que eu queria dizer é que um povo faminto, analfabeto, e alienado como é o nosso povão, se não vier a adquirir consciência política – jamais deixará de pertencer ao terceiro mundo – morou?

AGA Morei e não morei. O que você quer?

PEDRO Quero que o Guru escreva um texto simples, falando de verdades que estão debaixo de nossas vistas e pouca gente vê. Quem são os atores?

AGA Gente do bairro mesmo.

PEDRO Ótimo. Vamos pegar esta gente pra conscientizar sua gente. Vai dar certo! Vamos teatralizar o óbvio, o que está debaixo de nossos narizes e poucos enxergam! Vá falar com o seu Guru! E toque aqui! Valeu!

AGA Agora vai sair uma obra caprichada! Até logo! Quem roía já dizia que esta obra não saía... Esta obra vai à rua com prazer e alegria! *(Sai cantando.)*

QUADRO 5

PEDRO *(Só.)* Oito horas! A sala está cheia e a fila ainda está enorme! Estou esfriando, tremendo! Nunca havia dirigido um espetáculo e a coroa levou-me a isto. Uma virtude ela tem – sabe liderar! – E o espetáculo saiu como eu esperava – com garra, suor, verdade...

AGA *(Entra, arrastando uma mala, ridiculamente vestida de corista.)* Ajuda, ajuda aqui, depressa...

PEDRO Mas o que é isto, você vestida assim, de atriz, de corista! O que lhe deu na telha? Que maluquice é essa?

AGA Vim vestida assim e vim de ônibus, levando assobio e dedada no rabo! – E mais, arrastando a mala de roupas, ladeira acima, ladeira abaixo – um horror...

PEDRO A troco de quê? E os atores?

AGA Os atores... ah, os atores... – Pra melhor lhe dizer não apareceu nenhum... nenhum!

PEDRO Que loucura! Por quê?

AGA Hoje é dia de jogo da copa e os safados estão vidrados na TV, bebendo e cantando, de verde-e-amarelo, torcendo que nem uns condenados!

PEDRO Que azar! – E o Guru?

AGA O Guru? Esse, de tanto escrever, rasgar texto e escrever de novo, está lá, prostrado... não espanta mais nem a mosca do olho.

PEDRO Quer dizer que o espetáculo não vai sair... – Você vendeu horrores de ingresso, veio todo mundo... Olhe só a platéia! – Vamos ser vaiados! Vamos apanhar!

AGA Que nada, coisa nenhuma!

PEDRO Vão nos linchar!

AGA Linchar uma ova! Eu disse que ia haver espetáculo e vai – sou uma dama! *(Começa a abrir a mala e tirar coisas.)* – E mais, vai sair uma beleza!

PEDRO Sair como? Sem atores?

AGA Sem atores? E nós dois?

PEDRO Nós dois? Pirou? Você é uma... dama e eu um diretor...

AGA Somos dois atores. Faremos um espetáculo de variedades...

PEDRO Variedades? Já vi que está “variando” mesmo. Eu não devia ter confiado. Você é louca, doida de hospício... Meu Deus, o que vai ser de mim?

AGA Não se altere. Nós vamos abafar! Confie e venha cá que vou arrumá-lo!

PEDRO *(Quase chorando.)* Vai fazer de mim o quê?

AGA Uma bailarina, uma coristazinha linda como eu!

PEDRO Não, nunca! – Socorro!

AGA Não resista que é pior. Meto-lhe uma cacetada e pronto!

PEDRO Está furiosa! – Acudam!
 AGA Não resista. Seja homem! – Não fuja à
 responsabilidade!
 PEDRO Ai, minha mãe do céu...
 AGA Calma... vai dar tudo certo...
 PEDRO Eu não tenho coragem...
 AGA Não precisa de coragem e sim de... jeito e isso
 você leva!
 PEDRO Jeito? Pior ainda!
 AGA Olhe que tem! – Vamos, seu disfarçado, arrieie
 as calças...
 PEDRO Eu juro...
 AGA Com essa cuequinha estampada de
 coraçãozinho? Agora vista...
 PEDRO Saiote? Nunca! Será mesmo que eu tenho
 “norral”?
 AGA Até bem desenvolvido. Mas tamanho não é
 documento... – Vai, veste depressa a sainha que
 preciso atacar o fechecler!
 PEDRO Já pensou na minha imagem – a imagem
 distorcida que vão fazer de mim? Vou perder
 meu emprego...
 AGA Imagem... muita gente já deve ter ima... ginado
 isto... agora, o bustiê...
 PEDRO Seios? Nem ver! – O meu ego masculino está
 reagindo...
 AGA Pois abaixe, senão eu corto! Agora o batom...
 o blache...
 PEDRO Deixe ao menos eu respirar...
 AGA Se respirar estoura o fechecler...
 PEDRO Preciso me acostumar à nova condição...
 AGA De mulher?

PEDRO De ator...
 AGA Colega, nenhum homem é totalmente homem,
 assim como toda mulher não é totalmente
 mulher. Ambos os sexos têm algo do... outro.
 – Até o próprio Deus é Pai e Mãe. É até
 chamado de PÃE!
 PEDRO Bonito!
 AGA A própria natureza é masculina e feminina,
 logo não é nada demais você dar de vez em
 quando uma desmunhecada! Vamos, assim, a
 mãozinha, a bundinha... belo, belo!
 PEDRO Tem certeza que esse negócio de homem
 desmunhecar vem do começo do mundo? – De
 Noé? Diga aí desde quando?
 AGA Desde quando? Do tempo de CU
 QUADRADO, morou?
 PEDRO Cu quadrado... é muito antigo mesmo...
 AGA Então vamos cantar! Vai fundo!
 (Aga começa.)
 AGA Sou uma pobre professora
 de mavé, mavé, mavé,
 o que ganho só dá mesmo
 pra tomar um mau café.
 PEDRO Sou pobre assalariado
 de mavé, mavé, mavé,
 o que recebo só dá
 pra chupar um picolé!
 AMBOS A cada dia mais pobre
 o povo tende a ficar
 sem casa, emprego, comida
 começa a desesperar.

Enquanto as favelas crescem
os campos ficam desertos
As soluções fictícias
os problemas são concretos!

Os meninos pelas ruas
o pão pretendem ganhar
mas na escola do crime
é que irão se formar!

Preconceito sobre o negro,
sobre o pobre, sobre o gay,
sobre ladrões de casaca
se há preconceito... não sei!

Na câmara, no senado
brigam, tiros, bofetada,
só pensam no seu salário
grande é a palhaçada...

No dia da eleição
crente o povo vai votar
sem saber se os eleitos
vão trabalhar ou roubar!

Cuidado, Brasil, cuidado
como vai se agüentar?
Um país espoliado
um dia tem que quebrar!



Esta obra foi impressa na oficina da Editora Q Gráfica em 2011
Campus Universitário, BR 101, Km 97,6
Tabuleiro do Martins - Fones: (82) 3322.2383 / 9351.2234
CEP: 57.072-970 - Maceió - Alagoas - Brasil
E-mail: qgrafica@yahoo.com.br - www.qgrafica.com.br